

MARIA APARECIDA PINTO SILVA

*A Voz da Raça*

Uma expressão negra no Brasil que queria ser branco

DOUTORADO – Ciências Sociais

PUC/SP  
2003

MARIA APARECIDA PINTO SILVA

*A Voz da Raça*

Uma expressão negra no Brasil que queria ser branco

TESE APRESENTADA A BANCA  
EXAMINADORA DA PONTIFÍCIA  
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO  
PAULO, COMO EXIGÊNCIA PARCIAL  
PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE  
DOUTOR EM CIÊNCIAS SOCIAIS, SOB  
A ORIENTAÇÃO DA PROFA DRA  
TERESINHA BERNARDO.

Biblioteca  
Nadir Gouvêa Kfour  
PUC/SP

PUC/SP  
2003

Biblioteca MA - PUCSP



100118330

**BANCA EXAMINADORA**

Maria Olaya Rumbaut

Reynolds Brand

Teresa Lora

Helena M. P. Torres

RS

## **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer a algumas pessoas que ajudaram na realização deste trabalho:

Maria Cristina Pinto Silva, por trabalhar nos microfilmes e xerox, no Centro Cultural de São Paulo.

Orlando Jeronymo, pela revisão sempre competente do texto.

Aos funcionários do Centro Cultural São Paulo e da Biblioteca Mario de Andrade, por trabalharem com extrema dedicação.

Aos meus amigos em Washington D. C.: Jason Hartford Smith e Solange Viana Smith e aos seus filhos, que me acolheram e deram todas as condições para a realização da minha pesquisa na Howard University.

Ao casal Miho e Michael Sharpe, que me hospedaram em New Jersey para a visita a Biblioteca da cidade de New York, no Harlem.

A Wanda Del Vecchio, que me deu encorajamento nos momentos mais críticos.

Aos meus filhos Daniel e André Silva Cambraia por ficarem ao meu lado, incondicionalmente, durante todo o tempo de desenvolvimento desse trabalho.

Aos meus pais, que lutaram com dignidade para a formação dos filhos.

Aos meus alunos, que durante todos esses anos de carreira me ensinaram o eterno prazer do conhecimento e da troca.

A todos os meus colegas dos bancos escolares, que por diversos motivos ficaram no meio do caminho, pararam de estudar, trabalharam, criaram seus filhos e entraram para as frias estatísticas do baixo índice de negros no ensino superior e pós-graduação neste país.

Finalmente, agradeço à orientação da Profa. Dra. Teresinha Bernardo, à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e à CAPES, pelo apoio institucional.

## Resumo

Este trabalho trata da análise interpretativa do jornal *A Voz da Raça*, concebido como uma expressão de um grupo social específico, os membros da Frente Negra Brasileira.

A partir da leitura do jornal foi necessário contextualizar o período de sua existência entre os anos 1933 a 1937. Trata-se do período de Getúlio Vargas e das transformações que ocorreram no país desde 1930.

Ainda sobre o contexto nacional, trago à tona o debate sobre Raça e Nação, pertinente naquele momento histórico, e cujo diálogo tinha ecos nos artigos do jornal negro.

Foi necessário também, em função da leitura, procurar desvendar e entender as conexões internacionais dos brasileiros com os norte-americanos e africanos, através do movimento denominado pan-africanismo.

Por último, trato da análise dos artigos do jornal realizada através da sistematização dos temas recorrentes, como a instrução dos negros, auto-estima, valorização da raça e seu papel histórico, entre outros, e ainda da trajetória do movimento negro, incluindo a história da Frente Negra Brasileira.

## Abstract

This paper addresses the interpretive analysis of the *A Voz da Raça* newspaper, and its conception as an expression of specific social group, the members of Frente Negra Brasileira.

Analysis of the newspaper necessitates putting its existence from 1933–1937 into context. This paper looks at Getúlio Vargas Period and the transformation that occurred in the country since 1930.

Still within than national country context I bring the debate about Race and Nation, pertinent to that historic moment, and which dialogue had its echoes in the articles of black newspaper.

Analysis of the paper also necessitates highlighting and understanding the international connection of the Brazilian with North-Americans and Africans, through the movement called Pan-Africanism.

Lastly, I analyse the newspaper articles' reflection of systematic and reoccurring themes, such as the education of the black people self-esteem, advancement of the race and his historical role, among others, and also the black movement trajectory, including the history of Frente Negra Brasileira.

## Sumário

**Introdução** \_\_\_\_\_ 1

**Capítulo I – Contexto Histórico** \_\_\_\_\_ 19

1 - O Brasil entre o fim da escravidão e os anos 20

2 - Os anos 20

3 - 1930- Novo Brasil?

4 - Getúlio Vargas e os negros

**Capítulo II- O Brasil que queria ser branco- o debate sobre Nação e Raça.** \_\_\_\_\_ 47

**Capítulo III – Conexões Internacionais** \_\_\_\_\_ 76

1 - Pan-africanismo – século XVIII e XIX

2 - Pan-africanismo no século XX

**Capítulo IV- *A Voz da Raça* – O movimento negro, a organização do jornal e as possíveis leituras** \_\_\_\_\_ 114

1 - A trajetória do Movimento negro em São Paulo

2 - A Frente Negra Brasileira

3 - *A Voz da Raça*- A organização do jornal- as possíveis leituras.

**Considerações Finais** \_\_\_\_\_ 188

**Anexo I**

**Anexo II**

**Bibliografia**

***Patrício Negro:***

*“Não corre em tuas veias o generoso sangue da raça forte a quem deve o Brasil 400 anos da sua grandeza? Porque o negas? Porque o procuras esconder? Porque te envergonhas da raça dos teus maiores?”*

*Procura e trabalha com  
A Frente Negra Brasileira  
São Paulo- rua Liberdade, 196*

Ano I, n-5- 15/04/1933

“Se concordarmos com Franz Fanon quando este afirma que “foi o Branco que criou o negro” podemos concluir que, ao se auto proclamarem negros os autores ainda mais uma vez estão enunciando seu discurso de acordo com o contrato estabelecido pelos brancos. Acreditamos ao contrário, que o fato de assumirem essa nomeação, conscientemente, pode ser interpretado como um sinal de que os negros estão querendo criar a si mesmos e que uma das etapas deste processo seria justamente a de particularizar sua escritura, dando-lhe feição própria.” (pg.22)

Zila Bernd- Introdução à Literatura Negra

## Introdução

A trajetória deste estudo é longa, começa no início da década de 80, quando realizei minha primeira pesquisa sobre relações raciais.<sup>1</sup>

Naquele momento, estudei um baile negro chamado Chic Show. O baile acontecia em São Paulo, no Clube Palmeiras, reunia em média 5000 participantes que, mensalmente, compareciam para dançar, ouvir e namorar ao som da chamada "black music".

Em 80, discutia-se nas ciências sociais a questão da identidade étnica, o que significava ser negro no Brasil. No auge dessa discussão, o baile negro era um exemplo de identidade étnica. Eu demonstrava, naquela pesquisa, como os jovens criavam e gerenciavam o lazer negro de São Paulo. Como eles conseguiam, com uma rede alternativa de divulgação, arregimentar uma quantidade enorme de pessoas.

O empreendimento Chic Show era gigantesco: alugava-se o Clube Palmeiras, cuja sede era de grande porte em São Paulo, portanto, de alto custo. Havia atrações nacionais: Tim Maia, Jorge Ben e ainda internacionais como James Brown, Billy Paul, entre os cantores norte-americanos. Havia ainda um circuito de moda e beleza concentrado na Galeria da Rua 24 de Maio. O Viaduto do Chá e a Loja Mappin funcionavam como pontos de encontros semanal e noturno dos freqüentadores do baile.

Os jovens freqüentadores do baile eram na realidade netos de senhores e senhoras negras que já freqüentavam o lazer negro desde a década de 30, era preciso então resgatar essa história e entender como funcionava a tradição entre os negros da cidade, por isso pesquisei os

---

<sup>1</sup> Pinto Silva, Maria Aparecida - ASESP (org.) Prática x produção: uma reflexão sobre estudos da cultura negra no Brasil hoje. São Paulo: ASESP, 1983.

clubes e associações culturais e recreativas de São Paulo desde a década de 30 até 1968.<sup>2</sup>

O lazer aparecia como o referencial positivo: ali os negros tinham visibilidade e respeitabilidade. Os bailes, os encontros dominicais, os piqueniques, as domingueiras dançantes, tudo isso dava ao negro uma existência social para enfrentar o racismo, o cotidiano da grande cidade.

O mais espetacular era a autonomia desses espaços negros: a fundação, o gerenciamento, os estatutos de funcionamento, as regras sociais e culturais eram feitas pelos negros para os negros.

Além do lazer, as associações culturais e recreativas ainda promoviam ações sociais como cursos de alfabetização, corte e costura, cooperativas para a compra de casa própria, jornais para serem distribuídos nos bailes.

Ao recolher os depoimentos dos velhos e velhas, o que mais chamou atenção foi a existência da Frente Negra Brasileira, inicialmente uma associação e depois transformada em um partido político. Foi surpreendente não ter a dimensão do que tinha sido a Frente Negra até aquele momento. Ela chegou a ter 10.000 associados,<sup>3</sup> espalhados por diversos estados brasileiros, tinha uma organização e uma história.

Decidi então que estudaria a Frente Negra Brasileira e me deparei com uma série de problemas. Ela foi fundada em 1931, o que me causou um impasse para pesquisá-la, pois não haveria muitos participantes sobreviventes desse período para trabalhar com memória, além do mais havia poucas informações registradas em esporádicas pesquisas<sup>4</sup>,

---

<sup>2</sup> Pinto Silva, Maria Aparecida – “Visibilidade e respeitabilidade memória e luta dos negros nas associações culturais e recreativas de São Paulo-1930-1968.”, Mimeo, São Paulo: Puc, 1997.

<sup>3</sup> Esse número é polêmico, os dados variam conforme a fonte

<sup>4</sup> Na consulta que fiz aos arquivos do Centro de Estudos Afro-asiáticos - Universidade Candido Mendes não encontrei nenhuma pesquisa específica sobre a Frente Negra Brasileira, encontrei apenas referências a ela no trabalho de Regina Pahim, Clovis Moura, nos depoimentos dos frente-negrinos recolhidos por

De forma trágica e irredutível, a Frente Negra me pareceu não se constituir mais um objeto de pesquisa: não havia documentos suficientes, não encontrei registros de sua história nas cidades do interior do Estado e em outros estados.<sup>5</sup>

Aqui em São Paulo, por exemplo, não encontrei na Secretaria da Educação nenhum registro da escola frente-negrina, cujo relato aparecia na memória dos velhos frequentadores da Frente e nos registros fotográficos (ver anexo)

Para a pesquisa ser levada adiante, optei por trabalhar com o jornal *A Voz da Raça*, que se auto proclamava porta-voz da Frente Negra Brasileira.

Assim, a Frente Negra Brasileira passou a ser um objeto de estudo secundário, pois não era possível resgatar completamente a sua história, tendo como fonte unicamente o jornal. O jornal ganhou então autonomia suficiente para se tornar o meu objeto de estudo principal.

Encontrei a coleção completa do jornal no Arquivo do Centro Cultural São Paulo. Os jornais estão micro filmados, são 70 exemplares de 1933 até 1937.

Durante dois anos me dediquei à leitura dos números do jornal e, conforme a leitura fluía, pude compreender a autonomia de sua linguagem e o universo de significados que cada artigo, cada nota, anúncio, ou frase possuíam e precisavam ser analisados.

O objetivo deste trabalho é o jornal *A Voz da Raça* tratado como uma expressão de um grupo de negros, em um momento histórico específico.

Esse grupo de negros estava aglutinado na Frente Negra Brasileira, e durante este estudo vamos revelar a composição desse grupo.

Quanto ao momento histórico específico, trata-se do período Vargas.

---

Marcio Barbosa e os depoimentos pessoais de Correia Leite, recolhidos por Cuti, de Francisco Lucrecio e Raul Joviano do Amaral.

<sup>5</sup> O único registro da Frente Negra em outro estado e de Jéferson Bacelar na Bahia.

Aliás, a escolha deste tema também tem relação com o período Vargas porque, durante a minha pesquisa sobre as associações culturais e recreativas, a figura de Getúlio Vargas era presença constante na memória dos velhos e velhas negras.

Por que Getúlio exercia tanto fascínio sobre os negros? Havia uma política especial na relação entre eles? A questão do trabalho para os negros era essencial Getúlio Vargas, quando discutia e concretizava ações referentes à regulamentação do trabalho no país, atingia os negros? Este estudo pretende ser uma contribuição para entender o fascínio que Getúlio exercia entre os negros e ainda estreitar essas relações possíveis.

Sem sombra de dúvida, o período Vargas é um dos mais complexos da nossa história. Boa parte de nossas características culturais são originárias deste período: a crença em um pai Salvador da Pátria, a idéia de um Brasil harmônico: Tempo em que todos os conflitos foram resolvidos por decretos, empurrados para debaixo de leis: as reivindicações trabalhistas, os partidos políticos de esquerda e direita, a idéia de um Brasil mestiço.

Assim, esperamos contribuir para o debate em torno da formação do Brasil Moderno, trazendo à tona mais uma personagem: o negro.

O objetivo, portanto, é demonstrar como os negros estavam mobilizados e sintonizados nesse período e como, através do jornal, eles dialogavam entre si e com a sociedade nacional.

O trabalho pretende mostrar os negros como sujeitos de sua história, como negros reais, contraditórios, esperançosos, nacionalistas, cheios de rancores e amores, enfim, como homens e mulheres que viveram um período dramático e ao mesmo tempo importante deste país. Resgatar essa história é necessário para demonstrar que o negro existe, não é invisível e se insere na história do Brasil.

Ainda no contexto histórico, traremos para a discussão os debates sobre Raça e Nação, que ocorriam no Brasil desde o século XIX e ainda permaneciam como tema no projeto político de Getúlio Vargas, nas propostas de modernização e do nacionalismo gerenciado pelo Estado brasileiro.

Do ponto de vista teórico e metodológico, a orientação é tratar o jornal não apenas como uma fonte documental. Os jornais, no nosso caso, constituem fonte principal deste trabalho, eles foram o ponto de partida. Foi através do jornal que procuramos reconstruir e resgatar a expressão de um grupo étnico específico.

A primeira discussão possível seria a idéia de grupo étnico: por que o jornal era expressão de um grupo específico?

Poutignat e Streiff- Fenart<sup>6</sup> informam que sempre se tentou trazer uma solução para classificar as unidades étnicas. Caiu-se em vários erros, que os autores chamaram de ingenuidades: a primeira seria a idéia de uma unidade étnica, ou seja, critérios bem definidos de traços; a segunda seria, o isolamento geográfico como base da diversidade étnica; e a terceira um rótulo étnico igualando-se a um modo de vida e a um grupo real de pessoas.

Para os autores, a idéia de grupo étnico vem da natureza circunstancial da escolha de uma identificação, uma escolha entre várias possíveis.

Deslocou-se então, a partir da década de 60, a discussão para uma concepção de grupo étnico como unidade potencialmente universal, contextualmente definida por seus limites, e estudada segundo uma abordagem dinâmica e subjetivista.

---

<sup>6</sup> Poutignat, Philippe e Jocelyne Streiff- Fenart-Teorias da etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras. São Paulo: UNESP, 1998.

Portanto, a identidade étnica passou a ser entendida não como o estudo de características dos grupos, mas construída e entendida no processo, em seus aspectos dinâmicos.

Segundo os autores "O grupo étnico não é mais definido per se, mas, como uma entidade que emerge da diferenciação cultural entre grupos que interagem em um contexto dado de relações interétnicas (estrutura das relações centro e periferia, situações migratórias, fenômenos de colonização e de descolonização, sociedades pluralistas, etc) . A etnicidade define ao mesmo tempo o contexto pluriétnico."<sup>7</sup>

No nosso caso, o jornal é tratado como uma expressão de um grupo étnico, dialogando com seus pares e com a sociedade nacional. Ao delimitar o contexto histórico mais amplo e definir com quem e com quais problemáticas os negros estavam lidando naquele momento histórico específico, estabeleceremos o processo. A etnicidade estaria então definida na relação entre o grupo e a sociedade nacional, à medida em que o grupo interagia com o conjunto e não se isolava.

Foi assim possível identificar etnicamente o grupo, com a análise das categorias étnicas que emergiam nas relações do grupo negro com a sociedade nacional. Um exemplo particular dessa relação poderia ser dado quando os negros, nos diversos discursos no jornal, se assumiam como brasileiros porque, segundo suas perspectivas, eles construíram o país durante a escravidão.

Essa é uma visão totalmente particular do grupo em relação ao significado da escravidão. A escravidão para este grupo era uma legitimação da brasilidade, do pertencimento. Podemos ler essa tomada de posição como uma reorganização simbólica do grupo em relação ao seu passado histórico.

---

<sup>7</sup> Poutignat- op. cit. Pg 82.

No limite deste estudo, ficamos com a idéia de etnicidade ligada ao processo de interação entre grupos. Isto significa que a origem não está na diferença mas na comunicação cultural, que permite construir as fronteiras entre os grupos, por meios de símbolos. Entendemos também a etnicidade como dinâmica, que pode variar de acordo com o tempo, espaço e situações.

Para levar a cabo nosso estudo, optamos também por definir a leitura do jornal como expressão de etnicidade entendida como um processo simbólico e como um fenômeno político.

O objetivo é recuperar e entender a construção e a manipulação de símbolos, expressos nos jornais pelo grupo. Através dos artigos, anúncios, notas sociais, poesias, verbetes, enfim, tudo será tratado como sinais a serem interpretados simbolicamente. A leitura simbólica do jornal será orientada teoricamente pela antropologia interpretativa apontada por Geertz.<sup>8</sup>

O jornal pode ser tratado como produto social e, portanto, produto do homem; como o autor afirma e defende, o conceito de cultura “é essencialmente semiótico. O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, a procura de significado.”<sup>9</sup>

Para o autor, esses significados só podem ser apreendidos com um esforço intelectual que ele chamou de “descrição densa”, termo emprestado de Ryle. Por descrição densa Geertz entende que os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos devam ser tratados como sistemas de signos interpretáveis, que podem ser descritos de forma inteligível, descritos com densidade.

---

<sup>8</sup> Geertz, Clifford- A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

<sup>9</sup> Geertz- op. cit. Pg. 15

No nosso caso, o esforço para uma descrição densa está em contextualizar o período da forma mais profunda e, ao mesmo tempo, interpretar os significados daqueles discursos naquele momento histórico.

Como se refere Geertz, o nosso esforço está também em reconhecer que há vários significados e, portanto, várias leituras possíveis do jornal. O que oferecemos é uma das possíveis interpretações.

Não podemos generalizar a experiência do jornal para todos os negros brasileiros, assim objetivamos substituir as grandes explicações teóricas para uma experiência particular, contextual; e isso foi possível na perspectiva interpretativa.

Uma das críticas a essa antropologia está justamente na questão do relativismo. Se podemos oferecer uma interpretação e reconhecemos que não é a única, nem mesmo a definitiva, a questão era: o que fazer com esse conhecimento? Haveria utilidade para ele?

Atualmente, a Antropologia discute e critica o relativismo cultural Ricouer<sup>10</sup>; por exemplo, acrescenta que antes de ser um texto, a mediação simbólica é uma textura. Assim, para compreender um rito é preciso situá-lo num ritual, este num culto e assim por diante.

O sistema simbólico fornece assim um contexto. É nesse lócus que o antropólogo tem condições de interpretar os acontecimentos. O simbolismo segundo Ricouer, confere à ação uma primeira legitimidade. A textura da ação é o contexto e, portanto, não pode ser confundido com o texto etnográfico.

Essa crítica foi incorporada a este estudo, pois, à medida em que a leitura dos jornais foi realizada, os símbolos foram interpretados, mas haviam ainda que ser ampliados, isto significou o constante exercício da contextualização.

---

<sup>10</sup> Ricouer, Paul- O conflito das interpretações: Ensaio de hermenêutica Rio de Janeiro: Imago, 1978.

Na tese, a preocupação com a contextualização aparece em dois momentos: o contexto histórico nacional e internacional, bem como os debates em torno da questão da raça e da nação que afluíam naquele momento, cujo significado podemos compreender a partir da leitura do jornal e, portanto, sob a ótica dos negros.

Segundo Bernardo<sup>11</sup> outras críticas importantes em relação à antropologia interpretativa vêm de autores como James Clifford, que aponta ainda as relações de poder existentes no texto, por meio das desconstruções realizadas, que revelam a existência de desigualdades entre a interpretação etnográfica e os primeiros intérpretes, que são os nativos. E ainda é Crapanzano, que acrescenta a crítica de que não houve em Geertz nenhuma compreensão dos nativos sob o ponto de vista do próprio nativo.

Não podemos deixar de incluir essas novas discussões antropológicas, mas, para nós, a contribuição e a compreensão da antropologia interpretativa foram suficientes para a realização do presente estudo. A contribuição de Geertz para a discussão da Antropologia foi importante porque apontou o caminho para a rejeição às descrições totalizantes e caracterizou o conhecimento como parcial. Essa é a riqueza e a fraqueza da disciplina.

A existência do relativismo cultural não exclui a importância do saber antropológico. O que os pós-modernos reivindicam, e concordamos que seja legítimo, é a incorporação das críticas, a saber: as culturas são passíveis de críticas e elas absolutamente não invalidam a interpretação.

Geertz responde às críticas<sup>12</sup> à antropologia interpretativa. Reconhece que os textos antropológicos são eles mesmos interpretações de segunda e terceira mão.(a primeira seria do nativo); que a descrição

---

<sup>11</sup> Bernardo, Teresinha- "Aula- aberta- livre docência" – São Paulo: PUC, junho 2002

<sup>12</sup> Geertz, Clifford. El antropólogo como autor. Barcelona: Ediciones paidós, 1989

antropológica é algo construído ou modelado, e que a descrição densa é uma ilusão de coerência.

No entanto, a solução para essas contradições está na etnografia como uma habilidade do antropólogo em convencer que esteve ali e que conseguiu penetrar na cultura do outro. Realmente é preciso identificar o autor, seu estilo e sua identidade textual (vocabulário, retórica, argumentos, etc.)

Mas os eventuais problemas metodológicos não são retóricos e sim do trabalho de campo. A dificuldade em construir um texto antropológico vem da constante tensão entre a experiência no campo, que é biográfica, e o texto, que precisa ser ostensivamente científico.

A tensão está colocada: ser ao mesmo tempo frio e sensível, tratar gente como objeto, escutar palavras e não músicas; na outra ponta como ser sensível, escutar música onde não existe, porém tratar pessoas como marionetes. Ora somos íntimos, ora somos frios. A antropologia implica inevitavelmente no encontro com o outro.

Não é ver só o exótico, o diferente, o que chama a atenção, mas é estabelecer o que há de universal em seres humanos tão culturalmente diversos.

Geertz ainda professa seu otimismo em relação à antropologia com a qual a autora também concorda e tentará, com esse trabalho, dar cabo a essa tarefa:

“ A tarefa da antropologia segue sendo demonstrar o mais exatamente, demonstrar de novo, em diferentes momentos e com diferentes meios que a descrição do modo em que os outros vivem que não se apresenta nem como contos sobre coisas que nunca ocorreram, nem como informes sobre fenômenos medidos e produzidos por forças calculáveis, ao que podem induzir à convicção. Os modos mito-poéticos de discurso (A Divina Comédia) são iguais aos modos objetivos (A origem das espécies), têm uma adequação específica aos seus próprios fins. Mas, deixando de lado algumas

particularidades, a etnografia agora e sempre não trata seus objetos como ocasionais para revelações enganosas, nem os representa como emergindo de maneira natural de um mundo absolutizado.”<sup>13</sup>

Nossos esforços estão em trazer para o diálogo um grupo étnico específico e contextualizado. Superando os problemas antropológicos, tratando o jornal como um meio de interlocução com a sociedade mais ampla, com a autora, que no caso sou eu, os possíveis leitores e a história.

Para a viabilização desta tarefa, do ponto de vista metodológico, vamos tratar a leitura do jornal como um trabalho de campo; a distância temporal se refere a uma outra época cultural, à qual pertence o jornal. Assim, o texto e seus autores reforçam a distância que é preciso ser aproximada e superada.

Outra crítica que se faz a Geertz em relação aos seus trabalhos etnográficos esta no vazio de história. Ao descrever seus objetos ele retira o contexto histórico e institucional, o que debilita o esforço empreendido para a sua descrição densa e sua análise interpretativa.

Neste sentido, Aletta Biersack argumenta que é preciso avançar os limites dados por Geertz, na antropologia interpretativa, é preciso acrescentar que as perspectivas locais e globais devem integrar-se de alguma forma, como diz a autora: “nos fluxos dos acontecimentos históricos e na operação de longa duração dos sistemas políticos econômicos mundiais.(...) Também teria o efeito de concentrar as preocupações da Antropologia, da Sociologia histórica e da História sobre um objeto comum: o sistema mundial enquanto entidade histórica e heterogênea consistindo em componentes plurais, parcialmente móveis e

---

<sup>13</sup> Geertz, Clifford- op. cit. pg. 151.

parcialmente tolhidos, dentro dos quais “ilha” e “mundo”, nenhum deles redutível ao outro condicionam-se mutuamente.”<sup>14</sup>

Foi preciso delimitar um caminho. Não só no sentido material e prático, como também como a postura do pesquisador diante do seu objeto..

Queiroz faz uma distinção interessante entre técnica e tecnologia. A tecnologia seria um conjunto de técnicas que vão se concretizando ao longo do trabalho. “O desempenho dos instrumentos, a fisionomia dos dados, a maneira pela qual estão sendo captados os dados, mas também, e sobretudo, a atitude, o comportamento, o modo de pensar do pesquisador ou do cientista.”<sup>15</sup>

A trajetória da pesquisa foi marcada por escolhas. Quando decidi que a Frente Negra não seria o objeto principal de pesquisa, descartei uma série de estudos preliminares. Fiquei em um labirinto, onde as informações não avançavam, vários dados se perderam ao longo dessa pesquisa. Foram escolhas.

Outros dados a serem registrados foram as fontes diferenciadas, como o Arquivo do DOPS, onde localizamos todas as correspondências entre o órgão e os membros da Frente Negra, que brigavam entre si.

Jornais também foram consultados, como a *Folha da Manhã*, que escolhi para representar a Grande Imprensa. Localizados os micro filmes na Biblioteca Municipal Mario de Andrade, no Centro de São Paulo, pude consultar os jornais de 1930 até 1937.

Retomei a pesquisa alguns anos anteriores a 1933, e pesquisei O jornal criado pelos dissidentes da Frente Negra, que era O *Clarim*

---

<sup>14</sup> Biersack, Aletta- “Saber local, História local: Geertz e além” in A nova história cultural. Org: Lynn Hunt. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pg. 113

<sup>15</sup> Queiroz, Maria Isaura Pereira de – “Reflexão metodológica-reflexão tecnológica: convergências e contrastes.” São Paulo: FFLCH, 1983,pg.13

*d'Alvorada*, inclusive existente antes da Frente Negra; sua primeira publicação data de 1928.

Escolhi esse jornal porque o editor chefe era o Correia Leite, que anos depois provocou a cisão da Frente Negra, formando um grupo separado. Eles criaram anonimamente o jornal intitulado *Chibata*, para concretizar a oposição aos frente-negrinos.

Outras fontes importantes foram os depoimentos dos frente-negrinos registrados por Marcio Barbosa, as memórias de Correia Leite, recolhidas por Cuti e o livro auto biográfico de Raul Joviano do Amaral<sup>16</sup>

Durante a leitura dos jornais, houve a necessidade de procurar informações sobre o movimento negro internacional. Havia uma presença significativa e um intercâmbio entre os negros brasileiros, norte-americanos e africanos. Essas ligações apareceram nos jornais negros através das traduções de jornais norte-americanos, notícias e comentários sobre os linchamentos dos negros nos EUA, notícias sobre personalidades negras do mundo artístico e esportivo.

Foi necessário desvendar essa ligação e aprofundar o estudo, por isso fui à fonte e pesquisei nos arquivos da biblioteca municipal do Harlem, em Nova York, que hoje se transformou no maior centro de pesquisa e referência da história do negro, não só norte-americano, mas africano, sul americano e caribenho: Schomburg Center Research in Black Culture.

Ali se encontram os micro filmes da coleção completa dos jornais traduzidos no Brasil: *Negro World*, editado por Marcus Garvey, e *Chicago Defender*, editado por Abott.

Para entender o movimento de Marcus Garvey e o chamado Pan-Africanismo, fui a Howard University, em Washington D.C., consultar

---

<sup>16</sup>Respectivamente: Barbosa, Marcio- A Frente Negra Brasileira: depoimentos. São Paulo: Quilombhoje, 1998; Cuti- E disse o velho militante, São Paulo: SMC, 1998 e Amaral, Raul Joviano do Os pretos do Rosário, São Paulo: João Scortecci, 1991.

seus arquivos. Esta instituição, uma das mais tradicionais universidades negras norte-americanas, possui uma longa história de pesquisa sobre a diáspora africana. Com essas duas fontes, pude reconstituir o contexto histórico internacional relacionado ao período de duração dos jornais brasileiros.

Para organizar esta pesquisa dividimos o estudo em quatro capítulos:

No primeiro capítulo, trataremos do contexto histórico do período referente à circulação do jornal: a década de 30. Sobre o tema há uma vasta bibliografia e intensos debates, principalmente em relação à Revolução de 30 e ao próprio Getúlio Vargas. Na medida do possível, tentaremos circular os debates historiográficos e as paixões históricas, e reconstituir o período, enfatizando os dados que nos interessam para a questão social e racial.

Para a contextualização histórica nacional utilizei uma bibliografia sobre a história do negro no Brasil, os clássicos de Florestan Fernandes, Roger Bastide e dos brasilianistas como Skidmore e Andrews.

Os temas históricos mais específicos foram tratados por autores especialistas como Tucci Carneiro para a questão do anti-semitismo, Capelatto para a questão do populismo e Cavalari sobre o integralismo, assim por diante.

Outra fonte interessante foi o núcleo de pesquisas da pós-graduação em história da UNICAMP, coordenado por Bob Slenes e publicado pela editora da Universidade, esses novos estudos sobre a escravidão e temas afins forneceram dados importantes sobre novos e velhos personagens da história como Dom Obá, Luis Gama, entre outros.

Trataremos do período anterior a 30, principalmente as questões sociais e a situação econômica, enfatizando a situação particular dos negros, recém saídos do regime escravocrata.

Foi também neste período que ocorreu o movimento de imigração que propiciou a formação da composição do quadro étnico e social do Brasil. Vamos acompanhar esse movimento de perto, para entender as relações que se estabeleceram a posteriori entre os grupos étnicos no Brasil.

No segundo capítulo, dando continuidade à contextualização histórica, vamos acompanhar o debate sobre Nação e Raça, que se arrastava no Brasil desde o século XIX, quando da chegada dos primeiros imigrantes, na discussão da libertação dos escravos, até a década de 30, quando o debate sobre a formação do povo brasileiro se insere no nacionalismo e na modernização do país, projetos políticos da Revolução de 30 e de Getúlio Vargas.

A discussão nacional sobre Raça e Nação constituem o pano de fundo no diálogo dos negros com a sociedade nacional, estabelecido nos artigos dos jornais da chamada Imprensa Negra

Para o debate sobre Raça e Nação utilizei o trabalho de Kabenguele Munanga como fio condutor para rever os clássicos como Oliveira Viana, Nina Rodrigues, Artur Ramos e Gilberto Freyre.

Ainda sobre o debate sobre Raça e Nação utilizei uma bibliografia composta por especialistas nesta temática como Giralda Seyferth da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Marcos Chor entre outros. Para o tema foi importante também o trabalho de Schwarcz e Skidmore

No capítulo III, vamos estabelecer as conexões internacionais do movimento negro brasileiro com o movimento negro internacional.

Na década de 20, os Congressos Pan-africanos congregavam os negros da diáspora africana da América, África e Caribe. Vamos acompanhar a participação brasileira, e em que medida os militantes negros brasileiros estavam sintonizados com o movimento internacional.

Vamos discutir em que medida a doutrina e a discussão sobre o significado do Pan-africanismo e do movimento de Marcus Garvey

encontraram ecos no Brasil, e também a importância dos jornais negros norte-americanos *Negro World* e *Chicago Defender*, traduzidos no Brasil.

Para o contexto internacional utilizei uma bibliografia encontrada na Universidade Howard que dizia respeito a história dos negros norte-americanos, o que eles chamam de "history of black America". Em geral são textos históricos enfatizando todos os movimentos dos negros na história americana. Consultei autores como Lerone Bennett Jr e Esedebe para a história do Pan-Africanismo.

No quarto capítulo, trataremos da trajetória do movimento negro no Brasil, particularmente da chamada Imprensa Negra e da Frente Negra Brasileira. Inaugurados a partir da década de 10, os jornais passaram a ser o registro da participação dos negros na vida social e política do país. É uma fonte importante para compreendermos o universo sócio-cultural, político dos negros.

Eram jornais de pequeno porte, com tiragem baixa e distribuídos nos eventos da comunidade negra, como bailes, procissões, piqueniques, igrejas, clubes recreativos e culturais. Os jornais eram produzidos por jovens negros com variadas formações e profissões: eram marceneiros, técnicos, profissionais liberais, homens autodidatas cujos objetivos eram reivindicar direitos, articular os negros e desenvolver a consciência de comunidade.

O discurso de todos passava pela questão da moralidade, auto-estima, identidade positiva; desejavam viabilizar ações concretas para melhorar a posição social dos negros através da educação, do combate ao alcoolismo, ao analfabetismo.

Vamos, nesse capítulo, acompanhar a luta desses negros para construir a Imprensa Negra, e ainda a criação das associações culturais e recreativas desenvolvidas durante o período. Eram associações como Clube Negro de Cultura Social, A Elite. O Kosmos, o Centro Cívico

Palmares, entre outros que culminaram na criação da Frente Negra Brasileira. Em seguida trataremos especificamente do jornal *A Voz da Raça*, faremos uma leitura e uma possível interpretação do jornal.

Os artigos foram agrupados pelos temas recorrentes, os temas selecionados aqui apareciam praticamente em todos os números dos jornais. Eram: **A instrução e a educação** dos negros para combater o eterno desemprego e para promover ascensão social; **desenvolvimento da auto-estima** configurado na valorização extrema da mão-de-obra negra, principalmente o orgulho do passado escravocrata, a reivindicação da nacionalidade brasileira por esse passado árduo a favor da nação; **a exaltação das personalidades negras** do Brasil, tidas como exemplo de orgulho e vitória, como Luis Gama, Zumbi de Palmares e Jose do Patrocínio, e internacionais, como Marian Anderson e Joe Louis.

E ainda o **progresso da raça negra** através do saneamento dos males que afligem os negros, principalmente o combate ao alcoolismo, incentivos ao bom comportamento, elevação moral, civilidade, higiene e saúde dos negros; **apoio incondicional a Getúlio Vargas** sem, no entanto, deixar de criticar a situação presente; **a questão do trabalho e o conflito com os imigrantes** revelado nas constantes queixas contra os favoritismos do Estado em relação aos outros grupos étnicos; **a participação dos negros na política nacional**, a candidatura do presidente da Frente Negra à Assembléia Constituinte de 1933, a cobertura do jornal a Campanha, as idéias de Arlindo Veiga dos Santos; **os conflitos entre os membros da Frente Negra Brasileira**, a polarização do conflito entre Arlindo Veiga dos Santos e Correia Leite, o que permitiu à análise da tensão entre as escolhas ideológicas de seus participantes e a visão deles sobre a questão racial, como eles operavam essa distinção; **a questão da mulher negra**, o espaço do jornal reservado as mulheres negras, particularmente ao grupo

interno da Frente Negra, denominado Rosas Negras, como elas eram tratadas no jornal e a discussão sobre as mulheres negras.

Após a apresentação e interpretação dos artigos, apresento as considerações finais e aponto a possível continuidade deste estudo em pesquisas futuras.

## Capítulo I – Contexto histórico:

### 1 - O Brasil entre o fim da escravidão e os anos 20.

A passagem da escravidão para o trabalho livre no Brasil aconteceu num momento histórico específico: o da crise final do regime monárquico, que levaria à proclamação da República, poucos meses depois.

A abolição foi um processo longo, iniciado em 1826, com a pressão inglesa para o fim do tráfico, que se prolongou por mais de sessenta anos, durante os quais a elite agrária pressionou e se mobilizou para impedir a sua aprovação. Afinal, toda a vida social e econômica do país se sustentava na escravidão.

A aprovação da Lei dos Sexagenários, em 1865, e da Lei do Ventre Livre, em 1871, são entendidas hoje mais como medidas postergadoras da abolição e pouco danosas para os senhores de escravos, ainda que à época tenham provocado muita polêmica.<sup>1</sup>

A Lei Áurea, assinada a 13 de maio de 1888, apesar de ter impacto menor do que o esperado na economia, foi decisiva para o fim do império brasileiro.

A historiadora Emília Viotti revisitou a historiografia do período e defendeu a idéia de que tanto a abolição como a república eram sintomas das mudanças sociais, econômicas e políticas: “Segundo as novas interpretações o regime monárquico revelando-se incapaz de resolver os problemas nacionais a contento, a começar pela emancipação dos escravos, de cuja solução dependia o desenvolvimento da nação, perdera prestígio sendo derrubado por uma passeata militar. A proclamação da república é o

---

<sup>1</sup> Para o autor Spiller Pena “ a questão não foi tanto o dilema da escravidão ou da liberdade mais a preparação para um caminho para a liberdade que preservasse o valor da propriedade...” – pg 363.

resultado portanto de profundas transformações que vinham operando no país.”<sup>2</sup>

A abolição da escravidão era o ponto chave da modernização que levaria o Brasil a ocupar uma nova condição na dinâmica do capitalismo mundial. É interessante notar que já vinham experimentando o trabalho livre há várias décadas, por meio da importação de mão de obra; começaram então a perceber as vantagens dessa modalidade de trabalho. Ela, associada com outros fatores da modernização em curso, como as ferrovias e o abandono gradual aos valores meramente patrimonialistas, foram responsáveis por tornar essa fração de classe o grupo político emergente.

Além disso, para historiadores como Alencastro e Andrews<sup>3</sup>, as revoltas escravas ocorridas a partir de 1879, no Oeste Paulista, principalmente na região de Campinas, contribuíram decididamente para acelerar a campanha e o processo da abolição da escravidão, por parte dos cafeicultores paulistas, temerosos pelo desencadeamento da violência em suas fazendas e dos possíveis prejuízos.

Para Alencastro, é falso contrapor os cafeicultores do Vale do Paraíba aos paulistas: “A historiografia costuma contrapor o novo fazendeiro do Oeste Paulista, tido como empresário moderno, ao “velho” fazendeiro do Vale do Paraíba e sobretudo, ao senhor de engenho nordestino, alegadamente arcaizantes e escravocratas. Mas o processo é mais complexo. Depois do golpe fatal que a suspensão do tráfico negreiro deu no escravismo, o Oeste Paulista modernizou-se graças em parte, à resistência dos próprios escravos. O custo da manutenção do arcaísmo, isto

---

<sup>2</sup> Viotti, Emilia da Costa- Do Império à República. São Paulo: Brasiliense, 1985. pg. 325.

<sup>3</sup> Andrews, George R. Negros e brancos em São Paulo (1888-1988). São Paulo: EDUSC, 1998 e Alencastro, Luis Felipe – “Vida privada e ordem privada no Império” In História da vida privada no Brasil: Império- vários autores. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

é, do controle dos escravos ladinos, tornava-se elevado demais em comparação ao custo de gestão da mão de obra imigrada.”<sup>4</sup>

Diante desse conjunto de transformações, o regime monárquico não atendia mais aos interesses desse grupo emergente, que passa a se ligar ao movimento da república. A idéia do regime federativo era, nesse sentido, essencial como forma de conferir aos governos provinciais maior autonomia frente ao poder central.

Contudo, apesar de estar em S.Paulo o principal foco de agitação republicana, coube aos militares a liderança do episódio que levou à deposição da monarquia. As camadas populares, representadas no grupo conhecido como jacobinistas, pouca participação tiveram no episódio, a não ser o de dar vivas à República.

José Murilo de Carvalho, em um estudo sobre essa questão, repete uma frase famosa- porque emblemática- de um dos cronistas da República, Aristides Lobo, que dizia: “o povo, que pelo ideário republicano assistira a tudo bestializado, sem compreender o que se passava, julgando ser uma parada militar.”<sup>5</sup>

Mais ainda, passados os primeiros tempos da República, a população em geral e os negros em particular sentiram o peso das medidas impopulares da república recém proclamada.

No Rio de Janeiro, por exemplo, a capital do país, Murilo de Carvalho informa que teve início uma ação moralizadora dos costumes por parte das autoridades republicanas. Durante o governo de Floriano Peixoto, houve repressão aos capoeiristas - negros que jogavam capoeira nas praças e ruas da cidade-, aos jogos de azar, e ainda tentaram acabar com o entrudo, que era o carnaval de rua da cidade.

---

<sup>4</sup> Alencastro, Luis Felipe- Op. Cit. Pg. 93

<sup>5</sup> Carvalho, José Murilo de- Os bestializados: o Rio de Janeiro que não foi São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pg.09.

É ainda Carvalho quem diz : “O fato de a República ter favorecido o grande jogo da bolsa e perseguido capoeiras e o pequeno jogo de bicheiros sugere uma recepção diferente do novo regime por parte do que poderia ser chamado de proletariado da capital. A euforia inicial, a sensação de que se abriam caminhos novos de participação parecem não ter atingido este setor da população.”<sup>6</sup>

O mesmo autor afirma que os negros, neste momento pós-abolição e início da república, viviam de expedientes nas ruas centrais do Rio de Janeiro, dificilmente tendo uma ocupação fixa e remuneração regular, apesar das muitas comemorações em razão do 13 de maio, no Rio de Janeiro. A popularidade do Imperador crescera a ponto de, na data de seu aniversário, logo após a abolição, o Paço Imperial ter sido invadido por muitos negros que queriam comemorar com o Imperador a data.<sup>7</sup>

Murilo de Carvalho complementa: “a reação negativa da população negra à República manifestou-se antes mesmo da proclamação, através da Guarda Negra, organizada por José do Patrocínio (...) permanece o fato de que os republicanos não conseguiram a adesão do setor pobre da população, sobretudo os negros.”<sup>8</sup>

Sobre a Guarda Negra, Andrews relata: “O jornalista José do Patrocínio, um dos primeiros signatários do Manifesto Republicano de 1870, seguiu um caminho ainda mais radical. Nos meses que seguiram a abolição, quando a monarquia entrou em agonia, Patrocínio realizou uma desesperada ação de retaguarda, alistando ex-escravos na Guarda Negra, uma organização paramilitar fundada por ele no Rio de Janeiro. Argumentando que a Guarda era necessária para proteger a família imperial

---

<sup>6</sup> Carvalho, José Murilo de – *op. cit.* Pg 29

<sup>7</sup> Entre eles estava Dom Obá, figura conhecida no Rio de Janeiro, era um negro que se dizia príncipe africano, natural de Lençóis, na Bahia e que havia lutado na Guerra do Paraguai. Era conhecidíssimo nas ruas centrais do Rio, pelos trajes e por se dizer amigo do imperador. Ver Silva, 1997.

<sup>8</sup> Carvalho, José Murilo de – *op cit.* Pg 30

de ser derrubada por ex-proprietários de terras insatisfeitos pela Lei Áurea”<sup>9</sup>

Dentre as ações moralizantes, propostas pela República que tinham os negros como principal alvo, uma das que mais transtornos provocaram foi aquela que visava a destruir o mais famoso cortiço da cidade, denominado “Cabeça de Porco”, em 1892, localizado no centro do Rio de Janeiro. Todas essas ações republicanas foram gerando um sentimento de fúria crescente, que culminou mais tarde, em 1907, com a revolta popular denominada Revolta da Vacina, uma das revoltas brasileiras mais significativas em termos de participação popular e de participação negra.

Entre a abolição e a década de 20, há poucos dados sobre a condição dos negros. No entanto, algumas pesquisas demonstram sua participação nas grandes manifestações populares do período: a Guerra de Canudos e a Revolta da Vacina.

É neste sentido que Nicolau Sevckenko informa: “Tanto o episódio de Canudos como a Revolta da Vacina, com suas evidentes afinidades, são dos mais exemplares para assinalar as condições que se impuseram com o advento do tempo republicano (...) Casos como esses se multiplicaram, como em outros episódios trágicos como, apenas para ilustrar, a Guerra do Contestado (1912-1916), na fronteira entre o Paraná e Santa Catarina ou o bombardeio desumano da população paulista quando da Revolta de 1924, seguindo de execuções sumárias de imigrantes.”<sup>10</sup>

Essas informações são de extrema importância para caracterizarmos o período que vai se suceder. Passados os primeiros anos da República, sob o jugo dos militares, houve um segundo momento, no qual o jogo de forças esteve nas mãos dos cafeicultores, que se mantiveram no poder até 1930.

---

<sup>9</sup> Andrews, George R. —op. cit. Pg. 80

<sup>10</sup> Sevckenko, Nicolau—Orfeu extático da metrópole. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pg.27

A chamada República Velha foi o resultado do jogo político e econômico do período: as oligarquias, ligadas corporativamente aos seus respectivos Estados, mandavam e desmandavam no país, através de uma política corrupta, simbolizada no voto de cabresto. As oligarquias mineiras e paulistas revezavam-se no poder, no esquema conhecido como “café com leite”, graças à política dos governadores, implantada por Campos Salles.

## 2 - Os anos 20

A década de 20 foi especialmente importante porque marcou uma série de transformações, tanto em S.Paulo como nos principais centros econômicos do país.

S.Paulo havia experimentado, nos primeiros vinte anos do século XX, um crescimento expressivo das atividades industriais, destacando-se dos demais estados brasileiros por diversificar os investimentos obtidos com a economia cafeeira.<sup>11</sup> Formou-se no Estado uma burguesia atrelada tanto ao setor agrário como comercial e financeiro, que vai mudar os rumos do país, nos anos subsequentes.

A imigração européia, a urbanização, a industrialização conferiram a S.Paulo traços de pioneirismo e de modernidade. Durante a década de 20, S.Paulo cresceu e passou de quinta para a segunda maior cidade do país, apenas com a capital federal a sua frente.

Mas essa modernização não era experimentada por todos os grupos sociais. No caso dos negros, muitos deixaram o interior rumo à capital, vindo a contribuir com o crescimento desordenado que a cidade começa a viver. Na falta de habitações populares, surgem diversos cortiços. A falta de saneamento estimula a proliferação de doenças.

A saída do campo foi para a população negra desastrosa: sem emprego, sem escolaridade, sem moradia, seus horizontes continuavam estreitos. Autores como Florestan Fernandes afirmaram que a abolição e os momentos iniciais de liberdade foram piores do que a escravidão.<sup>12</sup>

Com a abolição da escravidão, a maioria dos negros foi praticamente expulsa do campo, precisando viver de pequenos expedientes nas cidades,

---

<sup>11</sup> - Silva, Sérgio - Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil, São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

<sup>12</sup> Fernandes, Florestan e Roger Bastide- Branços e negros em São Paulo, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971

como ambulantes, carregadores, domésticas, empregados na manutenção de trilhos; enfim, empregos e subempregos cujas principais marcas eram a desqualificação, falta de vínculos empregatícios e baixos salários.

Neste sentido, a luta dos negros pela sobrevivência teve contornos dramáticos, pois coincidiu ainda com a chegada de imigrantes da Europa, a procura de trabalho e mesmo o retorno de imigrantes que haviam trabalhado nas lavouras de café e se deslocavam para a capital. Nessa competição, os negros eram preteridos.

Os imigrantes também tiveram problemas com os fazendeiros de café, que não cumpriam os tratos iniciais. Muitas vezes, havia a acusação de maus tratos por parte dos fazendeiros. E, finalmente, por completa desilusão, os trabalhadores imigrantes se deslocavam do campo para a cidade em busca de novas ocupações.

Nas cidades, os imigrantes eram imediatamente absorvidos no mercado de trabalho, uma vez que era generalizada a crença de que eles possuíam maior especialização, habilidade e disposição para o trabalho, trazida de seus países de origem. Hoje, sabemos que muitos imigrantes não tinham profissões definidas nem especialização, pois eram camponeses pobres. Mesmo assim, eram absorvidos pelo trabalho nas fábricas.<sup>13</sup>

Esses autores informam ainda que as habilidades profissionais eram ensinadas nas próprias fábricas, mesmo para quem não tinha experiência alguma.

Além disso, o grupo de imigrantes contava com a solidariedade estabelecida entre os familiares.

Teresinha Bernardo, neste sentido, informa a importância da família extensa: "Na cidade, os italianos deram continuidade à experiência do

---

<sup>13</sup> Ver: Andrews, George R. Op. cit.; Kowarick, Lúcio - Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1987 e Hasenbalg, Carlos - Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. São Paulo: IUPERJ, 1979.

campo, e a família extensa foi preservada, da mesma forma que o trabalho de todos; mesmo entre aqueles que chegaram ao Brasil e vieram diretamente para São Paulo(...)"<sup>14</sup>

Para Bernardo, as lembranças de uma imigrante italiana ilustram essa rede familiar. Ela era italiana, chegou a São Paulo na década de 20. E seus parentes, que aqui já estavam, garantiram a ela e suas irmãs emprego na maior tecelagem da época – a Jafet, empresa que contratava italianos, pagava a passagem através do desconto direto no salário do imigrante contratado. Além disso, os parentes garantiam também a moradia.<sup>15</sup>

Em São Paulo, as mulheres negras foram absorvidas no mercado de trabalho principalmente como domésticas, em bairros nobres.<sup>16</sup> Em relação ao homem negro havia o emprego tardio. Florestan informa que o homem negro conseguia empregos com aproximadamente 30 anos de idade, empregos ocasionais que chamamos de “pequenos expedientes”, como carregadores, vendedores ambulantes, apontadores de jogo de bicho... ou o desemprego.

Em 1920, segundo dados da Diretoria Geral de Estatística, apresentados por Andrews: A indústria, o comércio e o transporte eram setores da economia paulista onde predominavam os empregados estrangeiros. Enquanto os serviços domésticos eram essencialmente realizados por brasileiros, leia-se negros e mulatos.<sup>17</sup>

---

<sup>14</sup> Bernardo, Teresinha- Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo. São Paulo: Educ- Unesp, 1998, pg. 89.

<sup>15</sup> Bernardo, Teresinha- op. cit. Pg. 89-90.

<sup>16</sup> Fernandes, Florestan- A integração do negro na sociedade de classes. São Paulo: Atica, 1978; Andrews, George R. op. cit. e Bernardo, Teresinha- op. cit.

<sup>17</sup> Andrews, George R. -op. cit

Andrews, ao discutir a situação dos negros pós-abolição, recorreu a dois exemplos de duas grandes empresas representantes dos setores mais produtivos da indústria paulistana: a “São Paulo: Tramway Light and Power”, companhia responsável pela eletricidade e bondes da capital, e a “Jafet”, empresa de fiação, tecelagem e estamparia. Neste estudo, o autor chama a atenção para o fato dos negros serem maioria nas funções subalternas, empregando-se na implantação de trilhos para bondes, executando serviços braçais. O número de negros era três vezes maior na São Paulo Light do que na Jafet. A explicação possível para essa admissão em massa de trabalhadores negros foi a intensa reforma urbana processada na década de 20, que exigia feitura de trilhos, ampliação da rede de luz nas ruas, entre outros serviços.

O autor chama atenção para a proporção de brasileiros e estrangeiros entre os empregados e revela: os brasileiros em maior número, são, nesse caso, a segunda geração de imigrantes, isto é, filhos de imigrantes nascidos no Brasil e não negros e mulatos como poderia supor. Ele analisou também as causas das demissões entre os trabalhadores negros: recorrentemente aparecem a insubordinação e o desrespeito à autoridade.<sup>18</sup>

Na década de 20, os imigrantes predominaram no mercado de trabalho urbano. Nestes sentido, Decca informa: “O operariado era basicamente estrangeiro. As estatísticas mostram que os italianos seguidos pelos espanhóis e portugueses foram os europeus que mais imigraram para o Brasil. De 1890 a 1920 os imigrantes estrangeiros e seus filhos, nascidos no Brasil, foram a maioria da classe operária urbana em S.Paulo, Santos e cidades do interior paulista e Rio de Janeiro.”<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> Andrews, George R. – op. cit.

<sup>19</sup> Decca, Maria Auxiliadora Guzzo de – Indústria, trabalho e cotidiano: Brasil-1889 a 1930. São Paulo: Atual, 1991

Mas o governo, capitaneado pelos cafeicultores e empresários, estava longe de agradar qualquer setor do operariado. Havia intenso descontentamento com as condições de trabalho fabril, a exploração do trabalho infantil, entre outras reivindicações, expressas principalmente nos jornais anarquistas.

Para Decca: “Anarquistas, socialistas e, depois de 22 comunistas participaram ativamente do movimento operário até 1935, quando este é violentamente reprimido pela “Lei de Segurança Nacional”, “Lei Monstro” instituída pelo governo provisório de Vargas.”<sup>20</sup>

Apesar das condições, durante a década de 20, o Brasil experimentou a inovação, a prosperidade e as mudanças de forma rápida.

Para sintetizar essas mudanças, podemos dizer que o Brasil passou de um país predominantemente agrário para um país em processo de industrialização.

Os problemas enfrentados durante a Primeira Guerra Mundial demonstram a necessidade da substituição dos produtos importados para evitar problemas de abastecimento. A burguesia industrial passa então a investir em novas máquinas e a modernizar seu parque industrial, até então pequeno e tecnologicamente muito atrasado. Para tanto, reivindicava uma política tarifária que barateasse a importação de máquinas e equipamentos e que encarecesse os produtos importados com similar nacional.

Com o fim da Guerra e a regularização dos fluxos comerciais, a burguesia industrial começou a enfrentar oposição das velhas oligarquias, as maiores consumidoras de produtos importados, e contraria a tal política alfandegária defendida pelos industriais. Ela alegava o perfil agrário do país e sua incapacidade de competir com os produtos manufaturados estrangeiros.

---

<sup>20</sup> Decca, Maria Auxiliadora Guzzo de – op. cit. pg. 184

Outro aspecto em que se verificou intensas mudanças foi o crescimento urbano verificado em muitas cidades, obrigando-as a produzir reformas. A imigração, migração e o desenvolvimento industrial foram os principais fatores desse crescimento.

Com isso, a classe média moradora das cidades emerge no cenário político e social, ligada aos serviços e ao funcionalismo público, e se torna um grupo político com papel cada vez mais importante.

Acompanhando as mudanças sociais e econômicas, houve mudanças também no plano cultural. A modernidade começa a se desenhar nas artes plásticas, na literatura e na música. Em 1922, é lançado um manifesto à nação, em busca de uma identidade nacional e o rompimento simbólico com o passado colonial e dependente.

A busca da identidade nacional traz à tona a discussão de quem somos nós. Passam-se a valorizar os regionalismos e a cultura popular. Sevcenko menciona a passagem do francês Blaise Cendrars pelo Brasil e sua paixão por elementos nacionais, isto é, a valorização do samba e do negro.

Naquele momento, era clara a procura de um outro padrão cultural e estético. Havia entre artistas brasileiros um intercâmbio cultural intenso. O movimento futurista europeu, por exemplo, trazia propostas de reviravoltas na estética e servia como base para a discussão sobre nossa cultura dependente e europeizada.

Ao visitar o Brasil, o Rio de Janeiro, nos anos 20, Blaise Cendrars, um dos maiores poetas suíços radicados na França da década de 20, foi ao encontro dos sambistas nos morros cariocas. Esse encontro foi promovido pelos modernistas e por Gilberto Freyre, e indicou a aproximação entre intelectuais e sambistas, o que traria consequências para a vida e obra de todos os envolvidos.

Essa relação entre intelectuais e sambistas, descrita por Hermano Viana<sup>21</sup>, marcou a mudança da concepção do samba, antes marginalizado e esquecido nos morros cariocas, que a partir de década de 20 ascendeu como um produto valorizado e genuinamente nacional.

Todo o movimento ocorrido em 1922 não se esgotou no evento conhecido como a Semana de 22. Ele representou, no plano cultural, o reflexo de profundas transformações da sociedade brasileira que chegava à modernidade, e a integração ao capitalismo mundial.

O Brasil assistiu, durante a década de 20, a eclosão das revoltas tenentistas contra o fim da velha ordem oligárquica. Os militares, membros da classe média, lutavam contra as eleições fraudulentas e a corrupção, base de um sistema político que impedia novos grupos sociais de participarem do poder.

A articulação política em torno da sucessão presidencial de 1930 juntou diversos setores descontentes com a velha ordem, parte dos fazendeiros, industriais, operários, classe média, que articulavam um movimento que possibilitasse a eleição de Getúlio Vargas, que emergia como grande líder político. Entretanto, a vitória desse grupo não se deu por meio das eleições, mas por meio de uma "revolução".

---

<sup>21</sup> Viana, Hermano- O mistério do samba. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

### 3 - 1930 - Novo Brasil?

Sobre 1930, há polêmicas quanto ao seu significado. Para autores como Ítalo Tronca e Edgar De Decca<sup>22</sup>, a Revolução de 30 não foi início de um novo processo, mas marcou o fim de um processo revolucionário em curso desde a década de 20 com a participação intensa de trabalhadores organizados.

O que de fato nos interessa aqui é destacar a constituição de um Estado forte, nacionalista e profundamente contraditório, que teve início a partir de então. Getúlio Vargas ascendeu ao poder através de alianças políticas somadas aos interesses de grupos heterogêneos, mas que tinham em comum críticas severas à velha ordem.

Com a Revolução de 30, encerrava-se a primeira fase da República. Nos dizeres de Murilo de Carvalho caracterizava-se como: “..Nossa República passado o momento inicial, consolidou-se sobre o mínimo de participação eleitoral, sobre a exclusão do envolvimento popular no governo. Consolidou-se sobre a vitória da ideologia liberal pré-democrática, darwinista, reforçadora do poder oligárquico...”<sup>23</sup>

A Revolução de 30 pode ser vista como o ápice das transformações sociais e econômicas que o país sofreu durante toda a década de 20, revolução essa deflagrada após a quebra da bolsa de New York, em 1929, quando o capitalismo entrou em crise e com ele as democracias liberais. A partir daí, o que se viu em todo o hemisfério ocidental foi o surgimento de Estados fortes, quando não totalitários.

---

<sup>22</sup> Decca, Edgar de – O silêncio dos vencidos. São Paulo: Brasiliense, 1981 e Tronca, Ítalo- Revolução de 30: a dominação oculta. Coleção Tudo é história. São Paulo: Brasiliense, 1982

<sup>23</sup> Carvalho, Murilo de – op. cit. pg 161

Assim, a Revolução marcou início de um processo: a partir de 30, coube ao Estado ser o *leit motiv* da economia e da sociedade brasileira. O Brasil passa então a se voltar para as questões internas: privilegiar o mercado interno. A exportação passa a ser vista como um meio de financiar uma política de substituição das importações. A industrialização passa a ser a grande meta do governo. Para tanto, as questões trabalhistas passam a ter grande importância, ao contrário do que ocorrera durante a República Velha.

Getúlio Vargas, em 1931, decretou a Lei da Nacionalização do Trabalho, cujo objetivo era “defender o trabalhador nacional da concorrência com o estrangeiro.”, requerendo que as empresas industriais e comerciais mantivessem uma força de trabalho que fosse composta por pelo menos dois terços de brasileiros natos. Vargas também tomou medidas para reduzir as cotas de imigração e falou sobre a necessidade de se proteger contra a formação de “quistos de influência estrangeira” em solo brasileiro.”<sup>24</sup>

No ano anterior, Getúlio havia criado o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. As primeiras leis de proteção ao trabalhador, de enquadramento dos sindicatos pelo Estado, são criadas, bem como os órgãos para arbitrar patrões e empregados, as Juntas de Conciliação e Julgamento. Entre as leis de proteção ao trabalhador estavam as que regulavam o trabalho dos menores, mulheres, a concessão de férias, oito horas de jornada, reivindicações antigas dos operários. Os sindicatos foram enquadrados em 1931.

Aqui podemos perceber as ambigüidades da política trabalhista de Getúlio Vargas, pois ao mesmo tempo que protegia o trabalhador, havia o

---

<sup>24</sup> Andrews, George R. - op. cit. Pg 229.

controle de Getúlio Vargas sobre os trabalhadores estrangeiros (a maioria como já vimos) que colocou um fim nas organizações operárias autônomas, desarticulando o movimento mais amplo dos trabalhadores.

Getúlio enfrentou a revolução constitucionalista de 1932, que podemos sintetizar como uma queda de braços entre o governo federal e as oligarquias paulistas. Os paulistas perderam a guerra, mas conquistaram sua principal reivindicação: a nomeação de um interventor paulista e civil para o Estado. Conseguiram ainda a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte que restaurasse o Estado de Direito ao país.

São Paulo representava 40 % da produção industrial, dominava o país. A Revolução de 32 foi a crise mais tempestuosa do governo de Vargas. Havia 40 mil homens rebelados a maioria, voluntários destreinados; em contra partida, havia 70 mil homens das forças do governo.

Entre os voluntários paulistas estavam os negros da chamada "Legião Negra". Eram dissidentes da Frente Negra Brasileira, porque os fretenegrinos se recusaram a lutar contra Getúlio Vargas.

Com a vitória de Vargas sobre os paulistas, o governo lançou, em 1933, a campanha para a Assembléia Nacional Constituinte, na qual houve participação dos partidos políticos organizados. Como veremos mais adiante, encontramos ecos desta campanha nos jornais negros, principalmente no "*A Voz da Raça*", que lançou o diretor do jornal como candidato a vaga na Constituinte, e também a discussão do voto negro em candidatos negros.

A Constituição de 1934 refletia o período e possuía vários aspectos novos: referendou o voto feminino, institucionalizou a legislação trabalhista, tinha claros dispositivos nacionalistas e tratou da segurança nacional. Tratou também especialmente das questões educacionais: criou universidades, planos de alfabetização e reformas no ensino secundário.

Estes avanços de ordem constitucional indicam o caminho da modernização trilhado pelo país, que contava com amplo apoio popular. Coube ao Estado dirigir com as “mãos pesadas” e garantir os direitos dos trabalhadores a se associarem, garantir as reformas eleitorais, entre elas o voto secreto, o voto feminino e a criação dos partidos.

Vamos observar que esses avanços durariam por pouco tempo. De qualquer forma cabia a Getúlio Vargas o papel pessoal de harmonizar os conflitos entre as classes sociais, principalmente entre o capital e o trabalho. Para essa missão impossível, o corporativismo foi resgatado como Solução para o impasse: em nome dos direitos coletivos seriam rejeitados os direitos individuais.

#### 4 - Getúlio Vargas e os negros.

O período Vargas marcou profundamente a vida dos negros. Na Revolução de 30, os negros já haviam apoiado Getúlio e todas as suas promessas de mudanças. Este apoio aparece maciçamente nos editoriais dos jornais da chamada Imprensa Negra.

Getúlio vendia, através de sua propaganda eficiente, a imagem de um líder popular; o seu governo propiciava ganhos reais aos trabalhadores e a propaganda tratava de vangloriar e superestimar as suas realizações.

A adesão ao Governo Vargas era enorme. Seu sucesso dava-se por uma combinação de fatores internos e uma conjuntura internacional que favorecia os governos ditatoriais. Os governos liberais e as democracias eram vistos como frágeis, responsáveis pelo desencadeamento dos conflitos mundiais, da crise econômica iniciada em 1929.

Tanto os governos totalitários como o intervencionismo estatal de Roosevelt, traduzido no New Deal americano, eram recebidos como um mal necessário. O fortalecimento do Estado e o autoritarismo eram vistos como a melhor saída para modernizar os países, tirando-os da crise econômica e social.

Para Levine, a explicação possível para essa adesão poderia ser esta: "O ataque do corporativismo às idéias liberais durante os anos 30 ajudou os trabalhadores a internalizar valores autoritários ...Cada vez mais os brasileiros passavam a confiar na burocracia e não na ação legislativa ou no setor privado como fonte de mudança e benefícios em troca da docilidade política"<sup>25</sup>

Em contrapartida, Maria Helena Capelato aponta que a explicação para o sucesso dos governos populistas e autoritários estava na adesão popular, possível através da propaganda e da possibilidade de ganhos reais

---

<sup>25</sup> Levine, Robert-Pai dos pobres?: o Brasil e a Era Vargas. São Paulo: Companhia das letras, 2001. pg 28

das classes trabalhadoras. O populismo na América Latina, representado com o peronismo e o varguismo, foi revisitado pela autora. Segundo ela, não é possível explicar o populismo apenas pela despolitização das classes populares, sujeitas a todo o tipo de manipulação política. A explicação é mais complexa e precisa se ater ao contexto histórico, às especificidades de cada país. Outro dado interessante levantado pela autora é a importância de se entender que não havia maquiavelismo ou a cooptação das massas.<sup>26</sup>

A intelectualidade da década de 30 foi outro grupo que aderiu a Getúlio Vargas, principalmente porque compartilhava dos mesmos ideais: o nacionalismo, com a busca de uma identidade nacional e cultural para o país e a sua independência econômica. Concordava também com o fortalecimento do Estado como uma forma concreta de garantir essa soberania nacional, bem como medidas necessárias para mudanças urgentes do país. É curioso notar que boa parte desses intelectuais se tornaram funcionários públicos, portanto beneficiários diretos desse fortalecimento do Estado.

A democracia anterior à Revolução era sinônimo de engodo, hipocrisia, falsa democracia, governo de poucos para poucos. O novo significava o progresso, a modernidade; e a luta era de todos. O Estado populista autoritário se revestia como uma alternativa para melhorar a situação de todos, simbolizada na idéia de um “pai condutor”.

Tanto as massas populares como os setores médios aderiram porque reconheceram neste processo o atendimento de suas aspirações. A classe média era esmagadoramente branca, mas havia uma pequena parcela de negros. A eles, o governo constitucional de Getúlio Vargas priorizou através de medidas como a nacionalização do trabalho, a admissão de

---

<sup>26</sup> Capelato, Maria Helena- Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo. São Paulo: Papyrus, 1998.

trabalhadores nacionais nos serviços públicos. Enfim, um aspecto essencial para sua existência: o trabalho

Ao estudarmos os jornais da Imprensa Negra, vamos encontrar a maior reivindicação de todos: o trabalho. Getúlio, neste sentido, atendeu aos negros de forma direta, quando reservou o mercado brasileiro aos trabalhadores nacionais frente aos imigrantes.

Nos jornais negros, a questão do trabalho era a principal reivindicação encontrada na esfera política e social; as medidas de Getúlio eram parte da solução encontrada para a concorrência desleal dos negros com os imigrantes.

A composição étnica dos trabalhadores desse período pode ser resumida como a maioria de brancos europeus ou descendentes nos serviços especializados e também na classe operária. Nos serviços sem especialização- ajudantes gerais, faxineiros, balconistas, carregadores - concentrava-se a população negra.

Os imigrantes estavam à frente nas pequenas indústrias familiares de fundo de quintal. O comércio também era conduzido por imigrantes.

No processo de desenvolvimento do capitalismo brasileiro, São Paulo mobilizou a mão-de-obra nacional em torno da industrialização em fase crescente. Nesse momento, a população negra compartilhou dessa disponibilidade de empregos.

Foi então a partir de 30 que alguns negros conheceram a prosperidade econômica, limitada a uma pequena parcela da população urbana, no eixo Rio de Janeiro- São Paulo. Essa prosperidade poderia ser traduzida por possibilidade de adquirir casa própria, portanto sair dos cortiços; possibilidade de estudos para os filhos, pois essa geração anterior de trabalhadores era de baixa escolaridade; possibilidade de ter vida social através do lazer negro: bailes, piqueniques, romarias, etc.

A partir de 30, o governo de Getúlio Vargas favoreceu o processo de uma industrialização, e ainda criou uma burocracia estatal gigantesca que acabou gerando empregos na administração pública.

Florestan Fernandes <sup>27</sup> aponta a década de 30 como um marco para a transformação da mentalidade do negro, que passa a se preocupar com a alfabetização, com a aprendizagem profissional e a especialização do trabalho.

A partir de 1930, os jornais negros refletem essa nova mentalidade. Há artigos sobre apresentação pessoal, preocupação com a formação profissional e escolar do negro, preocupação com a aquisição da casa própria:

*“Nunca é tarde”*

*Assistimos no momento a uma evolução forçada por que tinha que passar a nossa pátria, a uma renovação continua de idéias e de homens que era inevitável a um paiz novo como o nosso.*

*E o negro já deveria estar preparado para acompanhar a evolução, para não ficar de braços cruzados olhando essa grande procissão que caminha com os olhos fitos num lugar melhor.*

*Mas agora dirão: Como devia estar o negro preparado?*

*A instrução é o único e exclusivamente do que se resente o negro, mal que se resente o povo brasileiro em geral.*

*E ninguém mais do que o negro precisa de instrução, porque ele sempre foi olhado como um instrumento, como um paria e por aqueles que ainda sonham com os “áureos” tempos da escravidão.*

*E o negro disso é o único culpado.*

*E assim é porque ele sempre pensou que como fator incontestante da formação brasileira poderia ficar alheio a tudo, porque já*

<sup>27</sup> Fernandes, Florestan e Roger Bastide- op. cit.

*dera muito ao Brasil, sem pensar num futuro melhor, sem prever a enorme revolução que atingiria todas as classes sociais...”*

*Assinado: Jacobus. Piratininga, 1933.*<sup>28</sup>

Com essas novas perspectivas de melhorias significativas, os trabalhadores admiravam Getúlio Vargas.

O Estado representado por Vargas era fundamentado na política populista, e para Décio Saes havia duas dimensões deste Estado: uma, onde desenvolveria o papel criador de um Estado intervencionista e industrializante, criando grupos poderosos na economia nacional (estatais); por outro lado, o papel de mediador, cabendo ao próprio Vargas mediar os conflitos das classes sociais recém criadas como forças políticas e sociais como, por exemplo, os operários e os recém industriais.<sup>29</sup>

O populismo para Saes era, acima de tudo, uma ideologia do Estado, cuja expressão concentra-se nas duas faces da mesma moeda: a industrialização e a unidade dos trabalhadores.

Podemos sintetizar que a decretação do Estado Novo, em 1937, não foi uma ruptura de um Estado democrático para uma ditadura. O Estado Novo, segundo Capelato, representou uma continuidade: “Instaurou-se, então, o Estado Novo, com base na Carta Constitucional que legalizou um aparato de medidas destinadas a estreitar o espaço das liberdades políticas, a controlar os movimentos dos trabalhadores, a disciplinar a mão de obra e a industrializar o país. Nesse contexto emergiu o Estado intervencionista que fundou sua legitimidade na defesa do desenvolvimento econômico, da integração territorial, política e social, da criação dos direitos sociais, da

<sup>28</sup> *A Voz da Raça* – Ano I – n-16- 08/07/1933

<sup>29</sup> Saes, Décio – “Industrialização, populismo e classe média no Brasil” In *Cadernos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH)* – n-6- UNICAMP, 1976.

construção do progresso dentro da ordem. Vargas contou com o apoio das Forças Armadas, da Igreja, setores dos trabalhadores e proprietários, com os quais manteve negociações ao longo do período.”<sup>30</sup>

A ideologia do Estado Novo começou a ser gestada no período anterior a 1930, precisamente na Europa pós Primeira Guerra Mundial. Com a destruição dos países europeus e a crise capitalista, os movimentos e idéias autoritárias começaram a tomar corpo.

A destruição e morte espalhadas pela Europa marcaram a democracia liberal, que já não parecia garantir mais o bem estar da sociedade e dos indivíduos. Neste contexto de descontentamento político e miséria econômica, crescem na Europa os partidos e movimentos autoritários e totalitários: Itália, Alemanha e Rússia.

Macpherson defende a idéia de que o surgimento desses movimentos e partidos ocorrerem por causa da vinculação do capitalismo à democracia liberal:

“Democracia liberal é a democracia de uma sociedade de mercado capitalista e é também uma sociedade empenhada em garantir a todos os membros sejam igualmente livres para concretizar suas capacidades. Infelizmente, a democracia pode significar ambas as coisas. Pois liberal pode significar liberdade do mais forte para derrubar o mais fraco de acordo com as regras do mercado; ou pode significar de fato igual liberdade para todos empregarem e desenvolverem suas capacidades... a dificuldade consiste em que a democracia liberal, durante a maior parte de sua vida tudo fez para combinar os dois significados. Sua vida começou nas sociedades capitalistas de mercado e pode ser parafraseada “o mercado marca o homem”<sup>31</sup>

Neste sentido, o fato do capitalismo não garantir a prosperidade dos indivíduos e muito menos de nações inteiras, revelava o fracasso do

---

<sup>30</sup> Capelato, Maria Helena- op. cit. pg 43

<sup>31</sup> Macpherson, C. B. - A democracia liberal: origens e evolução. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, pg 10

sistema econômico baseado nas leis de mercado. Assim, justificam-se os Estados autoritários intervencionistas. A mesma justificativa se aplica à democracia que, em última instância, naquele momento histórico, não foi o caminho correto para o bem estar social; ao contrário, só trouxe consigo morte e destruição.

Nos artigos dos jornais negros, como *A Voz da Raça*, a democracia liberal era a encarnação do mal:

Neste artigo, não só a democracia liberal era atacada, como a liberdade de imprensa:

### *Critiqueiros*

*...Por que a imprensa andou sendo desviada do seu verdadeiro fim, durante toda a idéia liberal- democrática que, infelizmente vai agonizando, apesar das injeções de óleo canforado que, em certos países retardados, aplicam a quase-defunta. Em vão se criam nomes pomposos, embrulhadores, para mascarar a fisionomia já doutro mundo em que se vê a democracia liberal. Não renasce, com fachada nenhuma que lhe dê. É tempo perdido! – Com a agonia dessa maldita era que só deixou irreligião, miséria, fome, luto e mil desgraças no mundo, vai também aos poucos perdendo o prestígio a tal “liberdade de imprensa.” (...)*

Artigo assinado: Arlindo Veiga dos Santos<sup>32</sup>

No Brasil, ecos deste movimento se fizeram sentir com a criação do integralismo, movimento que nasceu em 32, tendo como líder Plínio Salgado e que se consolidou em 1935, quando se transformou em partido político. O movimento contava com toda a sorte de símbolos: indumentária, saudações, rituais. .

<sup>32</sup> *A Voz da Raça* – Ano I, s/n-22/04/1933

Segundo Cavalari<sup>33</sup> não podemos afirmar que o integralismo foi uma cópia fiel do movimento fascista europeu. Como outros autores, ela estabelece diferenças, concorda com Vasconcelos, que acreditava ser o integralismo brasileiro “fantasmagórico” porque seus desejos políticos de tornar o Brasil um país autônomo em relação aos países hegemônicos capitalistas eram irrealizáveis.

Cavalari concorda também com Marilena Chauí, que apresenta outra explicação possível para as diferenças entre o integralismo brasileiro e o fascismo: a ausência de classes sociais fortalecidas. Não havendo uma classe média urbana, na definição política partidária, a ideologia do integralismo encontrou espaço junto às massas.

Enfim, de uma forma ou de outra, cópia ou não do fascismo europeu, o integralismo cresceu, possuía núcleos organizados em todo país. Entre 1933 a 1937 alcançou a cifra de 1.352.000 militantes.<sup>34</sup>

A composição social da militância integralista também era um dado interessante, pois coexistiam grupos das mais diversas origens étnicas e sociais, como os nazistas localizados especialmente nas comunidades alemãs, fascistas entre os italianos e poloneses, e ainda uma classe média baixa composta por brasileiros, alguns negros e intelectuais do movimento modernista.

As bases ideológicas do Integralismo foram a crença num papel redentor das massas populares, através da cultura e da elevação espiritual. Acreditavam que o povo era imaturo. Por esse motivo, a ação integralista deveria acontecer no sentido de educação integral ao povo: física, científica, econômica, social, política e religiosa.

---

<sup>33</sup> Cavalari, Rosa Maria Feiteiro – O integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937) São Paulo: EDUSC, 1999.

<sup>34</sup> Cavalari, Rosa M.F. – op. cit. pg 34

Para viabilizar essa educação, a Ação Integralista era dividida em departamentos de estudos e propaganda. O objetivo principal era formar uma elite para comandar o movimento para dirigir as massas.

O elemento de semelhança com o fascismo era o culto ao autoritarismo, à disciplina, à obediência, à submissão, à hierarquia e fidelidade. Preceitos morais que o integralista precisava jurar diante dos outros.

A outra face desta história era o Partido Comunista, que foi o centro de um dos episódios que serviram de pretexto para a decretação do Estado Novo: O Levante de 1935.

Segundo Paulo Sérgio Pinheiro, Luis Carlos Prestes, líder desde o movimento tenentista, torna-se membro da ALN (Aliança Libertadora Nacional) em 1935. ALN reunia comunistas, sindicalistas e simpatizantes anti-fascistas; tinha cinco reivindicações básicas: anulação dos débitos às nações imperialistas, nacionalização das empresas estrangeiras, liberdades públicas, direitos ao governo popular e distribuição das propriedades rurais para os pequenos e médios proprietários. A princípio, a ALN enfrentou os integralistas e combateu o fascismo.<sup>35</sup>

Ainda segundo Pinheiro, a avaliação do desfecho do golpe comunista foi superestimada. Na realidade, a repercussão do movimento no seio da classe operária foi nula; no entanto, como consequência política, tivemos a decretação do Estado de Sítio, renovado por dois anos até a decretação do Estado Novo..

Com plenos poderes, Getúlio Vargas encarcerou e torturou todos os envolvidos no Levante. Foram presas cerca de 6 mil pessoas entre novembro de 1935 e maio de 1936.

---

<sup>35</sup> Pinheiro, Paulo Sérgio- Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil-1922-1935. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pg 308

O episódio do Levante Comunista revelou o caráter autoritário e ditatorial do governo, sendo implacável com os opositores, tanto à direita quanto à esquerda. Na avaliação de Paulo Sérgio Pinheiro, os revolucionários representavam ainda o descontentamento anterior a 1930. A repressão ao movimento marca a "...grande continuidade das práticas ilegais da violência do Estado, que substituirá e se agravará na ditadura do Estado Novo, apesar de 1930. Se os anos trazem década, trouxeram para o Brasil a modernidade da dissidência, da crítica do Estado, das esperanças e ilusões da revolução, ganhamos depois de 30 a modernidade da manipulação, da tutela e da ampliação do controle do Estado sobre a sociedade." <sup>36</sup>

Os integralistas e comunistas se enfrentaram durante toda a existência legal do Integralismo de 30 a 37. Ambos tinham algo em comum, segundo Boris Fausto, a crítica ao Estado liberal, a valorização do partido único, o culto da personalidade do líder. Diferentes eram as raízes dos dois movimentos: Os integralistas baseavam seu movimento em temas conservadores, como a família, a tradição do país, Igreja Católica. Os comunistas tinham programas revolucionários com bases na concepção da luta de classes, a crítica às religiões e aos preconceitos, a emancipação nacional obtida através da luta contra o imperialismo e a reforma agrária. Essas diferenças eram mais do que suficientes para produzir o antagonismo entre os dois movimentos." <sup>37</sup>

Assim, o Governo Vargas pode ser avaliado como extremamente contraditório: ao mesmo tempo em que garantia melhorias consideráveis aos trabalhadores nacionais, agia com mãos de ferro contra seus opositores.

Durante esta mesma época, existiu uma grande discussão entre os intelectuais, o Estado, refletindo na população como um todo, que era a

---

<sup>36</sup> Pinheiro, Paulo Sérgio- op. cit. pg 331

<sup>37</sup> Fausto, Boris - História do Brasil. São Paulo, Edusp, 2000, pg. 336

discussão sobre Raça e Nação. Estas questões não são novas surgiram no Brasil desde o século XIX, refletindo a influência européia. Na década de 30, o debate ressurgiu juntamente com o discurso modernizador, as questões eram sobre a nossa composição racial e a identidade nacional.

## Capítulo II – O Brasil que queria ser branco – O debate em relação à Nação e Raça.

O debate dos intelectuais e as resoluções governamentais a respeito de Raça e Nação foram importantes no Brasil, no período Vargas.

Para compreendermos o período de 1930 a 1937, foi necessário dividir a questão racial no Brasil em três fases distintas. Na primeira fase houve as políticas de imigração no século XIX, políticas que visavam solucionar o problema da mão-de-obra escrava que sofria um decréscimo em função da proibição do tráfico de escravos em 1850.

Na segunda fase, no início do século, com o advento da República, a discussão girava em torno da pobreza e da composição racial do povo brasileiro.

Na terceira e última fase aconteceu, podemos pensar, a partir de 1930, com a questão da construção da brasilidade, em tempos de modernização e projetos para o futuro.

Segundo Seyferth, o debate em torno do nacional inicia-se no século XIX, com a imigração européia. A autora informa que a política de imigração européia começou no Império, mais precisamente em 1850; naquele tempo, não havia a preocupação com a miscigenação. A imigração era tratada como necessidade de uma “agricultura moderna”, portanto tratava-se, na lógica racista da época, de um lado os “brancos civilizados”,<sup>1</sup> de outro, uma agricultura atrasada de negros..

---

<sup>1</sup> Seyferth, Giralda- “Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização” In Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996. pg 47

A política de colonização empenhou-se em trazer para o país brancos europeus, recrutados por agenciadores principalmente na Itália e Alemanha. A idéia era trazê-los para assentamentos, principalmente na região sul sendo o regime de trabalho livre, familiar e oposto ao sistema Plantation.

Para os defensores da imigração européia do século XIX, a idéia de trazer esses imigrantes significava o desenvolvimento e a superação de um modelo arcaico por um modelo civilizado de economia.

Seyferth aponta a Lei de Terras de 1850 como a concretização desse desejo de atrair os imigrantes europeus. A Lei 601 regulamentou a concessão de títulos de propriedades para os estrangeiros.

Esse esforço governamental para atrair imigrantes obviamente teve conseqüências nefastas para os trabalhadores locais. Os negros libertos, caboclos, mestiços foram colocados à margem da concepção do progresso. Para a autora: "Os pressupostos de inferioridade e a hierarquização baseada em elementos de natureza racial (como determinantes de capacidades) são mais do que óbvios quando está em jogo a idéia de "progresso" orientadora das políticas de colonização."<sup>2</sup>

O jornal negro *O Progresso*, em 1930, noticiava uma queixa interessante da relação de oposição, ainda existente, entre a agricultura moderna movida por brancos e a agricultura praticada por negros como sinônimo de atraso:

---

<sup>2</sup> Seyferth, Giralda- " Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo" In Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro: FGV, 1999, pg 48

*Paiz de negros:*

*Infelizmente, neste nosso paiz de liberdades fartas, as garantias para todas as acções, inclusive aquellas de estrangeiros nos meter no ridículo, dentro das nossas próprias fronteiras.*

*E assim que temos em nosso poder, há pouco recebido, 2 cartazes, a cores, que anda por ahi a propagar adubos e uma nova machina de matar formigas, e ambos salientando, como um insinuante reflexo do trabalho agrícola do nosso paiz, figura de pretos assustadiços ...*

*No cartaz do adubo para lavoura, que por signal é feito por uma firma alemã, o kalisindikar, com representantes em diversos de nossos Estados, offerece, como reclame dos nossos trabalhos agrícolas, de um lado um carro de boi de 1830, respectivamente abarrotado de canna de assucar, isto para exemplificar a nossa lavoura assucareira, como si nossas usinas, já há muitos anos, não fossem as suas terras cortadas de estradas de ferro, decauilles,..*

*No mesmo cartaz, um casal de crianças negras, de jacás as costas, ao pé de um cacaeiro agarram-se espantadiças como o habitante reberiento o paiz dos Amazonas e dos Ilhéus, onde predominam a cultura cacaeira deixa-se de existir o caboclo rude porem franco e leal....*

*Simplesmente ridículo, que estes cartazes e as outras tantas cousas dentre muitas provas e ignorância estrangeira, possa servir de base para sustar grande parte de nossa ingênua hospitalidade.”<sup>3</sup>*

---

<sup>3</sup> Jornal “O Progresso” – Ano II, n-21- 15-02-1930

Apesar da distância temporal entre o artigo e as discussões de progresso nos meados do século XIX, podemos entendê-lo como uma tomada de posição dos negros ao pensamento racista dos estrangeiros que associavam o progresso aos europeus e o atraso aos negros.

Ainda sobre o século XIX, Azevedo<sup>4</sup> informa que havia também a tentativa de deportação dos negros como solução para o progresso do país. Precisamente em 1830 é publicado o livro de Frederico Leopoldo Cezar Burlamarque<sup>5</sup>, que defendia idéia da devolução dos negros à África.

Seus argumentos eram interessantes para resgataremos a lógica daquele momento histórico: a escravidão era indesejável, além disso, os “negros não primavam pela inteligência”, portanto constituía o negro em um perigo para “segurança da raça branca”

Na lógica do autor: os brancos e negros eram “raças estranhas” entre si e que “nenhuma sorte poderiam ter ligação”. Como então construir uma Nação harmoniosa?

“A solução única era a extradição dos ex-escravos para a África, onde o governo brasileiro, a exemplo do que já faziam ingleses e norte-americanos, fundaria colônia para abrigá-los. À medida que os escravos, atingidos os vinte ou vinte e cinco anos, fossem sendo libertados e mandados de volta para a África.”<sup>6</sup>

O exemplo dado por Azevedo revelou que não havia no início do século XIX nenhuma possibilidade de discussão sobre a mestiçagem, ou o amalgamento de raças para compor o tipo nacional.

<sup>4</sup> Azevedo, Célia Maria Marinho – Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites- séc. XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

<sup>5</sup> O título do livro Memória Analytica á cerca do Commercio d'escravos e á Cerca do Males da escravidão. Rio de Janeiro, Comercial Fluminense, 1837. Citado por Azevedo, Célia Maria Marinho-Onda Negra medo branco- o negro no imaginário das elites século XIX. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

<sup>6</sup> Azevedo, Célia – op. cit. pg 44

Esse debate, tanto para os imigracionistas como para aqueles que propunham outras soluções, passava largo a questão da miscigenação como solução dos problemas raciais.

Para sintetizar as políticas em relação a imigração do século XIX, Seyferth informa: “A miscigenação, como problema, ficou em plano secundário neste debate sobre políticas de colonização, até porque as chamadas “raças inferiores” foram deixadas à margem de todos os projetos oficiais ou particulares envolvendo imigrantes.”<sup>7</sup>

Na segunda fase do debate, no início da República, o eixo da política imigratória passa pela questão racial. “O tema preponderante é o de assimilação associado à miscigenação enquanto processo histórico de formação de uma raça ou tipo nacional.”<sup>8</sup>

No Brasil, a questão racial era debatida nos Institutos de Ciências, nas Academias e entre pensadores isolados. Segundo Schwarcz,<sup>9</sup> são as instituições responsáveis pela discussão das questões raciais que vão se desenvolver e permear os outros conceitos decorrentes da questão racial, como povo, cidadania, nação.

Hobsbawm<sup>10</sup> informa que a idéia do nacional como um conjunto de fatores que englobava língua, religião, raça tem origem no final do século XIX. Foi neste momento histórico que a Europa discutia esta questão, mas podemos pensar num movimento mundial em que a nação se define por critérios étnicos e lingüísticos.

Para o autor, “os liames entre o racismo e o nacionalismo são óbvios(...) (...)Contudo, o que aproximou a “raça” e “nação” mais ainda foi

---

<sup>7</sup> Seyferth, Giralda – “Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo”- op. cit. 47

<sup>8</sup> Seyferth- op. cit. Pg 48

<sup>9</sup> Schwarcz, Lilia Moritz –O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil-1870-1930. São Paulo: Companhia das letras, 1993

<sup>10</sup> Hobsbawm, Eric J. Nações e nacionalismo desde 1870: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

a prática de usá-las como sinônimos possíveis, generalizando, de modo igualmente inexato, o caráter racial/nacional, como era então a moda.”<sup>11</sup>

É Hobsbawm quem cita o exemplo da definição inglesa de Nação: “um agregado amplo de pessoas com características adequadas”<sup>12</sup>. A ideologia racista, que teve origem histórica no século XVIII, mudou com a discussão do nacionalismo, no final do século XIX.

A explicação para essas mudanças está na aplicabilidade das teorias racistas. Para Arendt<sup>13</sup> os países colonizadores e suas respectivas colônias enfrentaram um problema sério: a abolição da escravidão.

A abolição acirrou os conflitos internos, e isso foi típico no Brasil. A questão era: o que fazer com os libertos? Os direitos dos brancos deveriam ser estendidos a todos os cidadãos? Mas quem eram os cidadãos?

O darwinismo transplantado para as ciências humanas, com seus princípios da hereditariedade e do progresso, serviu como arma ideológica para responder às questões e definições de cidadania, ou mais objetivamente, o domínio de uma raça sobre outra.

O racismo do século XIX possuía, segundo Arendt,<sup>14</sup> “uma extraordinária força de persuasão decorrente das principais ideologias que não era acidental, o seu apelo correspondia às experiências ou desejos, ou em outras palavras, as necessidades mais imediatas.”

Essa seria uma explicação plausível para o sucesso das teorias de Gobineau, Buffon, entre os intelectuais brasileiros. Pois, com o advento da República e a libertação dos escravos, era preciso definir o lugar do negro, ex-escravo, na hierarquia sócio-econômica, assim as teorias racistas serviram aos desejos da elite brasileira, tal como afirmou Arendt.

<sup>11</sup> Hobsbawm, Eric. J. Op. cit. pg. 132

<sup>12</sup> Hobsbawm, Eric J. Op. cit. pg. 42

<sup>13</sup> Arendt, Hannah- As origens do totalitarismo: Imperialismo, a expansão do poder. Rio de Janeiro: Documentário, 1976

<sup>14</sup> Arendt, Hannah - op. cit. pg. 60

De qualquer forma, no início do século, no Brasil havia um impasse: Como aderir ao modelo europeu de racismo que condenava a miscigenação, sendo a mesma uma das características do povo brasileiro em grande escala?

Um dos principais representantes das teorias racistas, Gobineau condenava a miscigenação, pois argumentava efeitos nefastos para a raça branca, entre outros, provocaria a sua degenerescência.

Para Seyfeth, o impasse estava resolvido: “Os cientistas brasileiros encontraram um meio para contornar a visão negativa seguida pelo racismo para a mistura de raças ora classificada como inferiores, ora como atrasadas: inventaram a tese do branqueamento e os mestiços superiores..!”<sup>15</sup>

Oliveira Viana afirmava, em 1918, em “Raça e Assimilação”, que estava preocupado com o destino do país:

“Compreende-se agora por que uma nação não pode ser indiferente nem a qualidade nem a quantidade dos elementos raciais que entram em sua composição.” (...) Trazendo para a formação do plasma racial os seus tipos de constituição mais freqüentes, estes elementos raciaes determinam os tipos de temperamento e de intelligencia que devem preponderar na massa social...”<sup>16</sup>

Assim, inventaram os “mestiços superiores”, fruto da mistura entre brancos superiores e negros cujas origens determinavam, na medida do possível, alguma superioridade.

Nina Rodrigues<sup>17</sup> era contrário a miscigenação, tanto é que ao reconhecer os sudaneses como superiores aos bantus preconizava idéia de

<sup>15</sup> Seyferth, Giralda - “Os imigrantes e a campanha de nacionalização” op. cit pg. 49

<sup>16</sup> Viana, Oliveira- Raça e assimilação São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934, pg 51

<sup>17</sup> Ver Africanos no Brasil e Culturas negras no Novo Mundo de Artur Ramos. Os dois autores trouxeram e m suas obras a preocupação em distinguir grupos como superiores e inferiores, embora Artur Ramos trate a questão sob a ótica cultural.

“raça pura”, portanto sem qualquer mistura.. Nina Rodrigues descrevia características físicas também como prova de superioridade de um grupo sobre outro.

A solução encontrada pelos cientistas brasileiros era a valorização da miscigenação como um mal necessário, assim o Brasil teria a chance de se tornar branco, apesar de suas composições indígenas e negras.

Nesse momento, todo o incentivo à imigração européia começa a fazer sentido: quanto maior o número de brancos, maiores eram as chances do Brasil se embranquecer.

Nesta concepção, os negros eram peças descartáveis, como se fosse possível, após a abolição, o desaparecimento físico do negro.

Skidmore reproduz um artigo do Presidente Roosevelt quando, em 1913, visitou o Brasil, junto com uma expedição científica. As palavras de Roosevelt: “No Brasil; o ideal principal é do desaparecimento da questão negra pelo desaparecimento do próprio negro, gradualmente absorvido pela raça branca...Os brasileiros do futuro serão, no sangue, mais europeus ainda do que foram no passado e diferenciarão da cultura, socialmente como os americanos do norte diferem.”<sup>18</sup>

Para Seyferth, no Brasil da década de 20, toda a responsabilidade sobre o futuro da composição racial do país dependia do comportamento dos imigrantes.

Oliveira Viana dedicou seus estudos ao caldeamento das raças; o chamado “melting pot”. Para o autor, o melting pot era tratado de forma positiva quando os grupos étnicos, preferencialmente, imigrantes europeus estavam dispostos aos casamentos inter-raciais.

O melting pot negativo seria decorrente do isolamento provocado pelos imigrantes que não promoviam casamentos inter-raciais, portanto, os

---

<sup>18</sup> Thomas E. Preto Skidmore, no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976 pg. 85

imigrantes não assimilacionistas, estes se constituíram um perigo para a formação do tipo nacional ideal.

No seu trabalho *Raça e Assimilação*, Oliveira Viana desenvolveu uma pesquisa sobre casamentos inter-raciais e chegou a conclusão que no Brasil, o coeficiente de homogeneidade entre as raças era grande e semelhante aos Estados Unidos. Aqui havia uma nupcialidade endogâmica, isso significava que os grupos étnicos casavam entre si.

Mais tarde, precisamente no Estado Novo, vamos verificar que medidas foram tomadas em relação a esses imigrantes indesejáveis.

Nos jornais negros, a imigração era tratada como um dos males que atingia a população negra:

*“Crescei e multiplicai-vos” –Especial para “A voz da raça”:*

*(...) A corrente imigratória no Brasil tão bem amparada pela lei, tem concorrido bastante para o aniquilamento da força social do negro que é, de fato, brasileiro, pelas credenciais confirmadoras que datam da descoberta da sua terra.*

*A lógica de tudo isto (retensão de desenvolvimento social e autenticidade nacional) está na lei Fidelis Reis?, na constituição passada, que proibia terminantemente a imigração de negros no Brasil. Logo, o negro nacional, inalterado em os pontos de vista do seu verdadeiro brasileiro. Que interesse, poderá inspirar este particular brasileiro ao estrangeiro que tem sido em nossa terra aventureiro legal? Nenhum. Pelo contrário, os que gozam entre nós, a nossa hospitalidade e o desdobramento de forças para a execução de obras que constitue o ideal utópico de alguns patrícios desprestigiadores de si mesmos – a dissolução característica de um povo para a formação de outros.*

*Esta situação virá reforçar as exatas configurações aliás muito honrosas com que, sem dúvida, somos tido pelo estrangeiro, no ponto de vista etnológico, como pais de negros, híbrido, etc, etc, embora haja futuramente o aperfeiçoamento do tipo da raça brasileira.*

*A sensibilidade do negro, muito acanhado não o deixa notar quão humilhante é este já divulgado problema cheio de chises (XX) cuja solução só o mesmo negro, de posse do seu "eu"; poderá dar, confirmando-se "raça dentro de sua terra"*

*O negro precisa readquirir sua faculdade psíquica, subtraída pelo narcótico manipulado com o sucesso de 1888 para, assim, compreender que sua raça no Brasil não deve se extinguir pela falta de assistência moral, econômica, social e daí pela "assimilação desordenada"(...)*

*Negro "crescei" e multiplicai-vos (em todos os sentidos) para a honra e glória, de vós mesmo e do Brasil.!*

Artigo assinado: Abel B. Freitas. <sup>19</sup>

No artigo citado acima, fica clara a resposta dos negros às propostas de extinção do negro, física e social, inseridas por medidas governamentais e nos debates entre os intelectuais, sobre Raça e Nação.

Os negros apontam a política imigratória como a principal responsável pelo aniquilamento social do negro, leia-se aqui a competição desigual no mercado de trabalho.

Mais adiante, os negros reivindicam o papel do negro como "verdadeiros brasileiros", autóctones, mais uma vez em oposição aos recém chegados imigrantes.

---

<sup>19</sup> Jornal *A Voz da Raça* – ano I, n-31, 03-02-1934

É interessante notar que os negros não descartavam a miscigenação, quando diziam que haveria no futuro um tipo de raça brasileira. O que eles reivindicavam era a tomada de posição do negro diante desse processo. O futuro da composição do tipo racial do brasileiro passaria pela auto estima dos próprios negros. Haveriam no futuro de crescer e multiplicar a população negra com orgulho de sua origem.

Kabenguele Munanga<sup>20</sup> informa que na primeira República vários intelectuais, destacando-se Silvio Romero, Alberto Torres, Oliveira Viana, Nina Rodrigues, Roquette Pinto e Euclides da Cunha, entre outros, estavam envolvidos na discussão sobre como transformar o Brasil composto por identidades tão múltiplas em apenas uma Nação e um povo.

Para o autor, era possível identificar esses intelectuais por bloco: Romero, Torres e Roquette Pinto atribuíam a causas externas o atraso do povo brasileiro, diluindo assim a importância do aspecto racial das características da sociedade brasileira, enfatizando o atraso cultural, o analfabetismo e a ausência de organização como os verdadeiros males do Brasil.

Hochmam informa que “autores como Manoel Bonfim e Alberto Torres podem ser apontados como intelectuais que, nos primeiros anos do século XX, contribuíram para deslocar as teses do determinismo racial e climático, enfatizando dimensões culturais do passado nacional e da organização da sociedade, ao mesmo tempo em que apontavam alternativas para o país.”<sup>21</sup>

Para Alberto Torres era necessário o incentivo as pequenas propriedades, rompendo assim com o sistema Plantation, fundamentado nas

---

<sup>20</sup> Munanga, Kabenguele - Rediscutindo a mestiçagem no Brasil, São Paulo: Vozes, 1999

<sup>21</sup> Hochmam, Gilberto e Nisia Trindade Lima- “Condenado pela raça, absorvido pela medicina: O Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da primeira republica.” In Raça, Ciência e Sociedade- op. cit. pg. 27.

grandes propriedades e portanto geradores da miséria nacional. Para Manuel Bonfim o futuro estava na educação.

Outro bloco poderia ser definido com os pessimistas, aqueles que enxergavam o Brasil como um país enegrecido e sem condições de civilidade. Neste bloco estariam Euclides da Cunha, Oliveira Viana e Nina Rodrigues.

Hochmam afirma que havia duas representações da população brasileira. De um lado Euclides da Cunha que, ao publicar "Os sertões" em 1902, "proclamou o sertanejo como força e fragilidade: o sertanejo é um forte, mas é também rude e carente de civilização"; por outro lado, Monteiro Lobato, tão pessimista quanto Euclides da Cunha, criou uma personagem que serviu de símbolo e importância para as campanhas de saneamento: "Jeca Tatu", que Lobato defendia "o caboclo a principal praga nacional", e descrevia com palavras fortes: "funesto parasita da terra (...) homem baldio, inadaptável à civilização".<sup>22</sup>

Para todos esses teóricos, havia nas páginas dos jornais negros extensos debates. Para aqueles que acreditavam que a causa da situação do povo brasileiro era histórica, os negros rebatiam com um forte orgulho do passado escravocrata.

Para os pessimistas, havia como resposta a crença de um futuro melhor, baseado na união da raça, na valorização do negro, na luta por educação. Nos jornais havia ainda o debate sobre o alcoolismo e a saúde da população negra.

De qualquer forma, a década de 20 trouxe a discussão sobre a saúde do povo brasileiro, estabelecendo como solução as políticas de saúde pública e a esperança na superação da barbárie como possível para o Brasil e os brasileiros.

---

<sup>22</sup> Hochmam, Gilberto - op. cit. pg. 28

A segunda questão, ainda da década de 20, era a seguinte: Se a miscigenação era valorizada como a única solução para a formação de um tipo ideal de brasileiro, era preciso resolver o controle da imigração, pois só interessava ao país, para a “depuração” do sangue, imigrantes brancos superiores.

Segundo Souza Ramos, cabia ao Estado Brasileiro incentivar a imigração européia e ao mesmo tempo, “interditar ou restringir a imigração daqueles povos considerados “raças inferiores”.<sup>23</sup> Os denominados “imigrantes indesejáveis” foram segundo o autor, desenhados em 3 momentos.

Primeiro, foi a reação da diplomacia brasileira quando um grupo de cidadãos norte-americanos negros tentaram ingressar no Brasil, em 1921.<sup>24</sup> Neste episódio, vale destacar que a reação da diplomacia brasileira foi taxativa: foi ordenado que fossem recusados vistos a quaisquer imigrantes negros que o solicitassem.

Quando o governo brasileiro foi questionado por essa atitude radical, a questão do branqueamento não apareceu e a justificativa foi política: os negros norte-americanos trariam ódio racial para o Brasil.

O segundo momento foi a apresentação de projetos de restrição à imigração de raças inferiores, particularmente os japoneses, que foram classificados como raça “inassimilável”.

Para Souza Ramos, a justificativa da recusa em aceitar os japoneses estava nas diferenças culturais, a suposta tendência ao isolamento, e a questão da miscigenação prejudicial da mistura com o amarelo para a

---

<sup>23</sup> Ramos, Jair de Souza – “Dos males que vem com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 20” In Raça, Ciência e Sociedade. Op. cit, pg.61.

<sup>24</sup> Sobre esse episódio ver Meade, T. & Pírio, G. A. -“In search of the Afro-American “eldorado”: attempts by North American blacks to enter Brazil in the 1920s. Luso-Brazilian Review, n 25 pg 85 a 108. Ano 1988. Referência bibliográfica de Ramos(1996:81)

evolução do tipo racial brasileiro. Mesmo diante da oposição, os japoneses acabaram entrando no Brasil em massa para a agricultura, principalmente em São Paulo.

No terceiro momento ocorreu o debate entre os fazendeiros, na Sociedade Nacional de Agricultura, em 1925. Ali, eles elaboraram um inquérito sobre a imigração e raça, em função dos fatos ocorridos: a imigração japonesa e a proibição da vinda dos negros norte-americanos.

Como resultado desse encontro analisado por Ramos foi estabelecido que a “harmonia racial” deveria ser conduzida sem conflitos, com o privilégio da raça branca. O risco da imigração deveria ser evitado no caso de não haver possibilidade de promoção da regeneração da raça brasileira, do grau elevado de civilização do povo imigrado e, por último, o grau de assimilação cultural e física dessa população.

Souza Ramos conclui que durante os primeiros anos da República:

“(...) a mistura era um eixo fundamental das representações sobre o imigrante, os vários componentes possíveis dessa mistura nunca foram tomados como equivalentes entre si. Ao contrário, foram classificados nos termos de uma nítida hierarquia racial que definia desde a plena positividade de determinados povos até a extrema negatividade de outros. Essa classificação não recomendava misturas, mas tão somente aquelas que pudessem representar a melhoria biológica do trabalhador nativo. E mesmo para a imigração branca postulava-se uma hierarquia a recomendar diferentes combinações segundo o povo imigrado e a região onde seria instalado.”<sup>25</sup>

Assim, os dois períodos que antecedem a década de 30 estão claramente definidos em relação à miscigenação. No primeiro momento,

---

<sup>25</sup> Ramos, Jair de Souza Ramos – “Dos males que vem com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 20” In Raça, Ciência e Sociedade. Op. cit - pg.s 80-81

ainda no século XIX, não era fundamental, e o no segundo momento, no início da República, passa a ser essencial na definição do povo brasileiro.

Para os pessimistas, como Nina Rodrigues, Oliveira Vianna, Euclides da Cunha, que viam um Brasil enegrecido, as palavras deste último eram claras e ilustrativas em relação ao mestiço:

“A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extrema é um retrocesso. O indo-europeu, o negro e o brasílio-guarani ou o tapuia, exprimem estágios evolutivos que se fronteiam, e o cruzamento sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro é um estimulante à revivescência dos atributos primitivos dos últimos. De sorte que o mestiço- traço-de-união entre as raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares- é quase sempre um desequilibrado. Foville compara-os, de modo geral, aos histéricos. Mas o desequilíbrio nervoso, em tal caso, é incurável: não há terapêutica para este embater de tendências antagonistas, de raças repentinamente aproximadas, fundidas num organismo isolado”<sup>26</sup>

Para os otimistas, como Alberto Torres, Silvio Romero, Manuel Bonfim e Roquette Pinto, a discussão sobre a mestiçagem se deslocou da questão racial e centrou seus esforços em entender os fatores externos da nacionalidade brasileira. Nas palavras de Alberto Torres:

“Nós, povo imigrado para um continente virgem, que julgamos imensamente e indefinidamente rico; para qual entramos, como exploradores, extraindo frutos e avançando pelos sertões; nunca formamos nossa sociedade. A nacionalidade é no Brasil um simples fato de afetividade individual e de vizinhança. Faltam-nos, de todo, os vínculos gerais da relação, a liga plástica dos interesses, o vínculo moral dos fins

<sup>26</sup> Cunha, Euclides da - “Mestiçagem e sociedade rural” In O Brasil no pensamento brasileiro. Op. cit. pg 183

comuns(...) Condenar a nação? Mas por quê? Porque é inferior? A nossa inferioridade é um simples postulado(...) Há raças superiores e inferiores? Admitamo-lo; mas, neste caso, a superioridade há de prevalecer, a inferioridade há de ser vencida.”<sup>27</sup>

Este confronto de idéias a respeito da mestiçagem irá criar um impasse durante a década de 30.

Em 1930, como já vimos, ocorreram as condições estruturais para operar mudanças significativas em todos os setores da vida social. Os intelectuais estavam afinados com o Estado Brasileiro. O Brasil tinha um projeto de nação modernizador, e ali já não caberia ideologia do século passado, ligado à ordem escravocrata, portanto, o otimismo prosperou e Alberto Torres foi resgatado como o intelectual importante para pensar o Brasil do futuro.

O Brasil da década de 30 modernizou-se por decretos.

Ao Estado brasileiro caberia a missão da construção nacional com base em um governo forte, intervencionista, responsável pela ordem social e regulador das relações de trabalho e das relações sociais.

A penetração do Estado ocorreria em áreas totalmente novas, que transformavam a vida cotidiana do brasileiro. Levine<sup>28</sup> informa que, por exemplo, o futebol passou em 1933 a ser profissional sob a gestão da Confederação Brasileira de Desporto (CBD) e tornou-se, subsidiado pelo Estado, um esporte popular e massificado. Os clubes misturavam ricos e pobres, os jogadores eram negros e brancos. E, com a vitória do time brasileiro na Copa Sul Americana de 1932, o Estado se apropria da vitória brasileira, como um triunfo nacional.

---

<sup>27</sup> Torres, Alberto – “Condições de vida no Brasil” In O Brasil no pensamento brasileiro op. cit. pg. 207

<sup>28</sup> Levine, Robert M. Pai dos Pobres?: o Brasil na Era Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pg. 73.

O mesmo processo aconteceu com o Carnaval, as Escolas de Samba foram obrigadas a se cadastrarem e a se submeterem à censura do Estado, em troca recebiam subvenções turísticas e outros benefícios.

Hermano Viana<sup>29</sup> discute esse processo em relação ao samba, que também foi apropriado pela cultura nacional, e ainda, a idéia de vincular o samba à mestiçagem.

Outro autor que discutiu a apropriação do Estado das produções culturais populares foi Peter Fry,<sup>30</sup> que questionava os motivos pelos quais a apropriação de símbolos escamoteavam a relação de dominação dos grupos sociais.

A apropriação da cultura popular assegurava no bojo do Estado autoritário a ausência de conflitos e impedia a luta aberta entre grupos dominados e a cultura dominante. Denunciar a relação de dominação transformava-se assim em uma tarefa quase impossível.

Entre 1930 e 1934, durante o Governo Provisório, havia ainda uma profusão de partidos e grupos de esquerda e direita representando idéias polarizadas. Por exemplo, em 1932 nascia o Integralismo de Plínio Salgado e Gustavo Barroso, declaradamente anti-semita; por outro lado, nascia também a Aliança Nacional Libertadora, projeto de esquerda com princípios comunistas e socialistas.

Perazzo avalia o período: "De 1930 a 1937 o Brasil se encontrava numa espécie de "indefinição ideológica" ou seja ainda não dispunha de projeto político definido, coerente em suas bases ideológicas: nesse momento as idéias liberais, conservadoras, comunistas, fascistas e

---

<sup>29</sup> Viana, Hermano- O mistério do samba, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

<sup>30</sup> Fry, Peter-Para ingles ver. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

integralistas, circulavam concomitantemente tendo seus adeptos certa "liberdade de ação".<sup>31</sup>

Podemos avaliar essa indefinição na Constituinte de 1933 e na própria constituição de 1934 como uma clara tentativa de contemplar os diferentes grupos e suas respectivas reivindicações.

Na Constituição de 1934, por exemplo, o grupo de pessimistas da questão racial venceu, pois o art 121 §§ 6 e 7, impunha restrições à entrada de imigrantes no território nacional, garantindo a "integração étnica". Foram estabelecidos 2% de limite anual para a entrada de estrangeiros e no parágrafo 7 vedava-se a concentração de imigrantes em qualquer ponto do território nacional, com o objetivo de evitar a formação de quistos raciais.<sup>32</sup>

Foi neste período que Gilberto Freyre entrou em cena. Ao trazer para o Brasil o seu aprendizado com Franz Boas, da Columbia University, sobre a diversidade cultural vista sob o ângulo do culturalismo, Freyre inaugurou uma nova forma de pensar sobre a heterogeneidade brasileira: foi a valorização extrema e positiva da mestiçagem.

Freyre teve o mérito indiscutível de reconhecer na cultura brasileira traços de todos os povos que a compõem. Traçou o Brasil como um país harmônico, onde as diferenças não eram traduzidas por conflitos. Essa foi a sua fraqueza.

A obra de Freyre elegeu a mestiçagem como característica intrínseca do brasileiro. O Brasil era decretado como um país mestiço, para o bem e para o mal.

Aqui podemos identificar a origem do mito da democracia racial, não como uma obra isolada de Freyre, mas como um desejo ou uma

---

<sup>31</sup> Perazzo, Priscila Ferreira- O perigo alemão e repressão policial no Estado Novo. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999, pg. 42

<sup>32</sup> Informações de Tucci Carneiro- O anti semitismo na Era Vargas(1930-1945). São Paulo: Brasiliense, 1988

acomodação de todos aqueles que pensavam em encontrar uma identidade para o Brasil.

O mito, originalmente uma solução para os conflitos, descamba para a ilusão que, segundo Gennie Luccioni<sup>33</sup>, passa a ser mãe da ideologia e da idolatria. Passando de ilusão, o mito serve para escamotear a realidade de um povo e aqui no nosso caso, a realidade das relações raciais no Brasil.

Assim, o espaço que a obra de Freyre ocupou no pensamento intelectual brasileiro foi para resolver o insolúvel, isto é, acomodar nossas origens étnicas tal como eram pensadas no passado recente (década de 20) em um ideário de progresso e civilização, projetando a Nação brasileira rumo ao futuro. O sucesso e o oportunidade de Freyre foi o suficiente para detonar o desejo de todos e principalmente do Estado de uma nação pacificada e harmônica.

Gilberto Freyre publicou "Casa Grande & Senzala em 1933, causou enorme sucesso. No entanto, junto com ele estavam autores que, na visão de Carlos Guilherme Mota, tinham fundamental importância: "A historiografia da elite oligárquica empenhada na valorização dos feitos dos heróis da raça branca e representada pelo IHGB (Instituto histórico e geográfico brasileiro) vai ser contestada de maneira radical por um conjunto de autores que representarão o ponto de partida para o estabelecimento de novos parâmetros no conhecimento do Brasil e seu passado. Esse momento é marcado pelo surgimento das obras de Caio Prado Jr (1933), Gilberto Freyre (1933) e Sérgio Buarque de Holanda (1936).<sup>34</sup>

Comparativamente, todos estes autores tinham metodologias diferenciadas. Por exemplo, Caio Prado Jr foi o primeiro historiador, ao contrário de Freyre, que introduziu as classes sociais como categorias

---

<sup>33</sup> Luccioni, Gennie - Atualidade do mito. São Paulo: Duas cidades, 1977.

<sup>34</sup> Mota, Carlos Guilherme - Ideologia da cultura brasileira(1933-1974). São Paulo, Atica, 1980

analíticas. Sérgio Buarque de Holanda analisou nossas origens através do que Antonio Candido<sup>35</sup> denominou de metodologia dos contrários: trabalho e aventura; método e capricho; rural e urbano, etc.

Para Antonio Candido, os autores acima citados representavam uma nova perspectiva: “Para nós, os três autores citados foram trazendo elementos de uma visão do Brasil que parecia adequar-se ao nosso ponto de vista. Traziam a denúncia do preconceito de raça, a valorização do elemento de cor, a crítica dos fundamentos “patriarcais” e agrários, o discernimento das condições econômicas, a desmistificação da retórica liberal. Mas talvez significasse outra coisa para os jovens de direita que tendiam a rejeitá-los, olhá-los com desconfiança ou, na medida do possível, ajustar ao menos o primeiro aos seus desígnios. Esses nossos antagonistas prefeririam certos autores mais antigos(...)”<sup>36</sup>

Na década de 30, outro cientista importante foi Artur Ramos, que aproximava-se de Gilberto Freyre em relação ao futuro do país. Especialista em cultura africana, Ramos escreveu, na década de 30, sobre o negro brasileiro e sobre as culturas negras na América.<sup>37</sup>

É importante dizer que tanto Freyre como Ramos, ao valorizarem a mestiçagem, não deixavam de revelar alguns pressupostos ainda das teorias evolucionistas. Essa confusão foi muito típica do período de transição entre as duas guerras mundiais, e também no Brasil, ainda sob a influência dos autores que mencionamos acima.

Artur Ramos, ao analisar os intelectuais brasileiros sobre as suas origens étnicas, afirma:

---

<sup>35</sup> Ver Prefácio de Raízes do Brasil, Rio de Janeiro: José Olímpio, 1979.

<sup>36</sup> Op cit. pg 13.

<sup>37</sup> Em 1934, Artur Ramos publicou o Negro Brasileiro. em 1935 publica sobre a influencia de Herskovitz, As culturas negras no Novo Mundo.

“(...) Não vamos responsabilizar por isto este ou aquele grupo étnico, que contribuíram à nossa formação. Estes defeitos são uma consequência de atraso cultural ou de desajustamentos socioculturais advindos do trabalho da aculturação ainda não completado.

É possível que muitos destes defeitos sejam aparentes. É possível também que muitos deles se convertam em qualidades. Acredito, mesmo, que alguns processos de pensar, de origem negro-africana e ameríndia, dêem à civilização do Novo Mundo uma modalidade característica. Elementos pré-lógicos, que incorporando-se ao pensamento aristotélico da cultura ocidental assinalem uma nova modalidade de pensar.

(...) O que devemos assinalar é que os defeitos apontados da vida cultural brasileira não são categorias irreduzíveis... São defeitos históricos, deslocáveis e mutáveis...alguns podem ser corrigidos. Outros são inerentes à nossa vida mental, expressões características de uma civilização em início.”<sup>38</sup>

Essa passagem de Artur Ramos revela resíduos das teorias evolucionistas: atribuição do pensamento pré-lógico aos índios e negros, por exemplo; ou ainda, a irreduzibilidade de alguns “traços” de um povo ou uma raça. É interessante notar também o esforço do relativismo cultural em Ramos, nota-se nesta citação a disponibilidade do autor em aceitar o pensamento pré-lógico como uma contribuição à civilização, atitude intelectual típica aos relativistas.

Artur Ramos, sob a influência norte-americana de Herskovits, traçou um mapa das culturas africanas no Brasil, deslocando toda a questão das superioridades raciais para a superioridades culturais.

Gilberto Freyre também revelava resíduos das teorias evolucionistas, principalmente em suas descrições sobre os índios, negros e até mesmo os mestiços que defendia.

Em sua obra *Casa Grande & Senzala* já é famosa a sua descrição sobre os marinheiros brasileiros que observou quando estava em New

---

<sup>38</sup> Ramos, Artur – “Notas psicológicas sobre a vida cultural brasileira In Brasil no pensamento brasileiro. Op. cit. pg. 69.

York: “Eram caricaturas de homens e veio a lembrança a frase de um livro de viajante americano que acabara de ler sobre o Brasil: “the fearfully mongrel aspect of most the population” a miscigenação resultava naquilo. Faltou-me quem me dissesse então, como em 1929 Roquette Pinto aos arianistas do Congresso Brasileiro de Eugenia, que não eram simplesmente mulatos ou cafuzos os indivíduos que eu julgava representarem o Brasil, mas cafuzos e mulatos doentes.”<sup>39</sup>

Gilberto Freyre foi então aprender com Boas que essas características raciais descritas por ele não eram apenas genéticas mas tinham raízes nas influências sociais, na herança cultural e no meio, diferenciando assim as causas externas (a cultura) das causas internas (raça). De qualquer forma, a descrição de Freyre sobre os mulatos não eram fictícias ou foram abandonadas a partir de sua formação relativista.

Hermano Viana, intrigado com essa mudança de perspectiva de Freyre sobre os mestiços, indaga:

“Como o horror e desprezo foram transformados em admiração e elogio? A explicação de Freyre parece mágica, pois aprendeu com Boas, o justo valor do negro e do mulato.”<sup>40</sup>

Hermano Viana, não convencido dessa mudança de perspectiva de Freyre, cita uma série de artigos, publicados no Brasil, na década de 20, nos quais Gilberto Freyre escreveu sobre o jazz, que despontava no cenário cultural norte-americano. Nestes artigos, Freyre fazia críticas preconceituosas sobre a Jazz, as danças, o ragtime, chamava-os de bárbaras e horrorosas.

Em 13 de maio de 1923, Gilberto Freyre escrevia: “o jazz music que acompanhava as danças modernas, esta deve embrutecer... em uma experiência em New York, onde se tocou jazz para os animais “os

<sup>39</sup> Freyre, Gilberto – Casa Grande & senzala. São Paulo: Circulo do livro, S/d pg. 11

<sup>40</sup> Viana, Hermano – Op. Cit. Pg. 78

macacos não se limitaram, a maneira das cegonhas, a filosófica indiferença ou apatia, neles o jazz excitou as fúrias homicidas, iconoclasticas e creio até, mas, não estou certo, suicidas.”<sup>41</sup>

Entre 1934 e 1937, os debates internos sobre Nação e Raça polarizavam-se entre a esquerda e direita. Os projetos liberais e democráticos foram perdendo espaço para uma conjuntura que indicava a ascensão mundial de regimes anti-liberais.

No panorama internacional, as idéias racistas estavam ganhando corpo, principalmente na Alemanha. Goldhagen informa que o Partido Nacional Alemão de Hitler cresceu de 18,3% em 1930 para 43,9% em 1933. No mesmo ano de 1933, Hitler assume a chancelaria e a primeira medida de seu governo foi o boicote ao comércio judeu. Em seguida decreta a expulsão dos judeus dos serviços públicos. Iniciam-se os ataques físicos aos judeus, sem no entanto, ocorrerem ações coordenadas por oficiais alemães.<sup>42</sup>

No Brasil, o anti-semitismo foi parte da ideologia da direita, através do partido integralista, representado por nomes como Gustavo Barroso e Plínio Salgado.

Para Grun<sup>43</sup> o anti-semitismo na Era Vargas apareceu no integralismo na figura de Gustavo Barroso, que produziu, publicou livros e panfletos contra os judeus. Mas havia um detalhe importante, ele não discursava em público, o que, para o autor, era sintoma de que não havia no Brasil eco para esse tipo de movimento.

---

<sup>41</sup> Viana, Hermano – Op. Cit. Pg. 85.

<sup>42</sup> Goldhagen, Daniel Jonah – Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o holocausto. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

<sup>43</sup> Grun, Roberto- “Construindo um lugar ao sol: os judeus no Brasil” In Fazer a América: A imigração em massa para a América Latina. Org. Boris Fausto. São Paulo: Edusp, 2000.

O anti-semitismo apareceu nos jornais negros como reflexo de um sentimento generalizado e baseado no senso comum a respeito dos judeus como membros de uma religião estranha, como matadores de Cristo e como um povo vinculado ao comércio.

Goldhagen informa que, na Alemanha, a ideologia que o autor define como “eliminacionista” só se concretiza a partir de 1938, quando ocorrem os primeiros ataques sérios chamados de “Kristallnacht”, que foi a reação ao assassinato de um oficial alemão, transformando toda a Alemanha num círculo infernal de destruição de propriedades judaicas, humilhações, prisões e internamentos.

Foi somente em 1941 que começam as deportações dos judeus para o leste europeu; informa o autor que, em 1941, 33 mil judeus foram mortos em Kier na URSS.

Para Tucci Carneiro, no período Vargas anterior a 1937 “não se proibia a pratica de outras crenças, nem se perseguia os seus seguidores, mas o espaço político-social da “outras” religiões encontravam-se reduzido e sua imagem estereotipada.”<sup>44</sup>

Dos anos 30 até exatamente 1937, assistimos o surgimento de elementos que entraram no processo de consolidação do mito da democracia racial por decreto. Todos aqueles que resistiram à assimilação dessa ideologia foram acusados de promover “quistos sociais”.

No Estado Novo foi decretado o fim dos partidos e das agremiações;

Na Constituição de 1937 ficou proibida a manifestação pública em língua estrangeira: foram extintas as escolas étnicas, os jornais especializados das comunidades estrangeiras.

Em 1938, Getúlio Vargas empreendeu uma política de “abrasileiramento” forçado. Foram as leis nacionalizadoras que exigiam entre outras medidas: documento e identificação exclusivos para estrangeiros, proibição

---

<sup>44</sup> Tucci Carneiro, M Luiza – op. cit. pg 112

de atividades políticas, regulamentação da expulsão, veto à entrada de doentes, mutilados ou aleijados, veto contra aqueles que praticaram crimes internacionais.

A questão do Estado passou definitivamente a ser central, a proposta era a construção de um Estado-Nação forte em nome de um nacionalismo exacerbado.

Para Araujo<sup>45</sup>: Getúlio era o chefe político que simbolizava o poder do Estado e a nacionalidade. Foi no Estado Novo o apogeu dos pensadores autoritários como Francisco Campos, Azevedo Amaral e Oliveira Viana.

Ainda é a mesma autora quem diz que o Golpe de 1937 do Estado Novo foi um processo de fechamento e repressão que inicia-se em 1935, com o Levante Comunista, e em 1937, após o ataque dos integralistas, volta-se também para a direita.

São anos de violência e truculência, exemplificados com a extradição de Olga Benário Prestes e as prisões dos escritores Graciliano Ramos e Monteiro Lobato.<sup>46</sup>

Na educação, sobre o pretexto da nacionalização, foram tomadas medidas de segurança como a proibição do ensino em língua estrangeira, decretando-se o fim das especificidades culturais relativas aos grupos étnicos que viviam no Brasil.

A exemplo dos alemães e sua eficiente propaganda, havia no Brasil o Departamento de Imprensa e propaganda (DIP), que tratava da política cultural oficial: o civismo, o nacionalismo, a eugenia e o culto ao corpo sadio.

Se antes os alemães representavam prováveis aliados, passaram a representar o "Perigo Alemão", a partir do momento em que o Brasil

---

<sup>45</sup> Araújo, Maria Celina D' - *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

<sup>46</sup> Para a biografia de Olga Benário Prestes ver *Olga* - Fernando de Moraes, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

tornou-se inimigo do Eixo, por pressões norte-americanas. Havia uma duplicidade de rejeição em relação à comunidade alemã, no país. Parcela da população alemã era tratada como inimiga, na medida em que não se assimilava aos nacionais, e outra parcela era tratada como traidores, alvo de investigações e truculência, pois eram considerados alemães “nazificados”.

Perazzo explica “que a idéia de um “perigo alemão” consistia em acreditar que os países do continente sul-americano seriam anexados ao Reich alemão, através da invasão do exército. A porta de entrada para essa invasão seriam as colônias de origem germânica fixadas no nosso continente, principalmente as do sul do Brasil(...)”<sup>47</sup>

Quanto à rejeição dos alemães por não serem assimilacionistas, Seyferth informa que: “a partir de 1937 foram tomadas medidas coercitivas visando a atingir as organizações comunitárias étnicas produzidas pela imigração em nome da tradição de assimilação e mestiçagem demarcadoras da nacionalidade. Mudanças na legislação e ação direta do exército junto aos grupos considerados quistos raciais interferiram na vida cotidiana de uma parcela significativa da população, sobretudo no sul e em São Paulo.”<sup>48</sup>

O mesmo processo ocorreu com os japoneses que, durante o Estado-Novo, foram acusados de promover “quistos sociais”. Suas escolas e jornais foram atingidos com as leis de 1938.

Com a proibição das escolas japonesas, o culto ao Imperador ficava prejudicado, bem como, a comunicação entre os japoneses no Brasil e no próprio Japão. Foram confiscadas as contas bancárias dos japoneses acima de cem mil réis (isto ocorreu também com alemães e italianos).

---

<sup>47</sup> Perazzo- op. cit. Pg. 49

<sup>48</sup> Seyferth, Giralda- “ Os imigrantes e a campanha...” op. cit. pgs 199-200

Morais cita o caso de um feirante japonês “que bateu na porta do distrito policial de Penápolis para saber os limites da nova proibição (1938) recebeu do delegado uma resposta desconcertante: ‘Japonês continua podendo fazer tudo; pode trabalhar, pescar, jogar futebol. Só não pode falar japonês. E quem não souber português não pode falar nada.’”<sup>49</sup>

Para Moraes: “nenhuma dessas medidas, contudo, doeria tanto na alma japonesa quanto a ordem de fechar as escolas de seus filhos. Nem tanto a alfabetização, que até poderia ser realizada em outra língua. O problema é que, sem a escolinha japonesa, as crianças estariam privadas do aprendizado do *yamatodamashii* – doutrina do espírito nipônico e do modo de viver “japonês”... aprendiam a ser bons súditos do Imperador Hiroito. E isso, nenhuma escola *gaijin* saberia ensinar. De todo o rosário de proibições impostas aos japoneses residentes no Brasil, essa era a única que eles resolveram burlar. Se não podiam educar seus filhos às claras, iriam fazê-lo na clandestinidade.”<sup>50</sup>

As restrições aos italianos também tiveram repercussões junto à comunidade; foram alvo de repressão a imprensa, as associações beneficentes e recreativas e as escolas.

Apesar de serem regras de exceção, porque o país estava em Guerra, estas medidas alcançaram também os negros, que tiveram fechados tanto a Frente Negra Brasileira como todos os jornais negros.

Outros grupos, como os poloneses, espanhóis, também foram atingidos. Sem contar os judeus que, fugindo do nazismo, haviam aumentado consideravelmente a sua população, principalmente nos centros urbanos: Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo e Recife. (cerca de 30% de crescimento)

---

<sup>49</sup> Moraes, Fernando – *Corações Sujos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, pg. 46

<sup>50</sup> Moraes, Fernando- op. cit. pg. 49.

Até 1937, em relação ao anti-semitismo, segundo Maio<sup>51</sup> havia uma ambigüidade, pois mesmo para os integralistas o anti-semitismo era uma questão menor, principalmente para Plínio Salgado, em franca oposição ao segundo homem do integralismo que foi Gustavo Barroso, um anti-semita radical.

Mas para ambos os representantes do integralismo, não provocavam situações de tensão ou conflito reais. O anti-semitismo era uma batalha de idéias e não era um movimento das massas.

A partir de 1937 igualmente atingidos pelo nacionalismo de Estado, os judeus representavam o “perigo semita”. Segundo Chor houve uma circular secreta em 37, com a proibição da entrada de judeus até 1940.

Na vida cotidiana, os judeus também foram atingidos pelas proibições em freqüentar escolas, clubes e instituições recreativas.

Encerramos nossa discussão nas iniciativas do Estado Novo, políticas que duraram até 1945.

Para finalizar, Chor explica o que foi a política do Estado Novo: “Inibição de qualquer manifestação de natureza étnica ou nacional que ameaçasse a soberania territorial ou o projeto cultural sob a égide da noção de brasilidade... Essa política estava em sintonia com uma nova visão do povo brasileiro. O enaltecimento de uma nação mestiça, tornou-se oficialmente uma ideologia do Estado Novo”<sup>52</sup>

O Brasil tornou-se paradoxalmente democrático por decreto.

No contexto mundial, durante toda a década de 20, os negros na diáspora se articularam em torno do fenômeno político e cultural denominado Pan-africanismo. No próximo capítulo vamos acompanhar

---

<sup>51</sup> Maio, Marcos Chor “Qual anti-semitismo? Relativizando a questão judaica no Brasil dos anos 30.” In Repensando o Estado Novo, Op. cit.

<sup>52</sup> Chor, Marcos- op. cit. pg. 250

como os negros brasileiros estavam conectados a esse contexto internacional.

## Capítulo III- Conexões Internacionais

### 1- Pan-africanismo – século XVIII e XIX

Para dimensionarmos o movimento do pan-africanismo no século XX, precisamos refletir sobre experiências anteriores dos negros americanos e africanos em relação à África.

Nos Estados Unidos, desde a independência em 1776, já se discutia a possibilidade dos negros retornarem a África. Neste período havia Estados livres e Estados escravocratas e havia também, a partir de 1808, com a proibição do tráfico de escravos, problemas sérios em relação à fuga constante de escravos. Foram então necessários acordos entre as colônias do Norte e do Sul para definir os procedimentos em relação às fugas, e ainda ações judiciais para garantir a escravidão em alguns estados e a liberdade de outros.

O Pan-africanismo começou a ser pensado como uma ação contra a opressão e o racismo. Em 1787 foi criado em Massachusetts o “Comitee of the African Lodge”, que entrou na justiça com uma petição para a obtenção de recursos para o retorno à África. A petição foi ignorada.

Em 1789 houve uma nova tentativa na justiça, em Newport, pela “Union Society of Africans”, que dizia lamentar o fato dos negros americanos serem tratados como estrangeiros<sup>1</sup>

Em 1808, segundo Esedebe<sup>2</sup>, um jovem mestiço de indiano e negro, próspero comerciante e construtor de barcos do Norte, desenvolveu uma

---

<sup>1</sup> Bennett Jr, Lerone chama atenção para o fato das primeiras instituições negras norte-americanas utilizarem o prefixo “African” que denota uma preocupação com o destino e o sofrimento compartilhado de todos os negro na América, principalmente depois de fatos históricos como a Revolução no Haiti que incrementaram o protesto negro. In Before the Mayflower: A History of Black America. New York: Penguin Books, 1988.

campanha pelos direitos dos negros americanos, em Massachusetts. Em sua plataforma de luta incluía-se a volta à África e ao seu desenvolvimento. Esse jovem, chamado Paul Cuffe, visitou várias vezes Serra Leoa. A partir de 1808, com o apoio de "African Institution" e a fundação da sua "Friendly Society of Sierra Leone", inaugurou um canal de intercâmbio entre a África e os negros americanos.

Neste período, Cuffe arregimentou cerca de 40 negros e suas respectivas famílias, de várias regiões americanas como Baltimore, Boston, New York, Filadélfia, Connecticut, para a emigração para a África.

Em 1816, Paul Cuffe funda, com a colaboração de brancos liberais e ricos, a "American Colonization Society".<sup>3</sup> A missão da sociedade era financiar a emigração de negros livres para a África, através de recursos privados, grupos das igrejas, legisladores dos Estados e donativos do Congresso dos Estados Unidos.

Esta sociedade durou quarenta anos e foi responsável pela saída de cerca de 13 mil afro-americanos.

Eisemberg<sup>4</sup> confirmou esses números e acrescentou que no governo do presidente James Monroe<sup>5</sup>, iniciado em 1817, foram compradas terras na África Ocidental, precisamente na Libéria.

A Libéria<sup>6</sup> pertence a uma região extremamente importante, era o habitat da chamada "cultura atlântica". Foi esse local que forneceu o maior

<sup>2</sup> Esedebe, P. Olisanwuche- Pan-Africanism: The Idea ad movement, 1776-1991, Washington, D.C.: Howard University Press, 1994

<sup>3</sup> Paul Cuffe era membro de um seletto grupo de libertos e empresários em Massachussets. Ele operava no ramo da construção de barcos e ainda promovia viagens para a Europa, Rússia, África e Oeste da Índia.

<sup>4</sup> Eisemberg, Peter Louis - Guerra Civil Americana. São Paulo: Brasiliense, 1982

<sup>5</sup> O presidente James Monroe foi o autor da Doutrina Monroe, que pode ser simplificada com a frase "A América para os americanos", constituía-se na expansão econômica internacional dos Estados Unidos e também a expansão rumo ao Oeste, a partir da faixa atlântica. Até meados do século XIX, os Estados Unidos já alcançava dimensões continentais comprado a Louisiana, Flórida, anexando o Texas, Califórnia, Novo México, Arizona, Utah e Nevada, além das ilhas no Pacífico e Índias Ocidentais.

número de escravos para o Novo Mundo, e suas culturas são consideradas as mais típicas dentre as culturas africanas.

Havia nesta região o desenvolvimento cultural significativo: bronze, cobres, tecidos, esculturas de madeira, cerâmica e trabalho em ferro. Ali também se desenvolveram instituições políticas, como os grandes reinados e monarquias, e também ocorreu o desenvolvimento religioso. E, ainda, conheciam uma escrita rudimentar.<sup>7</sup>

Para Artur Ramos a região era uma sub-área da costa da Guiné, portanto, pequena em extensão geográfica, mas era de mais alta importância cultural, pois era ela que tinha para nós uma importância decisiva: é que de lá vieram para o Novo Mundo os mais típicos contingentes negros importados com o tráfico de escravos.”<sup>8</sup>

Próximo à Libéria, já existia um núcleo de escravos libertos em Serra Leoa, originário de Londres. Esse núcleo, foi a princípio estabelecido pelos abolicionistas britânicos, e depois foi transformado em sólida colônia britânica.

Em cinquenta anos, segundo Viditz-Ward: “os britânicos lá instalaram três outros grupos de africanos alforriados: escravos fugidos dos Estados Unidos que combateram pela Grã-Bretanha durante a revolução americana, chamados “Maroons”, Jamaicanos que atacaram as plantações europeias, a partir das fortalezas instaladas nas montanhas e milhares de fugitivos recapturados e soltos pela marinha britânica, depois que o parlamento proibiu o tráfico transatlântico de negros em 1806.”<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> A Libéria localiza-se na África Ocidental próxima a Serra Leoa.

<sup>7</sup> Ramos, Artur subdivide as áreas culturais africanas de acordo com as classificações de Herskovits in As culturas negras no Novo Mundo. São Paulo: Ed. Nacional, 1979

<sup>8</sup> Ramos, Artur. Op. cit. pg 38.

<sup>9</sup> Viditz-Ward, Vera - “Os crioulos de Freetown” In Antologia da Fotografia Africana e do Oceano Índico. Paris: Editions Revue Noire, 1998.

“Freetown” era o centro da colônia britânica de Serra Leoa, vizinho a Libéria. Ali se desenvolveu um novo grupo étnico, denominado “creole”, cujas características culturais eram a mistura de elementos culturais essencialmente africanos com os europeus, inclusive encorajados por religiosos e administradores coloniais.

A cidade tinha um ritmo bastante acelerado e diversificado, em pleno século XIX. Era chamada de “Atenas da África Ocidental”. Apelido justificado por sua agilidade e prosperidade.

Assim, quando militantes como Cuffe visitavam Freetown e a região ficavam entusiasmados com a possibilidade do retorno e comparavam com a sórdida situação na América. Paul Cuffe, por exemplo, segundo Esedebe,<sup>10</sup> chegou a comprar casa em Freetown.

Em relação à independência, a Libéria funcionou de forma diferente das outras colônias, principalmente de Serra Leoa. Em 1847 foi proclamada a independência da Libéria, e a partir dali houve um estatuto bem particular: por um lado, ela aparecia como uma “semi-colônia” ou uma “neo-colônia” dos Estados Unidos, que controlavam tudo no país; por outro, os negros vindos de volta da América controlavam os nativos e estabeleciam seus próprios negócios.

Semelhantes processos aconteceram em outras regiões da América. No Brasil, segundo Carneiro da Cunha,<sup>11</sup> os escravos brasileiros, a partir da década de 1830, começaram a se instalar na costa ocidental da África, em particular na chamada “costa dos escravos”, seguidos também pelos escravos cubanos.

---

<sup>10</sup> Esedebe, ° - Op. cit.

<sup>11</sup> Cunha, Manuela Carneiro da - Negros Estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África. São Paulo: Brasiliense, 1985

Os ex-escravos brasileiros se instalaram no Golfo do Benin e em Lagos, na Nigéria. Eram comerciantes prósperos e independentes, concentravam-se na costa por razões comerciais e pelo perigo de serem novamente escravizados, se marchassem rumo ao interior.

Concentravam-se em Lagos, que era o local de escoamento do comércio, principalmente feito com o Brasil. Comercializavam-se fumo, aguardente e também escravos. A partir de 1840, havia o comércio de azeite de dendê, e a partir de 1850, com a cessão do tráfico de escravos para o Brasil, as atividades comerciais diminuem seu fluxo, mas não cessam por completo - inclusive, acrescentam-se outros produtos em menores quantidades.

Ocupando lugar de destaque na economia da região, os brasileiros ocupavam também um lugar na política, na vida social e cultural de Lagos, atual Nigéria.

Na política, eram aliados aos ingleses, mas desenvolviam certa independência e clientelismo atrelado aos interesses comerciais.

Em relação à vida social, “os retornados” também mantinham distância dos “locais”, viviam em comunidades cujo centro de referência era o Brasil.

Os retornados desenvolveram uma vida cultural semelhante à vida cultural brasileira: comemoravam as datas brasileiras, mantinham alguns hábitos alimentares, a arquitetura das casas e igrejas também eram semelhantes, a religião católica foi mantida, os nomes e as roupas. Carneiro da Cunha<sup>12</sup> discute como esse grupo de retornados se constituiu na África e qual o seu lugar no processo de identidade étnica.

O eixo da discussão estava na questão cultural, principalmente no catolicismo. Essa questão de identidade étnica não foi geral entre os negros

---

<sup>12</sup> Cunha, Manuela Carneiro – Op. cit.

que retornaram. Os negros norte-americanos, por exemplo, não passaram pela mesma questão religiosa.<sup>13</sup>

Em Cuba também houve esse movimento.<sup>14</sup> O que nos leva a concluir que o retorno à África ocorreu em situações diversas: eram viagens voluntárias, opções individuais, deportações, aprisionamentos, iniciativas coletivas, etc.

De fato, o que definiu, durante o século XVIII e XIX, a importância das iniciativas de volta à África foi a presença desse movimento de retorno em todos os locais onde existiam os maiores contingentes de escravos: EUA, Cuba, Inglaterra e Brasil. Essa situação revela que esses locais eram terríveis e o retorno à África poderia ser uma solução para o bem e para o mal.

Para os negros emigrantes da América, a África não se apresentava da mesma forma. Entre os negros brasileiros e norte-americanos, ingleses, etc., havia diferentes expectativas e interesses. O retorno a África poderia ser um recomeço de vida, um projeto comercial bem definido, o exílio voluntário ou involuntário, as ligações afetivas.

Para ilustrar essa diversidade de experiências, Guran<sup>15</sup> reproduz um relato, recolhido por Carneiro da Cunha, de um africano libertado chamado Francisco, velho e cego, e seu filho:

“Com a morte de nosso senhor, fomos libertados. Minha mãe não estava mais viva. Meu pai, que toda sua vida tinha sofrido de saudades da África, não queria mais nada além de rever sua terra natal : “venha, meu filho, vamos voltar ao meu país! Como a gente é feliz lá! Como a África é bonita! Eu resisti muito tempo, porque era realmente feliz. Mas acabei por querer eu também, ver essa

<sup>13</sup> Degler chama atenção para o fato que somente na América católica havia o fenômeno das irmandades religiosas que proporcionavam aos escravos vida religiosa, alforrias, proteção e vida social.

<sup>14</sup> Sarracino, Rodolfo- Los que volvieron a África. La Havana: Editorial de Ciências Sociales, 1988

<sup>15</sup> Guran, Milton- Agudas: os brasileiros do Benim. Rio de Janeiro: Nova Fronteira e Gama Filho, 1999.

terra afortunada que fazia meu pai sonhar. Partimos num pequeno navio que nos trouxe a Ágüe. Logo que desembarcamos, vi uma multidão de negros que saíam de suas cabanas e corriam em nossa direção. Eu estava desagradavelmente espantado de ver esses negros nus, que gritavam e pulavam em nossa honra.

Nessa primeira parte do depoimento do filho de escravo, a África emerge de forma negativa. A África tem um significado para o filho e outro para o pai, sua descrição denota decepção com aquilo que observava :

Eles falavam uma língua incompreensível para mim. Fomos imediatamente levados a presença do chefe, que nos recebeu à moda africana, sentado no chão num canto de seu casebre miserável, no meio de galinhas, cabras e porcos... Eis aí, eu me dizia, umas cabanas bem miseráveis. Elas não passam , sem dúvida alguma, de simples abrigos para escravos que vêm pescar para o rei... No dia seguinte, eu já estava prestes a partir, quando meu pai disse: “ Mas onde você quer ir, meu filho?” Mas, papai, você não quer partir hoje mesmo para a sua terra natal? Minha terra- surpreendeu-se ele- mas é aqui a minha terra, você não está vendo como somos bem recebidos? Dentro de dois dias teremos uma casa, porque o rei pôs todos os seus homens à nossa disposição.”

Para o pai, o significado do retorno à África era uma experiência positiva, o retorno marca a esperança e a volta a terra natal. Aqui surge o conflito: a mesma terra provocava no pai e no filho sentimentos contraditórios:

Não consegui responder. Tinha o coração apertado, as lágrimas escorriam dos meus olhos. Estava decepcionado. Todos os meus sonhos de felicidade desapareceriam. Então era aquilo a bela terra africana de que meu pai tinha tanto falado? Era lá naquela terra que ele tinha me prometido que viveríamos felizes? O senhor compreende, padre, o desespero no qual eu caí? Eu vinha de um país civilizado, e de repente me encontrava entre os selvagens.....Aqui, aqui, tenho de morar aqui, eu me dizia enquanto meus olhos cheios de lágrimas

olhavam as coisas ao meu redor. Nossa casa é essa cabana de palha onde eu só entro de cabeça baixa, uma esteira suja no lugar da porta, o piso é a terra nua e minha cabeça quase que toca o telhado sem teto...

A solução para o impasse era a fuga e o retorno para o país que oprimia o pai e ao mesmo tempo dava alívio ao filho. Aqui podemos perceber que estava em jogo neste retorno era terra da escravidão em oposição à terra da liberdade.

Não era apenas o valor afetivo de um país ou de outro, mas a identidade cultural. Aqui precisamente a religião cristã que tornava a volta do filho à África um pesadelo ou um pecado mortal:

Fugi para a praia. O navio que tinha nos trazido desaparecia no horizonte

“ Oh Bahia, Bahia, meu doce país, adeus!! Cai na areia, enlouquecido..

Meu pai, rejuvenescido por seu contentamento, não tinha ainda pensado que talvez eu não tivesse feliz. Todos os dias eu o via cair nas orgias infernais da África com redobrado entusiasmo. Compreendi então o que tinha atraído tanto o meu pai: **era a liberdade sem medidas da qual ele tinha desfrutado na sua juventude.** Eu reclamei com ele e lhe disse que com uma vida daquelas ele estava perdendo sua alma. Ele riu... Eu tinha sido criado na fé cristã, padre, conhecia bem a minha religião e não queria ter a alma danada...”

(Recolhido do diário manuscrito de padre Baudin)<sup>16</sup>

Esse relato ilustra os conflitos e prazeres possíveis aos ex-escravos que retornaram à África.

Outra questão que podemos formular seria a relação e o impacto causado pelas informações dessas experiências de liberdade, na África, para os escravos mantidos ainda nas colônias. E o que dizer dos libertos?

<sup>16</sup> Guran, Milton- Op. cit. Pg 71.

Ao contrário de que poderíamos pensar, a idéia de liberdade e de novas fronteiras não era um consenso positivo. Nos Estados Unidos, por exemplo, a idéia da emigração não foi bem recebida por alguns escravos. Frederick Douglass, ex-escravo, abolicionista, editor de jornal e uma das figuras mais representativas do movimento contra a escravidão, era contra a emigração. Ele acreditava ser uma solução racista que contava inclusive com apoio de brancos e do governo federal.

Com a aproximação do fim da escravidão nos Estados Unidos, e da existência de Estados livres havia, entre os negros, a esperança de prosperidade e melhores dias na própria América.

Historicamente, após a libertação e no curto período que durou a Reconstrução de 1865 a 1877, o movimento de volta à África ficou paralisado.

Segundo Esedebe,<sup>17</sup> uma das expressões de oposição ao “American Colonization Society” foi a “Annual Convention of the Free Colored People”, realizada em Filadélfia em 1830, e repetida anualmente até a Guerra civil em 1861.

Na primeira reunião de 1830, Peter Willians, pastor de New York, argumentava que a ACS tinha genuíno interesse em desenvolver a África através da evangelização e da supressão da escravidão e do tráfico, e também de remover a população livre e negra para lá.

Porém, achava ilógico e hipócrita a crença de que a África iria se beneficiar do retorno dos afro-americanos. Pois, no raciocínio dos brancos, os negros afro-americanos não seriam culturalmente inferiores? Assim, em 1830, o padre indagava: “Como poderiam os desprezíveis e degradados homens construir uma virtuosa e próspera África? Concluía então que a ACS fazia uma ridícula e inconsistente política de colonização.

Nas palavras do padre Willians:

---

<sup>17</sup> Esedebe, O. Op. Cit.

“Onde há escolas e faculdades em abundância, onde há igrejas em cada esquina e onde todas as artes e ciências caminham rápido para a perfeição. Nós somos **nativos** deste país, nós somente queremos ser tratados tão bem como são tratados os **estrangeiros**. Não foi pouco o que nossos pais sofreram e com isso conseguiram compraram suas independências; nos queremos ser tratados com igualdade. Nós temos trabalhado para cultivar o progresso, e a razão disso é a presente condição próspera, nos pedimos a igualdade, pois todos nós viemos de terras distantes para gozar do fruto de nosso trabalho. Nos não precisamos ir para a África ou a nenhum lugar improvável e feliz. Nós não duvidamos da pureza dos motivos que levaram algumas pessoas a reivindicar e a forçar nossa ida para a África pois estes acreditavam que poderiam nos dar um lar.”<sup>18</sup>

Esebebe<sup>19</sup> sugere ainda que a mobilização dos brancos para que os negros libertos retornassem à África tinha também um caráter sexual e racista: ficava garantido que os homens livres negros não teriam relações sexuais com as mulheres brancas norte-americanas.

Assim, nos Estados Unidos, tanto os brancos racistas como os ativistas negros não viam com bons olhos a volta à África, principalmente no contexto da libertação dos escravos e do período da Reconstrução.

No Brasil, a deportação para a África era tida como um castigo, uma punição, utilizada como ameaça às rebeliões e aos negros insurgentes. Foi amplamente aplicada na Revolta dos Malês em 1835, em Salvador, e também usada como expediente para diminuir a desproporção populacional entre escravos e brancos em locais como Salvador, no século XIX.

Como foi relatado no capítulo anterior, vozes isoladas no Brasil queriam repetir a experiência norte-americana e inglesa, ou seja, mandar de volta os negros indesejáveis.

<sup>18</sup> Esebebe, O. - Op. cit. Pg 11- Tradução livre.

<sup>19</sup> Op. cit.

Em relação ao debate sobre a volta a África, no Brasil, mais tarde, na década de 20, o discurso nos jornais negros ainda era extremamente nacionalista, muito próximo ao discurso do padre Willians de New York.

Os argumentos giravam em torno do fato de que foram os negros escravos que construíram a nação e, portanto, tinham o direito de pertencer a ela. Era também a terra dos seus antepassados, que sofreram e choraram aqui.

Esse debate na década de 20 ainda refletia o fim da escravidão, ocorrida tardiamente no Brasil, pois, a partir da abolição, a questão que surge aqui e nos Estados Unidos era o que fazer com os negros libertos. A discussão sobre a repatriação procedia. A resposta dos negros reafirmava e reivindicava a nacionalidade.

Diante das primeiras experiências de retorno a África, houve o retraimento do movimento, principalmente durante a segunda metade do século XIX. O movimento Pan-africanista só recomeça a ser discutido de forma mais ampla ao final do século XIX, em 1893, em "The Chicago Congress on África", com participantes africanos e afro-descendentes do novo mundo. Entre eles destacaram-se Alexander Crummell, Yakub Pasha, alguns bispos das igrejas africanas de Serra Leoa, Libéria. Havia ainda representantes da "American Colonization Society" e participantes brancos, como cientistas, exploradores e missionários.

O movimento popularizou-se inclusive com a denominação de pan-africanismo, a partir de 1900, quando ocorreu o Primeiro Congresso Pan-Africano em Londres.

O conceito de pan-africanismo desde a sua origem não é muito claro e nem muito preciso. Há vários significados e várias concepções, de acordo com os interesses políticos, econômicos e sociais.

Appiah,<sup>20</sup> para discutir o Pan-africanismo, recorre a dois ícones do movimento: Alexandre Crummell e W.E.B Du Bois.

“Na visão de Crummell há um só conceito norteador: a raça. A África de Crummell é a pátria da raça negra, e seu direito de agir dentro dela, falar por ela e arquitetar seu futuro decorria-na concepção do autor-do fato de ele também ser negro. Mais do que isso, Crummell sustentava que havia um destino comum para os povos da África-pelo que devemos sempre entender o povo negro-, não porque eles partilhassem de uma ecologia comum, nem porque tivessem uma experiência histórica comum ou enfrentassem uma ameaça comum da Europa imperial, mas por pertencerem a essa única raça. Para ele, o que tornava a África unitária era ela ser a pátria dos negros... Crummell foi uma das primeiras pessoas a falar como negro na África, e seus textos efetivamente inauguram o pan-africanismo!”<sup>21</sup>

Para Appiah, se por um lado Crummell foi um articulador intelectual, por outro, o grande realizador do movimento pan-africanismo foi Du Bois.

Appiah faz uma longa análise da obra de Du Bois, e indica que o autor rejeita a noção científica de raça do século XIX, portanto não tem os mesmos pressupostos de Crummell. Para ele, a identidade seria de ordem sócio-cultural.

A união entre a África e os afro-descendentes seria realizada pela compreensão e cooperação entre todos que sofreram a discriminação e o insulto, aqueles que detinham a mesma memória: a “herança social da escravidão.”

Além da concepção dos dois grandes intelectuais do Pan-africanismo há outras, como a do ativista Logan, que atribuía o conceito ao governo e

<sup>20</sup> Appiah, Kwame Anthony- *Na casa de meu pai: A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

<sup>21</sup> Appiah, K. Anthony- Op. Cit. Pg 22.

ao controle dos negros sobre todas as regiões abaixo do Saara. Ou a concepção de Enahoro, que significava o desenvolvimento da África em todas as dimensões, ou ainda a concepção de negritude, ligando o pan-africanismo ao movimento de idéias e emoções.

Para outros teóricos, o pan-africanismo significava o protesto, a tomada de posição, a recusa da dominação, a demanda por uma utopia. Havia ainda a concepção de extrema valorização de todos os aspectos da vida cultural africana, ou ainda o pan-africanismo como uma política de valorização e reabilitação do continente.

Assim podemos observar que não há um só conceito, uma só concepção que dê conta do movimento que ainda poderia englobar : a solidariedade entre africanos e pessoas de origem africana, a crença na distinção de uma personalidade africana, a reabilitação do passado africano, esperança e glória da futura África, entre outras características.

Para facilitar, Esedebe<sup>22</sup> estabeleceu um limite e resumiu o pan-africanismo como uma política e um fenômeno cultural que olhava a África, os africanos e o afro-descendentes como uma unidade.

---

<sup>22</sup> Esedebe, O. Op. Cit.

## 2 – Pan-africanismo no século XX

Os pan-africanistas do século XX, precisamente no pós-guerra, compartilhavam a idéia de uma ancestralidade comum entre os negros afro-americanos e afro-caribenhos. Embora já saibamos que não havia uma unidade consensual.

W.E.B. Du Bois começou sua militância no primeiro Congresso das Raças em Londres, em 1900: ele foi o intelectual negro norte-americano que mais deu força à prática do movimento pan-africanista. Du Bois, segundo Altman,<sup>23</sup> nasceu em 1868, graduou-se na Fisk University, era Phd pela Harvard University, professor de línguas, deixou uma enorme bibliografia publicada a respeito da questão racial e também uma militância de quase dois séculos, pois morreu com mais de 90 anos, em Gana, na África, ainda ativo, preparando uma enciclopédia africana.

Em 1905, foi um dos principais integrantes do Movimento Niagara, junto com 29 intelectuais negros que se reuniram em Niagara Falls. Esse movimento foi a primeira tentativa de criar uma frente de oposição à política racial dos Estados Unidos, foi a primeira grande reação depois da Reconstrução, foi também o embrião da NAACP (National Advancent for the Colored People). Antes de nascer a NAACP, em 1909, esse grupo de negros e brancos ainda se reuniu para a Conferência anti-linchamentos.

Du Bois representava os intelectuais que criticavam uma segunda corrente do movimento negro norte americano, cujo principal líder era Booker T. Washington, que defendia a aliança entre negros e brancos no combate ao racismo e, segundo a crítica de Du Bois, esse líder ignorava as

---

<sup>23</sup> Altman, Susan – Extraordinary African-americans: from colonial to contemporary times New York: Children's Press, 2001.

injustiças em relação aos negros para manter as boas relações com os brancos.

A polêmica entre Booker T. Washington e Du Bois foi extremamente rica para o movimento negro norte-americano. Booker era um educador, do sul, que estudou graças aos padrinhos brancos e aos seus esforços pessoais, já que era pobre e trabalhava nos campos de algodão. Conseguiu graduar-se e sua luta posterior foi para administrar uma escola negra em Tuskegee, que caracterizava-se pelo ensino técnico. Os alunos aprendiam ofícios como o de carpinteiro, pintor de paredes, sapateiro, agricultor, entre outros.

Segundo Du Bois,<sup>24</sup> quando Booker chegou à escola negra não havia absolutamente nada ali. Chovia dentro da escola, as salas de aula funcionavam numa velha igreja. Booker arrecadou dinheiro entre os empresários brancos do sul. Quando faleceu, em 1915, a escola havia se transformado num império, o "Tuskegee Normal and Industrial Institute" tinha se convertido em uma faculdade com 2.500 alunos, com 3 edifícios e 3.500 acres de terra. Sua concepção sobre o racismo era da superação através dos esforços dos negros. Para ele, os negros deveriam ser educados e se desenvolverem economicamente.

Washington defendia treinamento tecnológico concreto como mais eficaz do que a formação teórica para os negros americanos, pois desta forma era possível a obtenção de empregos com mais facilidades.

Du Bois argumentava que Booker T. Washington representava um tipo de liderança negra que acreditava que o problema do negro era o próprio negro, ignorando assim a existência da segregação e da política de dominação em relação aos negros.

Esse intenso debate contribuiu principalmente para a questão da educação dos afro-americanos. A existência das universidades negras como Fisk, Howard, Atlanta, entre outras, comprovam a vitória da corrente de Du

---

<sup>24</sup> Du Bois, W.E.B. - As almas da gente negra. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999

Bois, que acreditava na possibilidade do negro afro-americano aprender e almejar um curso de nível superior para desenvolver-se intelectualmente.

O debate entre os dois educadores cessou em 1915, quando Booker Washington faleceu em Tuskegee. Até hoje esse debate e esse impasse se aplicam na educação do negro. A influência de Booker Washington foi grande e serviu de exemplo para outras iniciativas dessa natureza, não só nos Estados Unidos como em outros países.

Em 1909 nasceu a NAACP. Foi criada por brancos de tradição abolicionista e os integrantes do Movimento Niagara. O primeiro presidente foi um branco. Na diretoria, o único componente negro era Du Bois, foi diretor de publicidade e propaganda.

Du Bois fundou em 1910 a revista oficial da NAACP, chamava-se "The Crisis". Permaneceu na revista até 1934, quando retornou à Universidade, publicou uma série de livros, tornou-se socialista e exilou-se em Gana.

A NAACP operava em New York com filiais em todos os Estados e cidades. "Em 1947 havia 1195 filiais, 254 conselhos de jovens, aproximadamente entre 550.000 a 600.000 filiados"...A revista "The Crisis" vendia 50.000 exemplares.<sup>25</sup>

O orçamento da NAACP era de 396 milhões de dólares, arrecadados com mensalidades, contribuições e fundações.

Os objetivos da NAACP eram de: 1-abolir injustiças na justiça; 2-banir o linchamento e a violência; 3- aprovação de leis liberais; 4- lei federal sobre direitos civis; 5- direito de voto; 6- abolir discriminação e segregação no ensino, transportes, empregos e moradias; 7- reconhecimento e dignidade nas forças armadas; 8-eliminação de insultos e discriminação para os povos coloniais.

---

<sup>25</sup> Rose, Arnold - Negro: o dilema americano, Sao Paulo: Ibrasa, 1968

A NAACP tinha ainda as seguintes funções: levar questões raciais aos tribunais, vigiar os direitos dos negros e fazer intensa propaganda educacional através da revista "The Crisis", do Boletim NAACP, folhetos e livros.

Nas propagandas, os dirigentes publicavam artigos ou livros para o público branco e o escritório nacional fornecia dados sobre a questão do negro (pesquisas); além disso, fornecia oradores. Na justiça, lutavam pela suspensão da pena de morte, por um corpo de jurados negros e contra a brutalidade da polícia. Lutavam pelo voto dos negros, pelo fim da discriminação das moradias.

Na avaliação de Arnold Rose<sup>26</sup>, o aspecto positivo da NAACP era a força estratégica que o movimento tinha além do cumprimento das tarefas que se propunham a realizar.

Como líder negro, Du Bois transformou o Pan Africanismo da teoria em prática: organizou durante quase meio século cinco congressos Pan africanos.

O primeiro Congresso foi em Londres, em 1900, ainda organizado por Sylvester Willians, com 30 delegados da Inglaterra e cerca de 32 delegados de várias partes da África: homens, mulheres e estudantes universitários<sup>27</sup>. Das colônias africanas, só participaram as de língua inglesa e espanhola.

Os quatro outros congressos foram organizados por Du Bois. Segundo Nascimento<sup>28</sup> Du Bois não reconhece esse primeiro Congresso realizado por Willians.

---

<sup>26</sup> Rose, Arnoud. - op. Cit.

<sup>27</sup> Ver Esedebe, Olisaawuche- op. Cit.

Em 1911 acontece o Primeiro Congresso Universal de Raças em Londres. É justamente aqui que a história do negro brasileiro converge com a história do negro norte-americano.

Neste Congresso de 1911, foi enviado o delegado brasileiro João Batista de Lacerda, diretor do Museu Nacional, que defendeu a tese do branqueamento, segundo Skidmore<sup>29</sup>: “A tese do branqueamento baseava-se na presunção da superioridade branca... À suposição inicial, juntavam-se mais duas. Primeiro- a população negra diminuía progressivamente em relação à branca, por motivos que incluíam a suposta taxa de natalidade mais baixa, a maior incidência de doenças e a desorganização social. Segundo- a miscigenação produzia “naturalmente” uma população mais clara, em parte porque o gene branco era mais forte e em parte porque as pessoas procuravam parceiros mais claros do que elas.”<sup>30</sup>.

O relatório da tese apresentada no Congresso intitulava-se: “Os métis ou Mestiços do Brasil”. Skidmore relata: “Na sua tese, João Batista de Lacerda começou pondo de lado a teoria de que os fatos relativos à hibridação podiam ser aplicados em seres humanos. Descreveu em seguida, os efeitos do processo histórico de miscigenação entre africanos e europeus no Brasil. (o índio não foi mencionado). Seu tom, dificilmente pode ser considerado moderno. Declarou os mestiços “obviamente inferiores aos negros” como “mão-de-obra agrícola”, tendo “pouca resistência às moléstias”; sua superioridade consistia, na sua opinião, em estarem “física e intelectualmente muito acima do nível dos pretos”. A tese de branqueamento era sustentada da seguinte maneira:

---

<sup>28</sup> Nascimento, Elisa Larkin- O Pan-africanismo na América do Sul: emergência de uma rebelião negra. Petrópolis: Vozes, 1981.

<sup>29</sup> Skidmore, Thomas E. Preto no Branco: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

<sup>30</sup> Skidmore, Thomas. Op cit, pg 81

“Contrariamente à opinião de muitos escritos, o cruzamento do preto com o branco não produz geralmente progênie de qualidade intelectual inferior; se esses mestiços não são capazes de competir em outras qualidades com as raças mais fortes de origem ariana, se não têm instinto tão pronunciado de civilização quanto elas, é certo, no entanto que não podemos pôr o métis ao nível das raças realmente inferiores”.<sup>31</sup>

Penso que aqui Skidmore argumentou contra Lacerda: “Tendo respondido, assim à sua moda, a argumentação científica contra os mestiço, João Batista de Lacerda prossegue invocando em favor da sua tese uma descrição do grande papel que tiveram os mestiços na história brasileira. Aqui seu tom fica menos superior.”

“A influência deles-diz-cresceu,, mesmo, quando o novo regime (isto é, a república) abriu as portas a todos os talentos, permitindo, assim, a “numerosos mulatos capazes”o acesso “aos mais altos cargos políticos” e aos “mais altos ramos da administração.”. Ademais, os casamentos inter raciais(entre mulatos e brancos) “ já não são olhados com desdém como outrora, agora que a alta posição do mulato e a prova de suas qualidades morais levaram as pessoas a fazer vista grossa ao evidente contraste de seus caracteres físicos. Sua origem negra é esquecida na comparação de suas qualidades morais e intelectuais com as dos brancos.”<sup>32</sup>

Skidmore argumenta: “Chegou João Batista a afirmar que no Brasil:

“ já se viram filhos de Métis apresentarem, na terceira geração, todos os caracteres físicos da raça branca. Alguns-admitiu-“ retêm uns poucos traços da sua ascendência negra por influência do atavismo... “ mas “ a influência da seleção sexual...tende a neutralizar a do atavismo, e remove dos descendentes do métis todos os traços da raça negra... Em virtude desse processo de redução, é lógico esperar que no curso de mais de um século os métis tenham desaparecido do Brasil. Isso coincidirá

<sup>31</sup> Skidmore, Thomas E. -Op. Cit. Pg 82

<sup>32</sup> Op. cit. Pg 83

com a extinção paralela da raça negra em nosso meio.”...Desde a abolição os pretos tinham ficado “expostos a toda espécie de agentes de destruição e sem recursos suficientes para se manter”. Agora, “espalhados pelos distritos de população mais rala... tendem a desaparecer do nosso território.”<sup>33</sup>

Essa longa citação quase literal do discurso de João Batista de Lacerda foi necessária para avaliarmos suas conseqüências.

No Brasil, intelectuais brancos ficaram furiosos porque acharam muito longo o tempo dado por Lacerda para a extinção da raça negra.(um século!) Por outro lado, Lacerda respondia aos seus críticos, mencionando os elogios recebidos no Congresso. Principalmente vindos de Du Bois(um mulato!).

Nascimento<sup>34</sup> avalia que os negros organizadores do evento não entendiam a situação dos negros no Brasil. Para a autora, Du Bois era um liberal, idealista e integracionista, por isso, imaginava e aceitava o Brasil como um país onde acontecia sem grandes problemas o amalgamento das raças.

Na opinião de Nascimento e Skidmore, a imagem do Brasil mestiço começa a ser plantada aqui. Não era ainda o “mito da democracia racial”, mas sim a extinção do problema do negro pelo seu desaparecimento físico, através não só das más condições de vida, mas principalmente pela entrada de imigrantes brancos e o casamento inter racial.

Talvez possamos explicar a ausência do Brasil nos outros Congressos Pan- Africanos que se seguiram por essa exposição otimista de Lacerda e também pela política oficial brasileira de negação dos conflitos raciais. Os conflitos subterrâneos ou a vontade política de negação dos conflitos inviabilizaram a participação dos brasileiros nos Congressos que se seguiram, retirando de cena qualquer elemento aglutinador dos negros.

---

<sup>33</sup> Op. cit. Pg 83

<sup>34</sup> Nascimento, Elisa L. op. cit.

Quanto ao movimento internacional, os outros quatro Congressos que se seguiram foram realizados na Europa, organizados por Du Bois.

Segundo Nascimento, o Segundo Congresso aconteceu em 1921, simultaneamente em Londres, Bruxelas e Paris. Havia delegados da África Portuguesa, delegados do Caribe e a maioria, cerca de 41 delegados dos Estados Unidos.

O terceiro Congresso Pan-africanista aconteceu em 1923, em Londres. Havia a presença sempre maciça dos colônias francesas e inglesas em detrimento das colônias portuguesas e espanholas.

O quarto Congresso foi em New York, em 1927, com 208 delegados. Havia registro de delegados sul americanos mas, sem especificar a origem. Neste Congresso, o destaque foi a discussão do papel da mulher por um grupo feminino afro-americano denominado: "Círculo da Paz e Relações Exteriores."

O quinto e último Congresso aconteceu em Londres e Paris, em 1945. Em todos esses Congressos a intelectualidade negra norte-americana ignorava um dos líderes negros mais carismáticos e popular da América: Marcus Garvey.

Paralelamente ao Movimento de intelectuais negros como DuBois e a NAACP, nascia no Harlem um dos maiores fenômenos de massa do Movimento Negro norte-americano: Marcus Mosiah Garvey e seu movimento, denominado Garvenismo.

Segundo o artigo de Spady <sup>35</sup> : Garvey nasceu na Jamaica, filho de pai intelectual e mãe cristã, estudou em vários colégios, aos 15 anos foi para Kingston, a capital da Jamaica, trabalhou na United Fruit Company na Costa Rica e durante 5 a 6 anos trabalhou na União tipográfica aprendendo o ofício no Panamá.

---

<sup>35</sup> Spady, James G. - " Marcus Mosiah Garvey: man of nobility and mass action" In Great black leaders: ancient and modern. Journal of African Civilizations. USA: December, 1987, vol 9, pg 370 a 409.

Sua consciência política e suas primeiras experiências foram adquiridas a partir do "National Club", a primeira organização nacionalista da Jamaica sediada em Londres. Segundo sua esposa, Amy Jacques Garvey,<sup>36</sup> a primeira experiência política de Garvey foi publicando e fazendo campanha para candidatos políticos no National Club.

Segundo Amy, Robert Love, de Nassau, foi de grande influência para Garvey. Ele era pastor da igreja anglicana, jornalista, dono de um jornal chamado "Jamaica Advocate".

Garvey viajou por toda a América Latina e Caribe, publicando nos jornais locais. Ao retornar à Jamaica, foi intimado a não criar problemas com a coroa britânica. Garvey viajou para Londres.

Em Londres toma contato com as idéias de Booker T. Washington. Inclusive visita nos Estados Unidos a Booker T. Washington School, no Alabama.

Em 1914 funda a UNIA-Universal Negro Improvement and Conservation Association and African Communities League.

Os objetivos gerais da UNIA eram de estabelecer confraternização universal entre a raça, estabelecer agências missionárias nos principais países do mundo para proteger todos os negros e suas respectivas nacionalidades.

Em 1916 chega aos Estados Unidos e se estabelece em New York, no Harlem. Funda o jornal "Negro World" em 1918. Sob influência de Booker T. Washington defendia o ensino técnico e prático para os negros.

Garvey, antes de se estabelecer no Harlem, percorre os Estados Unidos. Sua chegada ao Harlem coincide com a histórica migração maciça dos negros do sul para o norte, e da chegada dos negros combatentes da

---

<sup>36</sup> James Spady afirma que a melhor biografia de Garvey foi escrita por sua esposa Amy Garvey publicada como: Philosoph and opinions of Marcus Garvey, 2 vols. New York, 1923-1926. e ainda Garvey and Garveyism. London: Collier-Macmillan, 1970.

Primeira Guerra Mundial, que contestavam o racismo e reivindicavam os direitos de cidadãos.

Houve um casamento perfeito entre as propostas de Garvey e as expectativas dos negros recém chegados do sul e da guerra.

A UNIA de Garvey era simples e direta em seus objetivos. Pregavam aquilo que os negros queriam e precisavam ouvir: o faça você mesmo, o crescimento individual, o orgulho da raça. O resultado foi a enorme adesão ao movimento. O crescimento da UNIA foi marcante no período entre 1918 a 1922.

Em 1919 começa o projeto do "Black Star Line Steam-ship corporation", colocando em prática as propostas políticas de Garvey, de desenvolver economicamente a comunidade negra, através de iniciativas empresariais negras para atender as demandas do próprio negro.

Inicia-se também no Harlem o que a historiografia americana denominou "Harlem Renaissance", que durou aproximadamente até a década de 30. Foi um movimento de renascimento da literatura, das artes, música e política dos afro americanos. Foi um movimento que se estendeu inclusive pelo mundo africano e pelo Caribe.

Durante a Renaissance floresceram os clubes de jazz e blues, escritores negros publicavam seus textos, no esporte havia grandes lutadores de box.

A primeira conferência internacional promovida pela UNIA reuniu em New York 25.000 delegados segundo publicação da Schomburg Center research in black culture.<sup>37</sup>

Segundo Altman<sup>38</sup> dessa primeira conferência, que ocorreu em agosto de 1920. Vinte e cinco países e quarenta e oito estados participaram.

---

<sup>37</sup> Schomburg Collection pertence a New York City Library . Fonte documento: folder da exposição permanente sobre cultura negra visitada pela autora- julho de 2002.

<sup>38</sup> Altman, Susan – op. cit.

Foi deliberado neste Congresso a criação da “Republica livre da África”, com a participação de 400 milhões de negros do mundo inteiro.

Esedebe<sup>39</sup> informou que havia delegados de diferentes regiões da África, Brasil, Colômbia, Haiti, Panamá, Canadá, Inglaterra e França; o auditório era o prestigiado Madison Square Garden de New York.

Garvey fez um discurso emocionante e presenciou o que ele chamava de “África Redemption”. Depois de 500 anos de opressão, os negros determinavam o fim do sofrimento. Queriam voltar às origens, após a luta na Primeira Guerra Mundial, afinal todos os combatentes tinham um país para retornar, e os negros? Seriam ainda tratados como estrangeiros na América ou na Europa? Os negros também tinham o seu continente de origem. Com esse discurso pan-africanista, foram eleitos os membros da conselho executivo da UNIA para deliberar a primeira bateria de repatriados.

O jornal “Negro World”, publicado semanalmente por Garvey, circulava na América e na África e foi, segundo Altman,<sup>40</sup> o jornal afro-americano mais popular dos Estados Unidos.

C.L.R. James<sup>41</sup> informa sobre o impacto das idéias de Garvey na África:

“(...) a voz de Garvey reverberou dentro da própria África. O rei da Suazilândia disse à esposa de Marcus Garvey que conhecia somente o nome de dois homens do mundo ocidental, Jack Johnson, o boxeador que derrotou o branco Jim Jeffries e Marcus Garvey. Jomo Kenyatta relatou a este escritor que, em 1921, os nacionalistas do Quênia, como não sabiam ler, reuniam-se em volta de um leitor do jornal de Garvey, o *Negro World*, e escutavam a leitura de um artigo duas ou três vezes. Depois, debandavam pela floresta, para repetir com cuidado tudo o que tinham na memória para os africanos, ávidos por uma doutrina que os libertasse da consciência servil na qual viviam.”<sup>42</sup>

<sup>39</sup> Esedebe. op. cit.

<sup>40</sup> Altman, S. Op. Cit.

<sup>41</sup> James, C.L.R. - *Os jacobinos negros*. São Paulo: BOITEMPO Editorial, 2000.

<sup>42</sup> James, C.L.R. - op. cit. Pg 350

No Brasil não foi diferente. O jornal "Negro World" também era traduzido. Segundo Correia Leite, editor do Clarim d'Alvorada:

"O Clarim d'Alvorada conseguiu um representante na Bahia que entrou em contacto com um poliglota, o Mario de Vasconcelos. E foi daí que começamos a conhecer melhor o movimento pan-africanista, o movimento de Marcus Garvey... O Clarim d'Alvorada começou a se preocupar então com o movimento mundial do negro, bem como artigos sobre a tese de um Congresso que houve nos Estados Unidos que se opunham à cultura do branco, aos ensinamentos do branco..."<sup>43</sup>

No jornal brasileiro Clarim D'Alvorada, os artigos traduzidos de "Negro World" encontrava-se na coluna "Mundo Negro". Nenhum outro líder deu importância à América Central e do Sul como Marcus Garvey. Ele defendia a união da América, cuja principal unidade estava em ser povoada por africanos da diáspora.

Segundo Esedebe<sup>44</sup>, nas viagens de Garvey pela América Latina e Caribe visitou Costa Rica, Panamá, Equador, Nicarágua, Honduras espanhola, Colômbia e Venezuela - permitiram a ele aprender sobre as condições indescritíveis das populações negras locais.

Para Garvey "havia três necessidades básicas para o povo negro: a de sua dignidade e auto-respeito como um povo unido, a de uma África independente e unida com base de força central, e as instituições autônomas para impulsionar a vida das comunidades negras."<sup>45</sup>

Garvey foi o primeiro a colocar em prática a idéia de empresas negras para negros; criou várias empresas, tais como: Black Star Lines steam company, Negro Factories Corporation, the Black Cross Nurses, The

<sup>43</sup> Cuti- ...E disse o velho militante José Correia Leite. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992

<sup>44</sup> Esedebe- op. cit.

<sup>45</sup> Nascimento, Elisa L. - op. cit., pg 86.

African Legion and the Black Eagle Flying Corps. Em dois anos faturou mais de 10 milhões de dólares.

Garvey acreditava que o futuro do negro, o fim da opressão e a conquista da liberdade só seriam possíveis através da ação, da auto realização dos negros nos diversos setores da vida econômica, tal como os judeus.<sup>46</sup> Havia, sem dúvida, a crença no mérito, na habilidade dos negros e na capacidade de conquistas. O povo negro com autoridade e poder conquistaria o respeito. "O negro deveria reabilitar os valores africanos, cultivando o auto respeito, orgulho de raça, amor a sua cor escura, seu cabelo crespo, seu nariz largo e seus lábios grossos."<sup>47</sup>

Garvey, ao contrário de seus contemporâneos, era extremamente popular e arregimentava principalmente a massa de trabalhadores e desempregados. Sua luta desagradava tanto a esquerda como a direita do movimento negro. Suas conquistas e lutas correram paralelas à história da Du Bois e da NAACP. Sua atuação era ignorada pelos intelectuais do Harlem e ele também não levava as críticas em conta, concentrava suas energias na construção da moral e dos benefícios materiais possíveis para o mundo negro.

Seus editoriais giravam em torno de temas como a necessidade de cultuar heróis negros, pois a África produzia heróis como Sojourne Truth (ex-escrava norte-americana e abolicionista), Toussaint L'Ouverture's (líder da revolução dos escravos no Haiti) entre outros homens e mulheres; e também na promoção de uma doutrina independente de direitos e poderes

---

<sup>46</sup> Para Garvey os judeus eram exemplos de prosperidade econômica e ele acreditava na habilidade econômica dos negros para gerenciarem seus próprios negócios. Bennett Jr informa por exemplo que o otimismo de Garvey tinha fundamento, pois em 1913, 40.445 negros eram negociantes, em 1930 esse número saltou para 74.420. In *Before the Mayflower* op. cit., pg 342.

<sup>47</sup> Esedebe, P. O. op cit., pg 57.

para os negros, bem como a reabilitação da história da África, como o continente berço da humanidade.

Os editoriais promoviam ainda o desenvolvimento e a auto-estima dos negros para tornarem-se fortes e corajosos mais ainda, pensar como os judeus, colocando a origem religiosa em primeiro plano, como fator de identidade para lidarem com os outros grupos. No caso dos negros, a identidade seria racial. Pensando assim “ser negro” seria o primeiro passo para construir a relação com o outro.

Tanto em seus editoriais como no jornal *Negro World*, havia o slogan “Um Deus, um alvo, um destino!”. Era uma clara referência a união dos negros do mundo, independente da política, religião, fronteira geográfica ou cultural. Marcus Garvey buscava promover o que ele denominava de “império racial”.

Na avaliação de Esedebe,<sup>48</sup> a aprovação das idéias de Garvey ocorreu devido a dois fatores: primeiro, ao seu carisma; e segundo, ao contexto histórico da década de 20.

Poderíamos pensar como questões históricas a migração interna norte-americana (sul-norte), a participação dos negros na Primeira Guerra, o renascimento cultural do Harlem e a promessa de uma prosperidade econômica da América.

Todas essas questões estão interligadas. Por exemplo, o movimento migratório do sul para o norte ocorreu em dimensões jamais pensadas na América. Bennett Jr revela dados impressionantes: Entre 1910 e 1920 saíram do sul 300.000 negros, na década de 20 esse número saltou para 1.300.000, em 1930 passou para 1.500.000 e nos anos 40, 2.500.000.<sup>49</sup>

---

<sup>48</sup> Esedebe- op. cit.

<sup>49</sup> Bennett Jr, Lerone – op. cit. pg. 344

As causas dessa migração em massa foram as péssimas condições de vida no sul e as novas e melhores expectativas de vida e trabalho no Norte industrializado.

As cidades do Norte triplicaram sua população: New York, Chicago, Detroit, Pittsburgh e Philadelphia. Com esses números, ocorreram novas demandas, novas fronteiras. E as cidades começaram a mudar.

Essa massa de negros trouxe novas expectativas políticas. O número de eleitores nas cidades não eram desprezíveis e as lideranças negras, como Garvey, souberam lidar politicamente com essas expectativas.

O plano cultural refletia as esperanças dos negros por melhores condições de vida e ainda revelava no blues e no jazz todo o sofrimento do passado não muito distante do sul racista e tirânico.

Não podemos esquecer que, apesar dessa migração em massa e seu claro significado de protesto negro, o sul continuava o mesmo. Havia na década de 20, ainda, cerca de 60 linchamentos por ano de negros.

Bennett Jr informa que no ano de 1918 ocorreram 60 linchamentos. Em 1919, 76 linchamentos.<sup>50</sup> Essas ocorrências desencadearam 26 distúrbios, em quase todos os estados americanos, com líderes negros presos, escritório da NAACP fechado.

No Norte, a reação a essa situação paradoxal se revelou no plano cultural, além da música, houve o surgimento de escritores negros como Langton Hughes, Richard Wright entre outros, artistas, dançarinos, poetas, atores e ativistas políticos.

A Primeira Guerra Mundial promoveu a participação de muitos negros, cerca de 370.000 como informa Bennett Jr.<sup>51</sup>

---

<sup>50</sup> op. cit. Pg 353

<sup>51</sup> Bennett Jr. op. cit.

O jornal "The crisis" da NAACP, editado por DuBois, promoveu intensa campanha para que os soldados negros voltassem da Guerra, pois um país que enforcava seus "filhos" não mereceria ser defendido.

Quanto à prosperidade econômica dos negros, a década de 20 marcou a defesa de empresas negras para os negros, essa era uma bandeira de luta de Marcus Garvey e também uma realidade. As primeiras empresas, no Harlem, por exemplo, eram companhias de seguro, cooperativas negras, lojas, mercearias, restaurantes, hotéis e fábricas

Internacionalmente, havia a discussão sobre a África - o redimensionamento de suas fronteiras, a partir do conflito entre suas metrópoles européias. Neste momento foram organizados os congressos pan-africanos, liderados por DuBois.

Para Correia Leite, o editor brasileiro do jornal O Clarim d'Alvorada, esse processo norte americano era claro:

"No início d'O Clarim d'Alvorada, comecei a verificar muita coisa acontecida no processo de discriminação racial nos Estados Unidos. Houve evoluções: o surgimento do Harlem, do Cotton Club- o famoso Cotton Club que até hoje se fala. Era um clube de negros, freqüentado por Duke Ellington. Os gangsters, os novos ricos da América, também freqüentavam. As mudanças se deram pela coragem dos negros que tinham ido para a guerra e viram coisas que serviram de incentivo. Muitos não tinham coragem de ir para as cidades, começaram a comprar propriedades, estabelecimentos e formaram bairros. Além da influência da Primeira Guerra Mundial, houve também o surgimento do comunismo.(...)"<sup>52</sup>

Ao observarmos os objetivos gerais da UNIA, podemos relacionar a contemporaneidade de suas propostas à explicação do seu sucesso. Entre outros objetivos, destacamos:

---

<sup>52</sup> Cuti- op. cit.pg 38

1-Estabelecer a Confraternização Universal entre a raça, 2-Promover o espírito do orgulho e amor à raça, 3-Administrar e assistir aos necessitados,4-Estabelecer comissões e agências nos principais países do mundo para proteger todos os negros, independente da nacionalidade.5-Estabelecer Universidades, faculdades, escolas secundárias para a educação de meninos e meninas da raça, 6-Conduzir o desenvolvimento das relações comercial e industrial, 7-Lutar contra o imperialismo na África e a favor da independência africana.<sup>53</sup>

A auto-estima do povo negro, a ajuda mútua, a promoção do desenvolvimento econômico através da iniciativa negra eram reivindicações na medida exata para os negros da diáspora de qualquer país da América.

No Brasil, a Imprensa Negra trazia em suas publicações as mesmas reivindicações da UNIA. A chave para entender essa aproximação está na idéia que só Garvey acreditava: a unidade na diáspora.

DuBois e a NAACP não chegaram a discutir essa unidade. A perspectiva era apenas ter a África como parceira de luta. Não havia aglutinação de nações abaixo do Equador. A preocupação e a presença maciça nos Congressos promovidos por DuBois eram de delegados das colônias francesas e inglesas, havia um desinteresse, ou até uma subordinação das colônias de língua espanhola.

Assim, para a América do Sul, particularmente o Brasil, o movimento que mais aproximou os negros da diáspora, foi sem dúvida, de Marcus Garvey.

Ao findar a década de 20, os negros norte-americanos conheceram uma crise econômica violenta: A partir de 29, problemas como o desemprego, o racismo que fazia com que os negros só conseguissem trabalhos "insalúbres", terminaram com protestos, piquetes e boicotes por

---

<sup>53</sup> Esedebe - op. cit.

toda a América. A política do New Deal de Roosevelt não funcionava para os negros.

Garvey, apesar da popularidade foi preso, em 1925 sob acusação de sonegação de impostos. Foi condenado a cinco anos de prisão. Permaneceu dois anos preso e foi deportado para Jamaica.

O segundo elo entre os negros brasileiros e norte-americanos foi também obtido através da Imprensa Negra.

O segundo jornal negro norte-americano traduzido para o *Clarim D'Alvorada* foi o "*Chicago Defender*" de Robert Sengstacke Abbott.

Abbott<sup>54</sup> nasceu em 1870. Advogado, criou o jornal *Chicago Defender* em 1905, sem capital e com uma sede pequena em sua própria casa.

Seu jornal era voltado para o público afro-americano que não tinha espaço nos outros jornais, a não ser nas páginas policiais.

O jornal nasceu no período da grande migração dos negros do sul para o norte, e procurava incentivar os negros para conseguir uma vida melhor no norte: melhores empregos, mais liberdade, entre outras conquistas.<sup>55</sup>

Abbott vivia assombrado pelo número crescente de linchamentos e assassinatos de negros; assim, no jornal havia um slogan "Se você deve morrer, leve ao menos um com você". Seu jornal era um sucesso de público entre os afro-americanos, principalmente no sul segregado.

O jornal *Chicago Defender* tornou-se o mais influente jornal afro-americano.

---

<sup>54</sup> Altman – op. cit.

<sup>55</sup> Bennett Jr menciona os editoriais de Robert Abbott como um grande incentivo para a migração. Seus editoriais intitulavam-se: "Goodbye Dixie" e eram verdadeiros incentivos a população negra: mensagens de esperança, novas oportunidades (inclusive no seu jornal eram publicados anúncios de empregos.)

Abbott visitou o Brasil e ficou impressionado com a comunidade negra de São Paulo. Aqui estavam os negros mobilizados em torno da construção de um monumento à Mãe Preta.<sup>56</sup> Em contato com os militantes negros Abbott pede notícias do Brasil e lhe foram enviados exemplares do jornal "Clarim D'Alvorada". A partir desse episódio, os dois jornais passaram a ser trocados periodicamente.

Correia Leite relatou o fato em suas memórias:

" Os jornais de lá vinham com tanta demora porque naquele tempo não vinham de avião, e sim, de navio, e navio era muito demorado. Os números do "Chicago Defender" chegavam muito atrasados. Nós tínhamos de arranjar os que sabiam inglês para poderem traduzir ou ler para a gente. O recebimento daqueles jornais era motivo de muito orgulho, de satisfação e que provava que o nosso jornal era uma coisa de utilidade, que nosso trabalho não estava sendo inútil..."<sup>57</sup>

A troca dos jornais, apesar de lenta, estabelecia uma ponte entre a Imprensa negra norte-americana e a brasileira.

Nos jornais negros brasileiros freqüentemente encontramos notícias sobre o horror dos linchamentos, a indignação dos brasileiros diante da sociedade racista americana.

Butler também faz referências a esta ponte entre os norte-americanos e brasileiros:

"Foi também durante a era pós-abolicionista que Robert Abbott do *Chicago Defender* abriu uma linha de comunicação entre a comunidade negra do Brasil e dos EUA. Antecipando a relação entre afro-brasileiros, outros africanos e a população afro-descendentes que é ainda um aspecto pouco estudado para a compreensão de suas

<sup>56</sup> O monumento à Mãe Preta foi erguido no Largo do Rosário em frente a Igreja do Rosário. Esse monumento foi erguido na década de 40 por pressão do movimento negro paulistano.

<sup>57</sup> Cuti- op. cit. Pg.

história, que contém também importantes “insights” para a construção e uso de suas identidades.<sup>58</sup>

Encontramos ainda, em relação aos Estados Unidos, a identificação cultural através das iniciativas no meio negro, a admiração dos brasileiros diante do progresso material e social do negro norte-americano.

Outra ligação entre os brasileiros e norte-americanos é a ligação cultural.

Nos jornais brasileiros e no “*A Voz da Raça*” em particular encontramos referências às personalidades negras norte-americanas.

Destacamos duas personalidades que foram ícones para os negros americanos na década de 30: Joe Lewis e Marian Anderson:

Marian Anderson era uma famosa cantora de ópera, com carreira internacional. Em 1939 foi barrada em Washington D. C., a organização do evento alegou que ela não poderia se apresentar no Constitution Hall (Daughters of the American Revolution-DAR) porque era negra.<sup>59</sup>

Houve a interferência de Leonor Roosevelt, a primeira dama americana, que protestou junto ao DAR, através de sua coluna nacional de jornal Roosevelt transformou, em plena década de 30, o episódio da cantora em uma questão nacional, e polemizou a questão entre os republicanos e os sulistas democratas.<sup>60</sup>

No mesmo ano, Anderson se apresentou no Memorial Lincoln em Washington D. C. para um público de 75.000 pessoas, incluindo muitos diplomatas e políticos. Em resposta ao episódio racista, Marian cantou “the

<sup>58</sup> Butler, Kim D. – *Freedoms Given, freedoms won: afro-brazilians in post-abolition São Paulo and Salvador*. New Jersey: Rutgers University Press, 1998. pg. 225. Tradução livre.

<sup>59</sup> Altman – op. cit e Bennett Jr op. cit.

<sup>60</sup> Sobre esse episódio e o papel da primeira dama americana Eleonor Roosevelt ver o artigo de Allida M. Black-“ Championing a champion: Eleonor Roosevelt and the Marian Anderson “Freedom Concert ” In *Presidential Studies Quarterly*. Washington: Howard Library, 1990.

star Spangled Banner”, “América”, “Ave Maria” e “My soul is anchored in the lord”.

Para os afro-americanos, a noite da apresentação de Marian Anderson foi memorável. Sua voz de contrato emocionou a todos os presentes. Sua carreira, que já era brilhante, tornou-se mais intensa e internacional; excursionou pela América do Sul, Europa, Ásia e por todo os Estados Unidos.

Em 1955, ela foi a primeira afro-americana a cantar no New York Metropolitan Opera House. Em 1957 foi convocada pelo Departamento Norte-americano para se apresentar em 20 nações asiáticas. Foi delegada na Nações Unidas, em New York.

Sua trajetória artística e o episódio racista fizeram de Marian Anderson uma heroína.

Em 1937, antes inclusive do episódio racista, a cantora visitou o Brasil e foi recepcionada na sede da Frente Negra Brasileira; ali recebeu uma série de homenagens.<sup>61</sup>

O jornal *A Voz da Raça* noticiou a apresentação de Marian Anderson:

*“Gênio em forma de mulher”*

*“Marian Anderson cantora negra norte-americana procedente do Rio, desembarcou em São Paulo, em complemento à sua tournée pelo Brasil.(...)”<sup>62</sup>*

Outro ícone norte-americano também aclamado pelos negros no Brasil era Joe Louis, chamado nas notícias brasileiras como “O bombardeador de Detroit. Ele era, para os afro-americanos, um herói:

<sup>61</sup> A publicação de sua visita ocorreu no mês de junho de 1937, n-66 do jornal *A Voz da Raça*

<sup>62</sup> *A Voz da Raça* Ano IV, n-67- Julho de 1937 (a notícia completa está inserida no capítulo IV)

“Quando ele ganhava, nós também ganhávamos”, era chamado de “Bomba marrom.” Segundo Altman<sup>63</sup>: Joe Louis nasceu no Alabama, trabalhou nos campos de algodão, não frequentou escolas, aprendeu a ler aos nove anos. Adolescente aprendeu a lutar boxe, em 1934 tornou-se profissional.

Para dimensionarmos a importância de Joe Louis o relato de Morgan sobre a memória de uma família negra norte-americana na noite em que duas mulheres negras se passavam por brancas e estavam no cinema, em 1938, noite essa em que Joe Louis nocauteou o alemão Max Schmeling:

“Você sabe, Maria e eu costumávamos ir ao cinema, no centro da cidade, sempre que quiséssemos e nos sentávamos sempre bem no meio da platéia para os brancos, no andar de baixo. Isso era quando os negros tinham de sentar em cima na galeria, sim, bem aqui, na Filadélfia havia uma galeria no sótão do teatro, e toda a gente de cor tinha de sentar ali.

Bem, querida, eu lembro dessa noite, eles pararam a exibição bem no meio e um homem veio ao palco e anunciou que Joe Louis tinha nocauteado MaxSchmeling. Maria e eu pulávamos de alegria e começamos a gritar e a bater palmas e nos abraçamos. De repente, olhamos, em volta e todos os brancos nos olhavam como se fôssemos loucas. Ninguém mais estava gritando a não ser as duas e os outros negros da galeria! Isso foi uma coisa incrível, eu digo sentamos, mas não podíamos estar mais felizes. Mal podíamos esperar para voltarmos para casa e celebrar com o pessoal.

Eu acho que nem ficamos o suficiente para assistir o resto do filme de tão felizes.”<sup>64</sup>

Este relato divertido e saboroso sobre a luta retrata também a crueldade das chamadas leis Jim Crown, que vigoravam ainda na década de 30. As mulheres do relato se divertiam com a incoerência da lei de discriminação porque eram negras, mas as suas aparências permitiam que elas frequentassem lugares de brancos sem serem molestadas.

<sup>63</sup> Altman – op. cit.

<sup>64</sup> Morgan, kathryn L. – Filhos de estranhos: as histórias de uma família negra São Paulo: Terceira Margem, 2002, pg. 107

Joe Louis, em 1935, realizou uma das lutas mais memoráveis da história do boxe: lutou contra Primo Carnera, o chamado “Homem Montanha”, italiano, no Yankee Stadium em New York. Três mil pessoas se misturavam a 1.300 policiais. A luta foi vencida por Joe Louis o que levou milhares de negros a comemorarem no Harlem.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Joe Louis serviu ao exército, e em 1949 retirou-se oficialmente do boxe. Na década de 30, foi idolatrado pelos negros que não tinham voz na sociedade americana. As lutas do boxeador eram as respostas possíveis para a opressão aos afro-americanos.

O Boxe como esporte sempre foi, na cultura norte-americana, um esporte dos negros pobres e uma possibilidade de ascensão social. Para Wacquant<sup>65</sup>, o pugilismo nos Estados Unidos é uma instituição.

A disciplina e a dedicação total ao esporte retiravam dos negros, nos guetos, a possibilidade de se aproximarem da marginalidade através do uso de drogas e dos roubos.

“O esporte e seu espaço oferecem aos negros uma escola de moralidade, é uma máquina de fabricar o espírito de disciplina, a ligação com o grupo, o respeito ao outro, assim como a si mesmo, e a autonomia da vontade.(...) O caráter monástico, senão penitencial, do “programa de vida” do pugilismo faz do indivíduo sua própria arena de desafio e convida-o a descobrir a si mesmo, a produzir a si mesmo.”<sup>66</sup>

Sem dúvida, o pugilismo como prática esportiva permitia ao negro superar a opressão e o racismo. A luta nos ringues significava muito mais do que ganhar ou perder o jogo, significava que estar ali, lutando, já era uma vitória na vida, ligada ao ritual do esporte.

---

<sup>65</sup> Wacquant, Loic- Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

<sup>66</sup>Wacquant. Op. cit. Pg 32

Além de Joe Louis, podemos apontar Muhammad Ali e Foreman como ícones desse esporte, para os afro-americanos. Muhammad Ali, por exemplo, foi o boxeador que notabilizou-se na luta a favor dos negros, inclusive é histórica sua amizade com Malcon X, sua conversão à religião mulçumana e sua recusa em lutar na Guerra do Vietnã.

Enfim, podemos dizer que a tradução do jornal *Chicago Defender* e do *Negro World* estabeleceu uma ponte cultural e política entre os negros dos Estados Unidos e do Brasil.

Em relação à África, principalmente a todos os Congressos promovidos pelos militantes negros norte-americanos, o Brasil ficou de fora. Há duas explicações possíveis para essa exclusão: A política oficial brasileira em relação ao racismo isto significava a recusa em discutir a questão; em segundo lugar, a própria organização dos eventos que, por ignorância ou desinteresse, privilegiava as ex-colônias de língua francesa e inglesa.

O único líder negro que tinha como perspectiva a união de todos os negros da América foi Marcus Garvey. Suas idéias encontraram ecos no Brasil, demonstrando que a luta era mais ampla e não dizia respeito apenas aos negros norte-americanos. É o que afirmava Correia Leite:

“Antes de 30, a situação do negro era de pouca perspectiva, porque nas primeiras décadas do século tudo era de aspecto negativo. Os ranços da escravidão ainda estavam presentes. As lutas pelo branqueamento estavam iniciadas. Diziam que até o fim deste século o negro ia desaparecer ou restaria muito pouco. E o negro aceitava o que se dizia: que no Brasil não havia uma questão racial e que aqui não era como na América do Norte onde o negro era linchado e não tinha direito a nada. E nós aqui, negros, tínhamos que agradecer à falsa tolerância racial, ao falso sentimentalismo. E ninguém concordava com lutas de reivindicações e protestos, nem com jornais que tinham linha de lutas dentro desse contexto. Isso veio até 1930, embora já em 1924 tenha sido iniciada a luta com o surgimento d’O Clarim d’Alvorada, que conseguiu aglutinar um grupo

responsável pelo lançamento de alguma idéias avançadas para a época, tais como a realização do Congresso da Mocidade Negra, a divulgação das idéias de Marcus Garvey, e o apoio à idéia de fundação do Centro Cívico Palmares, que foi a entidade precursora da Frente Negra Brasileira, esta, ao maior feito surgido depois de 30.(...)"<sup>67</sup>

Sem dúvida, podemos afirmar que tanto no Brasil como nos Estados Unidos a Imprensa Negra desempenhou um papel fundamental para a militância negra, guardadas as devidas proporções em termos numéricos<sup>68</sup>. Houve de fato um intercâmbio de idéias, reivindicações comuns e, acima de tudo, a idéia corrente entre os intelectuais negros, promotores dos jornais, o compromisso universal de libertar a população negra da opressão e do racismo.

Nesta perspectiva podemos dizer que o movimento negro se articulou e se consolidou no Brasil através da criação da Frente Negra Brasileira e do jornal *A Voz da Raça*.

---

<sup>67</sup> Cuti, op. cit. Pg 199.

<sup>68</sup> Bennett Jr informa que nos Estados Unidos a Imprensa Negra cresceu em progressões geométricas: Em 1870 havia 10 jornais negros; em 1880, 31 jornais negros, em 1890 eram 154 jornais. Op. cit. pg. 340.

No Brasil, os dados mais recentes informam que o primeiro jornal foi escrito em Campinas em 1915 e entre 1910 e 1930 havia só em São Paulo 10 jornais negros, não encontrei dados de todo o país. Sobre a Imprensa Negra Paulistana ver Ferrara, Miriam – A Imprensa negra Paulista (1915-1963). São Paulo: FFCH/USP, 1981.

## Capítulo IV – *A Voz da Raça* – o movimento negro, a organização do jornal e as possíveis leituras.

### 1 - A trajetória do movimento negro

São Paulo, no século XIX, apresentava um quadro sombrio para a população negra: desemprego, falta de condições de moradia e higiene, falta de educação para os filhos, concorrência com imigrante, analfabetismo e alcoolismo.<sup>1</sup>

Diante desse quadro, dois núcleos de resistências desempenharam um papel fundamental na articulação do movimento na cidade: As Irmandades Religiosas, principalmente a Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, fundada em 1711, e a Irmandade da Nossa Senhora dos Remédios, criada em 1826, e a chamada Imprensa Negra, cuja a origem remonta a 1915.<sup>2</sup>

As Irmandades, instituições seculares, garantiam ao negro uma vida social entre pares, através da frequência à igreja e também em encontros de lazer que ela proporcionava. Tornando-se um espaço privilegiado, não apenas de sociabilidade como de articulação da comunidade negra católica, era fundamental.

Para Degler “As Irmandades não tinham paralelo na América protestante. Constituíram, portanto, uma das poucas formas concretas pelo qual havia diferença para o escravo se a sociedade à qual estava preso era

---

<sup>1</sup> Em relação ao analfabetismo entre os negros, o último censo do Império de 1872 informava que 99% da população escrava era de analfabetos.

<sup>2</sup> Ferrara, Miriam – *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo: FFCH-USP, 1986

católica ou protestante... Além disso, as Irmandades proporcionavam a seus membros um tipo de vida fora da escravidão.”<sup>3</sup>

No passado, ainda na escravidão, as Irmandades cumpriram o papel histórico de garantir o vínculo entre os escravos, vínculo de solidariedade e unidade, principalmente quando proporcionavam a compra de alforrias e os enterros dignos.

Para Raul Joviano do Amaral: as Irmandades proporcionavam “estimulo maior a solidariedade; fortalecimento do sentimento religioso para a devoção em conjunto; possibilidade de desenvolvimento do culto aos mortos; incremento do desejo de ser alforriado, pela devoção dos princípios de liberdade e da compra cooperativista da respectiva carta; o ensejo das festas coletivas sem a incomoda fiscalização do “sinhô”<sup>4</sup>

As Irmandades constituem até hoje uma tradição de luta entre os negros. Em São Paulo, o espaço físico da Igreja do Rosário, localizado no Largo do Paissandu, no centro velho da cidade, continua a ser palco de inúmeros eventos ligados à comunidade negra. Ali, inclusive, está localizada a estátua da Mãe Preta, monumento erguido nos anos 60, pela militância negra<sup>5</sup>.

É interessante notar que as resistências sociais das comunidades negras no Brasil eram semelhantes, mas havia diferenças de acordo com a região. Por exemplo: na Bahia, a principal resistência foi - e parece que ainda esta sendo - de ordem religiosa, com as chamadas religiões afro-brasileiras. Em São Paulo, a resistência também foi via religião, mas por

<sup>3</sup> Degler, Carl - Nem preto nem branco. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976, pg. 49

<sup>4</sup> Amaral, Raul Joviano do - Os pretos do Rosário de S. Paulo. São Paulo: João Scortecci, 1991, pg. 34.

<sup>5</sup> O monumento a Mãe Preta foi erguido em pleno regime militar, atendendo a pressão das associações recreativas e culturais da cidade de São Paulo. Durante os anos 60 era tradicional a comemoração do 13 de Maio no local, a partir de 1978, com a criação do Movimento Negro Unificado contra a discriminação racial (MNCUR) o dia 13 de Maio foi substituído por 20 de novembro, data de referência da morte de Zumbi dos Palmares e o local não mais foi utilizado para comemorações.

meio das Irmandades. Já no Rio de Janeiro, a resistência foi religiosa, mas também incluiu a música como núcleo central de aglutinação dos negros na cidade. A explicação possível para essas diferenças regionais de resistência pode ser dada pelos diferentes contextos históricos em que essas sociedades se desenvolveram desde a escravidão até a abolição, e pelas diferenças culturais dos povos que constituíram etnicamente cada uma dessas regiões. Portanto, não podemos mais tratar de forma genérica estas questões relativas ao movimento negro, bem como o racismo no país.

Se as formas do racismo brasileiro precisam ser contextualizadas, conforme diz Guimarães, o mesmo se aplica para as resistências.<sup>6</sup>

A segunda forma de resistência entre os negros de São Paulo foi a chamada Imprensa Negra. Podemos caracterizar a Imprensa Negra como um conjunto de jornais, criados a partir de 1915 por negros do interior e da capital paulista, cujos objetivos eram de reivindicar direitos, articular os negros e desenvolver a consciência negra.

Os jornais eram criados, na maioria das vezes, em conjunto com as associações culturais e recreativas do negro<sup>7</sup>; eram jornais elaborados e distribuídos nas festividades negras como bailes, piqueniques, excursões das várias associações culturais e recreativas da cidade e do interior de São Paulo.

Eram jornais de pouca tiragem, no formato tablóide, feitos muitas vezes em condições precárias, gráficas caseiras, com poucos recursos. Muitas vezes eram distribuídos gratuitamente e, em alguns casos, vendidos.

As atividades culturais e associativas dos negros caminhavam conjuntamente, pois algumas das pessoas que freqüentavam a Igreja do

---

<sup>6</sup> Guimarães, Antonio Sergio- "O anti-racismo no Brasil". Mimeo, São Paulo, ANPOCS, 1996.

<sup>7</sup> Pinto Silva, Maria Aparecida - "Visibilidade e respeitabilidade: memória e luta dos negros nas Associações Culturais e Recreativas de São Paulo-1930-1968", Mimeo, dissertação de mestrado. São Paulo:PUC, 1997.

Rosário também faziam parte da Imprensa Negra, e a maioria frequentava as associações culturais e recreativas. O chamado “meio negro” foi reconhecido por Florestan Fernandes, na década de 50<sup>8</sup>; esse meio era extremamente pequeno, mas articulado.

A trajetória de Raul Joviano do Amaral ilustra bem essa articulação: Nasceu em Campinas, em 1914; bacharelou-se em direito, no Rio de Janeiro. Funcionário público, advogado, membro da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, fundador do Clube Negro de Cultura Social (1932), foi consultor jurídico da Associação José do Patrocínio (1926), do Centro Cultural Luis Gama, membro da Frente Negra (1931), editor de *A Voz da Raça* (1933), do Centro Cívico Palmares (1926), participou da criação dos estatutos do Aristocrata Clube (1960). O Sr. Raul Joviano praticamente acompanhou a história do Movimento Negro, em São Paulo. Faleceu em 1988, trabalhando na Irmandade Nossa Senhora do Rosário.<sup>9</sup>

Assim, Raul Joviano do Amaral, Correia Leite, Aristides Barbosa, os irmãos Veiga, Lino Guedes, Jayme Aguiar, dentre outros, foram figuras presentes em todos os movimentos sociais do meio negro, desde as primeiras décadas do século XX.<sup>10</sup>

O discurso de todos passava pela questão da moralidade, auto-estima, identidade positiva; desejavam viabilizar ações concretas para melhorar a posição social dos negros, através da educação, do combate ao alcoolismo, ao analfabetismo. Era uma tomada de posição em defesa dos “homens de cor”, como se auto proclamavam na Imprensa Negra.

“No quadro da imprensa, o jornalismo negro nasce junto com a consolidação da grande imprensa, em que se assiste a definitiva afirmação

<sup>8</sup>Fernandes, Florestan- *A Integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Atica, 1978

<sup>9</sup> Amaral, Raul Joviano do -*Os pretos do Rosário de São Paulo*. São Paulo: João Scortecci, 1991

<sup>10</sup> Ver em anexo a lista dos principais nomes do movimento negro que aparecem na memória de Correia Leite recolhidas por Cuti em *E disse o velho militante*, São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992

de o Estado de São Paulo, Jornal do Brasil, etc. Dentro desse panorama sócio-cultural é possível afirmar, a princípio, que a Imprensa Negra constituiu no Brasil, uma tentativa de afirmação de uma minoria, em parte marginalizada de declarar sua existência, veicular suas preocupações políticas, valorizar suas características étnicas (razão de sua marginalização) e demonstrar capacidade de realizar as mesmas atividades da maioria branca. Tudo isso com um traço peculiar: o modelo observado pelos jornalistas negros era fornecido pela sociedade em que viviam.”<sup>11</sup>

A Imprensa Negra passou, ao longo de sua trajetória, por três fases, segundo Miriam Ferrara: o primeiro período seria de 1915 a 1923; o segundo de 1924 a 1937; o terceiro de 1945 a 1963.<sup>12</sup>

No primeiro período, os jornais traziam notícias da comunidade negra: batizados, casamentos, enfim, tratava da vida social. Um marco foi a fundação, em 1923, do jornal de Lino Guedes, chamado *Getulino*, um jornal mais combativo. Trazia debates políticos, embora ainda mantivesse as notas sociais.

Em 1924, surge *O Clarim da Alvorada*, fundado por Correia Leite e Jayme de Aguiar e, em 1933, surge o jornal da Frente Negra Brasileira: *A Voz da Raça*. Para Miriam Ferrara, este segundo período marcou a passagem do jornal social para o jornal político, e ele terminou com a instauração do Estado Novo, em 1937.

Em 1945, os grupos se reorganizam e a Imprensa negra retoma suas atividades, agora com o jornal *Alvorada*, órgão oficial da Associação do Negro Brasileiro. A Imprensa Negra permanece ativa até 1963.

É necessário ressaltar que a trajetória da Imprensa Negra acompanha os movimentos nacionais. Por exemplo, na década de 20, reflete a busca

<sup>11</sup> Leandro, Paulo Reoberto- “Apresentação” in “A Imprensa Negra em São Paulo: 1918/1965” São Paulo: Pinacoteca do Estado, 31 de maio a 26 de junho de 1977

<sup>12</sup> Ferrara, Miriam- op. cit. pg 45.

pela modernidade e participação social. Na década de 30, presta apoio ao governo de Getúlio Vargas e reivindica as mudanças sociais prometidas pelo Estado, vai também refletir as transformações do Estado Novo e, posteriormente, a redemocratização com Dutra, até chegar às vésperas do Golpe Militar. Ao longo dessas décadas, jornais surgem e desaparecem, dependendo do quadro social mais amplo.

Assim, a Imprensa Negra tornou-se um rico testemunho dos períodos históricos importantes do país, diferente do período da escravidão, quando houve poucos registros ou relatos negros. Para Roger Bastide, a importância da imprensa em geral é representar as aspirações e sentimentos coletivos. Na Imprensa Negra, em particular, é possível, através do exame de sua trajetória, desvendar a mentalidade do negro.<sup>13</sup>

A importância destes documentos se observa quando pesquisamos os jornais da grande imprensa, no período de 1920 a 1937, e constatamos a “invisibilidade” dos negros, pois eles não são mencionados enquanto grupo social.<sup>14</sup>

Não há referências aos negros livres e já organizados após 1920, situação muito diferente da registrada por Schwarcz no período da escravidão, quando o negro era destaque, mesmo com notícias de fugas, rebeliões, crimes, castigos, etc.<sup>15</sup>

Na grande imprensa, no período de 1930 a 1937, havia páginas destinadas aos imigrantes, geralmente escritas na língua materna, o que revela uma expressividade desses grupos. Temos, por exemplo, o jornal *Folha da Manhã*, que entre 1930 e 1937 trazia uma seção denominada

<sup>13</sup> Bastide, Roger- op. cit.

<sup>14</sup> Ao pesquisar a Imprensa Negra, procurei um paralelo na chamada Grande Imprensa para encontrar notícias sobre o negro. Pesquisei a *Folha da Manhã* no período de 30 a 1937 e não encontrei nada de significativo, a não ser a ausência do negro enquanto grupo étnico.

<sup>15</sup> Schwarcz., Lilia Moritz-Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

“colaboração estrangeira”, escrito em italiano, espanhol e árabe, entre outras línguas maternas.

Neste período, na grande imprensa era raro encontrar referências ao meio negro, de forma positiva. Essa pode ser, inclusive, uma justificativa para a existência dos jornais negros e de seus relatos sobre a vida social da comunidade negra, mostrando que havia uma articulação no meio negro brasileiro.

O seguinte artigo revela como a Grande Imprensa tratava a questão do negro:

*“A ironia de um Congresso”*

*“A mocidade negra disse-no um dos ex-batalhadores da causa-pretende realizar um congresso sem programma definido”*

*Há questão de um anno precisamente, surgiram nos postes da Light, espalhafatosos cartazes representando um negro com algemas do cativeiro partidas, encimados pelo rótulo “Congresso da Mocidade Negra”*

*(...) e com uma legenda politizada num apello a todos os homens de cor para que se unissem e formassem uma frente única a reivindicações de seus direitos, que diziam postergados, pelos brancos, é uma reação pacífica contra a asphixiante miséria que os negros sofriam.*

*(...) A imprensa negra, pelos seus órgãos mais representativos desempenha galhardamente uma brilhante acção social entre os negros, acção essa que, si comprehendida no maior proveito que esses simulacros de congresso.*

*O negro por índole, todo e nas partes, redundaria em permanecer na própria apathia pouco se importando com a instrucção e a cultura do intellecto A miséria do cortiço, ao som do*

*violão, dos pandeiros e dos cavaquinho, na execução dos sambas e cateretês que constituem as dansas exóticas preferidas, acompanhadas das cantigas dolentes a uma rapariguinha de voz rouquenha e desafinada, preocupa-os mais, talvez por trazer à sua mente as recordações dos únicos dias felizes do cativo.*

*O futuro para o negro não existe. Elle cogita tão somente o presente.*"<sup>16</sup>

O artigo é extremamente rico e contraditório: elogia a Imprensa Negra e desdenha o Congresso da Mocidade Negra, faz críticas severas às atividades culturais e recreativas dos negros e, por último, condena-os a viver do presente. Na análise, resta a imagem negativa do negro, inclusive a notícia do Congresso foi apresentada negativamente.

A imagem do negro retratada na grande imprensa não correspondia à imagem do negro na Imprensa Negra.

Na Imprensa Negra a regra geral era de valorizar o negro e todas as suas realizações. Essa valorização funcionava tanto para o passado- a escravidão era lida como trabalho nobre, os negros construíram o país, quanto para o futuro -o negro moderno deveria ser instruído, participativo e, sobretudo, livre dos males que o afligiam naquele momento: alcoolismo, analfabetismo e pobreza.

Havia ainda o culto aos heróis negros, todos os números da chamada Imprensa Negra traziam invariavelmente artigos sobre os grandes ícones negros: Cruz e Sousa, Castro Alves, Luis Gama, José do Patrocínio, Zumbi. E também as datas comemorativas do negro, como o 28 de setembro e o 13 de maio.

Roger Bastide analisa essa característica da Imprensa Negra:

---

<sup>16</sup> Folha da Manhã-12-01-1930.

“Assim os artigos biográficos aparecem em data fixa, por ocasião dos aniversários de nascimento ou de morte desses heróis, ou a propósito das grandes datas nacionais, como Palmares ou a Abolição. Cria-se assim o que nos permitirão talvez chamar de duração afro-brasileira medida por uma série de comemorações, um tempo histórico que se integra sem dúvida na cronologia nacional, mas que mesmo assim, tem sua temporalidade, como uma corrente que vai através de um rio maior, sem que suas águas se misturem às outras. Duração que não é somente histórica mas afetiva, sentimental, com suas evocações de sofrimento, suas páginas de esperança, seus momentos de cólera e de admiração.”<sup>17</sup>

Além da sociabilidade, da auto-estima, o jornal negro era um canal de expressão de intelectuais, principalmente dos poetas negros.

Paulo Roberto Leandro informa que a imprensa negra instaurava outra possibilidade: o jornal da época auto definia-se como órgão “literário, científico e humorístico. O intelectual negro, especialmente o iniciante ávido por publicar crônicas e sonetos, estimulava-se a vista da literatura estampada nos jornais de maneira geral. Possivelmente, tais veleidades artísticas não eram inteiramente acessíveis ao negro. A imprensa “da raça” aparecia dessa forma como válvula de escape também neste sentido. Ainda assim, nesses jornais já se nota a disposição de luta contra qualquer expressão de preconceito...”<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> Bastide, Roger. Op. cit. pg 147.

<sup>18</sup> Leandro, Paulo Roberto- op. cit.

## 2 - A Frente Negra Brasileira

A Frente Negra foi criada em 1931, como resultado de um processo que vinha se desenvolvendo desde a criação do primeiro jornal negro, em 1915, e também de toda a movimentação social que acontecia nas Irmandades religiosas e nas associações culturais recreativas.

Anterior à Frente Negra, segundo Raul Joviano do Amaral, havia cerca de 20 associações recreativas e culturais em São Paulo<sup>19</sup>. Destacando-se o Centro Cívico Palmares, fundado em 1926 por Correia Leite e outros 16 associados; O jornal o "Kosmos", órgão oficial do Grêmio Dramático e Recreativo "Kosmos", fundado por Frederico Baptista Souza ; havia o jornal "Elite", órgão oficial do Grêmio Dramático, Recreativo e literário "Elite da liberdade" fundado em 1924; o jornal O Clarim d' Alvorada, criado em 1924 por Correia Leite e Jayme de Aguiar e os irmãos Freitas, que fundaram o jornal "A Promissão" em 1926.

Estas eram as associações e os jornais mais conhecidos, cujos membros participantes formaram o corpo inicial da Frente Negra Brasileira. Os construtores da Frente Negra eram militantes da luta anterior a 1930. Nomes como os irmãos Veiga, José Correia Leite, Jayme de Aguiar e outros líderes já combatiam o racismo e articulavam um discurso em torno da questão racial.

José Correia Leite, por exemplo, era editor do jornal *Clarim d' Alvorada* e, em 1925, realizou pelo jornal a campanha de criação do Congresso da Mocidade dos Homens de Cor.

---

<sup>19</sup> Entrevistas com os principais líderes negros de São Paulo no evento; "A trajetória do negro no espaço paulistano", MIMEO, São Paulo: Centro Cultural, 13 de maio de 1988, entrevista de Raul Joviano do Amaral.

Correia Leite associa-se a Jayme de Aguiar e funda em 1926 o Centro Cívico Palmares. Criado originalmente como um centro que abrigaria uma biblioteca para negros, foi ao longo do tempo se transformando em local de encontro e articulação de discussões sobre a questão racial.

Em 1928, o jornal *O Clarim d' Alvorada* lançou uma campanha para a entrada dos negros na Guarda Civil de São Paulo, que até então era proibida. A campanha foi um sucesso, e Julio Prestes, então governador de São Paulo, revoga a proibição, mas é só mais tarde, no governo de Getúlio Vargas que a Frente Negra vai conquistar o direito definitivo do acesso a Guarda Civil.

Arlindo Veiga Santos foi outro exemplo de militante anterior à criação da Frente Negra. Era jornalista, colaborador dos jornais negros da década de 20, e foi também fundador do Centro Cívico Palmares e do jornal *O Clarim d' Alvorada*.

De qualquer forma, a idéia do nascimento da Frente Negra deve ser considerada como o fim de um processo de construção do movimento anterior a 30. Assim, a concepção que se tem hoje é, de fato, de uma frente de militantes. A idéia inicial da Frente Negra era de superar possíveis diferenças políticas e, em nome da questão racial, construir uma verdadeira e definitiva associação de pretensões nacionais

Esse detalhe é importante para entendermos que, por ter esse caráter amplo, a Frente Negra vai enfrentar problemas internos, por divergências entre seus componentes.

Uma das maiores preocupações expressas pelos jornais é com a integridade do negro: sua saúde, sua educação, seus direitos, sua solidariedade. O artigo terceiro do seu estatuto determinava:

“ A Frente Negra Brasileira como força social, visa a elevação moral, intelectual, artística, técnica, profissional e física, assistência, proteção e defesa social, jurídica, econômica e do trabalho da Gente Negra.”

Para Florestan Fernandes, 1930 foi um marco para os negros:

“ ...Os indivíduos de cor partilharam, naturalmente, das oportunidades de colocação e de profissionalização abertas à mão-de-obra nacional. Por meio de entrevistas e da observação direta verificamos que essas circunstâncias forma responsáveis em grande parte, pela aceitação do elemento de cor em diversas atividades econômicas (desde as braçais e manuais até as administrativas e burocráticas)...”<sup>20</sup>

Essa situação favorável na economia propiciou aos negros outras conquistas sociais. Os negros, com emprego e salário fixo, passam a almejar outros bens, tais como a casa própria, que no limite correspondia à saída dos cortiços. Almejavam também a educação para os filhos.

Ainda como consequência dessa melhoria na qualidade de vida havia a necessidade de reconhecimento e participação social. Florestan identificou esse processo como uma nova mentalidade do negro, que passou a reivindicar politicamente um lugar na sociedade brasileira.

Foi neste contexto que a Frente Negra surgiu e consolidou-se.

Tudo isso torna possível entender o apoio incondicional dos negros a Getúlio Vargas, identificado como responsável por essas mudanças.

O historiador George Andrews reflete sobre esse momento:

“A suposição de que a política era exclusivamente uma atribuição da elite – e da qual o povo estava rigorosamente excluído- foi seriamente questionada durante as décadas de 1910 e 1920 e agora parecia ter sido derrubada pela Revolução de 1930. Juntamente com os trabalhadores brancos e com a classe média branca, os negros clamavam para serem

---

<sup>20</sup> Fernandes, Florestan e Roger Bastide - Branco e negros em São Paulo, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971, pg 69

incluídos na participação política mais ampla que aquela revolução parecia pressargir”<sup>21</sup>

Entre os negros havia um clima de esperança, a Revolução de 30 parecia caminhar no sentido de resolver os problemas centrais do negro brasileiro, e havia ainda a possibilidade dos negros participarem ativamente desses novos tempos.

A importância da criação da Frente Negra neste contexto é enorme, porque foi uma das raras situações em que a população negra conseguiu estar “up to date” na política nacional. E, ainda, foi a primeira grande articulação política dos negros após a abolição da escravidão.

Partindo de São Paulo, a Frente Negra se espraiou pelos seguintes Estados: Rio de Janeiro, Minas Gerais, Salvador, Espírito Santo, Maranhão, Rio Grande do Sul. No interior do Estado de São Paulo, seus principais núcleos estavam em Tietê, Sorocaba, Piracicaba e Campinas.

Somente em 1933 foi publicado o Estatuto da Frente Negra, organizado da seguinte forma: O comando cabia a um presidente e 20 conselheiros que constituíam o departamento administrativo. Abaixo deste, vinham os departamentos que prestavam serviços aos associados: clínica dentária, salão de cabeleireiros e manicures, biblioteca, comissão de festividades, união de crédito e ajuda mútua, classes musicais, grupos de teatro, advogados trabalhistas, professores e atletas.

Os associados deveriam ser negros; pagavam uma taxa mensal de filiação, recebiam uma carteira de identificação e podiam usufruir de todos os serviços, com preços simbólicos, prestados pela Frente.

Além disso, a Frente Negra oferecia cursos de alfabetização e vocacionais para adultos e uma escola primária para crianças.

A sede original era na Rua do Carmo n-25 - centro da capital paulista. Posteriormente, mudou para a Rua da Liberdade, 196.

<sup>21</sup> Andrews, George R. Negros e brancos em São Paulo - 1888-1988. São Paulo: EDUSC, 1998, pg 230.

A Frente contava com um departamento feminino denominado "Rosas Negras". As mulheres eram responsáveis pelos eventos litero-musicais, bailes, grupos de teatro, eventos esportivos e piqueniques.

A atuação feminina na Frente Negra e no jornal *A Voz da Raça* era sempre valorizada; além disso, as mulheres também assinavam artigos no jornal. Acompanhando os números do jornal, é possível observar a amplitude e o dinamismo da Frente Negra. Havia notícias procedentes do interior, cartas dos presidentes regionais, relatos dos eventos, entre outros.

A Frente Negra arregimentou muitos negros, os números ainda são uma polêmica; historiadores chegam a mencionar 10.000 participantes, só em São Paulo. Durante toda sua existência, fez campanhas para arregimentar novos associados e inclusive fez campanha em prol do registro eleitoral dos negros, para a realização das eleições para a Assembléia Constituinte de 1933.

A Frente Negra foi pioneira no movimento negro em lançar, já em 1933, o voto negro, isto é, a população negra votando no candidato negro.

Não venceu as eleições, em 1933 não havia um deputado representando os negros na constituinte. Porém, segundo Andrews:

"Apesar de suas derrotas eleitorais, a Frente obteve algum sucesso como grupo de pressão e lobby em questões que envolviam a discriminação racial."<sup>22</sup>

As conquistas referidas por Andrews foram a eliminação da admissão de somente brancos nos riques de patinação, na retomada da campanha da guarda civil, na qual, através da Frente Negra, foram recrutados cerca de 200 negros.

A Frente ainda promovia em sua sede as famosas "domingueiras" dançantes; o baile começava à tarde e seguia noite afora. Nos bailes havia

---

<sup>22</sup> Andrews, George R. - op. cit. Pg 234.

música ao vivo, com bandas negras; muitos namoros aconteciam entre os frequentadores. Nos eventos havia ainda discursos sobre a questão racial.

Já em 1933, com o jornal *A Voz da Raça*, era possível ter notícias desses eventos. Inclusive chamavam atenção os freqüentes elogios referentes ao trabalho das Rosas Negras, organizadoras dos eventos.

Em 1931, apesar de todo o sucesso da Frente Negra, começam a surgir conflitos internos.

A primeira cisão aconteceu em 1932, na Revolução Constitucionalista de São Paulo. Um grupo de frente negrinos, liderado por Guaraná Santana, desejava que a Frente Negra Brasileira tirasse de seus quadros voluntários para lutarem a favor de São Paulo, contra as tropas federais de Getúlio Vargas.

Os dirigentes da Frente Negra decidiram não apoiar os paulistas e ficar ao lado de Getúlio. Como consequência, o grupo liderado por Guaraná Santana fundou, no mesmo ano de 1932, a "Legião Negra", um exército de homens negros que lutaram voluntariamente por São Paulo.

O grupo ganhou autonomia e até um jornal próprio. É interessante notar que não houve um rompimento definitivo com a Frente Negra, ao contrário, o grupo da Legião Negra apoiou a candidatura de Arlindo Veiga dos Santos para a Constituinte.

Outro conflito foi de ordem política. Sabemos que, inicialmente, a Frente Negra tinha membros militantes de tendências políticas variadas que se juntaram para criar a frente ampla. No entanto, essas divergências começam a se revelar, determinando um divisor de águas na história da entidade.

Capitaneado por Correia Leite, o grupo que saiu era identificado como o grupo do jornal *O Clarim d'Alvorada*.

Essa cisão aconteceu por diferentes motivos, o principal foi em relação à orientação da Frente Negra: para os irmãos Veiga, a Frente

deveria tratar da ação, exatamente como vinham caminhando, através de ações concretas, como ajuda mútua, alfabetização, etc. Para o grupo de Correia Leite, a ação deveria ser acompanhada pelo posicionamento político.

Em 1933, quando Arlindo Veiga dos Santos tornou-se candidato à Assembléia Constituinte, automaticamente foi forçado a se posicionar politicamente.

Arlindo Veiga era monarquista, defensor de governos autoritários. Sua ideologia batia de Frente com Correia Leite e seus seguidores, declaradamente socialistas.

Correia Leite usa o jornal *O Clarim d'Alvorada* para expressar a oposição a Arlindo Veiga dos Santos e aos rumos tomados pela Frente Negra até 1932, quando funda o jornal *Chibata* e, no mesmo ano, o Clube Negro de Cultura Social. Principalmente o jornal *Chibata* continua a intensa campanha contra Arlindo Veiga dos Santos.

O conflito motivador da cisão torna-se público e transforma-se num caso de polícia, registrado no DEOPS (Departamento de ordem pública e social). Correia Leite acusou os irmãos Veiga de empastelamento do jornal a *Chibata*. Isaltino e Arlindo Veiga, por sua vez, acusaram Correia Leite de usar o nome da Frente Negra com intenções socialistas.

Correia Leite escreveu uma carta explicando os motivos de sua saída da Frente Negra. Essa carta foi parar no DEOPS, pelas mãos de Isaltino que entregou-a ao órgão para se defender e acusar Correia Leite.

A briga perdurou por toda a existência da Frente Negra e dos jornais *O Clarim da Alvorada*, *A Voz da Raça* e *Chibata*. Todos usavam os jornais para suas respectivas defesas e ataques.

A briga e a cisão no interior da Frente Negra causaram resultados nefastos para a história do movimento negro. Por muito tempo, a Frente Negra foi identificada no seu conjunto como um movimento patrianovista

ou com características do gênero. No entanto, era preciso separar as idéias do presidente de todos os outros membros da Frente Negra.

Arlindo Veiga dos Santos foi por muito tempo colaborador de muitos jornais negros, associações negras e foi também colega de militância de Correia Leite. Naquele momento, havia uma profusão de ideologias no período: fascismo, nazismo, socialismo, integralismo, patrianovismo.<sup>23</sup>

Arlindo Veiga freqüentemente elogiava Hitler e o nazismo como um homem e um governo fortes. Chegou a reivindicar a existência de um Hitler negro. Como se isso não fosse irredutível.

Isso tudo, obviamente, não é uma justificativa, mas é preciso contextualizar as posições dos personagens da história para não obscurecer os fatos. O forte personalismo de Arlindo Veiga dos Santos não pôde suplantar os acertos e desacertos da experiência que foi a Frente Negra Brasileira.

Não é possível descartar essas contradições; ao contrário, deve-se trabalhar com elas. Para Clovis Moura, Arlindo Veiga dos Santos era um intelectual dividido, “um exemplo de negro de alma branca”<sup>24</sup> De qualquer forma, essa cisão não impediu que, pouco tempo depois, a Frente Negra Brasileira, acompanhando o movimento nacional, se visse diante de um golpe fatal: a implantação do Estado Novo.

O golpe atingiu em cheio os negros frente-negrinos. Três meses antes do golpe, a Frente se tornara um partido político, registrado para participar das eleições em 37.

Na avaliação de Andrews: “(...) A Frente foi vítima essencialmente dos mesmos conflitos que conturbaram o sistema político mais amplo. Os negros e brancos da classe média de São Paulo mostraram-se igualmente

---

<sup>23</sup> Pahim, Regina – “O movimento negro em São Paulo: luta e identidade.” Mimeo-tese de doutorado. São Paulo: USP, 1993.

<sup>24</sup> Moura, Clovis – Dialética radical do Brasil negro. São Paulo: Anita, 1994

vulneráveis à sedução do nacionalismo xenofóbico e do autoritarismo político. Rompida pela resultante polarização entre uma direita de inspiração fascista e uma esquerda mais fraca, apoiada nos trabalhadores, a Frente repetiu em um microcosmo a trajetória paulista e brasileira como um todo durante a década de 30.”<sup>25</sup>

É necessário dizer que, para os negros, a Frente Negra tinha importância fundamental. As pessoas comuns apresentavam com orgulho suas carteiras de identificação como membros da Frente Negra. Além disso, toda a sua discussão ideológica não era tomada como uma questão fundamental para os seus associados. No jornal *A Voz da Raça* é possível encontrar notícias do Clube Negro de Cultura Social, fundado por Correia Leite, arquiinimigo de Arlindo Veiga.

Para acompanhar a trajetória da Frente Negra e desvendar o universo desses negros militantes podemos, a partir daqui, centralizar o foco e particularmente analisar o jornal *A Voz da Raça*.

---

<sup>25</sup> Andrews, George R. -op. cit. Pg.241

### 3 - *A Voz da Raça* – A organização do jornal - as possíveis leituras.

#### *“A Vóz da Raça”*

*“Com satisfação, assumimos o encargo da direção deste jornal que se destina a publicação de assuntos referentes ao negro, especialmente, não dispensando porem de acolher os de outras referencias quando solicitados.*

*Este jornal aparece na hora em que precisamos tornar público, nos dias de hoje, de amanhã e de sempre, os interesses e comunhão de idéias da raça, porque as outras folhas, aliás veteranas, por despeitos políticos, tem deixado de os fazer; porém isso não tem importância: diz o ditado que “ a dor ensina a gemer!..” e si não fosse a dor... este jornal não surgiria e nos continuaríamos marcando passo e sendo alvo da continua atitude dos diarios paulistas que, na surdina, vão pondo no cesto os originais que no presente momento o seu assunto vise a moral e a união política do negro.*

*Assim sendo, fica entregue a população o orgam acima epigrafado.”*

*Os dirigentes*

Ano I – n-1- 18/03/1933

O jornal *A Voz da Raça* era o órgão oficial da Frente Negra Brasileira. Foi editado de 1933 a 1937. Ao longo desse período, o jornal passou por varias frequências: foi semanal, quinzenal e mensal.

Seu formato era pequeno, tipo tablóide, com 4 páginas: rosto, duas páginas internas e, na última página, havia continuação dos artigos, ou novas manchetes. Os anúncios eram, na maioria, escritos em verbetes e sem imagens; eram poucos e, em geral, anúncios dos próprios frente-negrinos. Havia ofertas de serviços de advocacia, dentistas e ainda cursos, oficinas de costura, entre outros. Quanto à tiragem, não há como obter os números exatos. A distribuição do jornal era feita na sede da Frente Negra e nos eventos. No jornal não havia referência à tiragem.

O jornal passou por diversos editores, o primeiro foi Deocleciano Nascimento<sup>26</sup> e o último foi o Sr Francisco Lucrécio<sup>27</sup>. A sede do jornal era a mesma da Frente Negra Brasileira, à rua da liberdade, 196.

Na primeira página havia uma espécie de editorial, sempre assinado pelo próprio editor ou colaboradores; nas páginas internas havia sessões fixas: notícias, correspondência, notícias sociais (aniversários, mortes, piqueniques e eventos).

Os artigos giravam em torno de temas fundamentais para os negros: instrução e educação para combater o analfabetismo, auto-estima para combater o eterno desemprego, valorização da mão de obra negra e a exaltação de personalidades negras da história do Brasil, como poetas, escritores, engenheiros, enfim, pessoas que se destacavam no meio negro.

O jornal se envolveu em campanhas políticas nacionais e específicas referentes ao negro. Das campanhas nacionais destacaram-se - a defesa de Getúlio Vargas na Revolução de 32 e, das campanhas específicas, a luta pelo fim da discriminação na Guarda Civil, repartições públicas e logradouros.

---

<sup>26</sup> Deocleciano Nascimento, segundo Correia Leite, era um antigo militante da Imprensa Negra. Foi redator chefe do primeiro jornal negro de 1915. "O Menelick"

<sup>27</sup> Francisco Lucrécio era dentista substituiu Isaltino como secretário geral da Frente Negra.

Os artigos nos remetem sempre a um diálogo entre os editores e a comunidade negra. Quando aparecem análises conjecturais, elas são dirigidas à sociedade nacional, particularmente neste período as referências são para o governo Vargas e os acontecimentos importantes, como a campanha da Constituinte e as conseqüências da Revolução de 32.

Na página de rosto, durante toda a existência do jornal, houve um slogan de Isaltino Veiga dos Santos em destaque, junto ao nome do jornal: “ *O preconceito de côr, no Brasil, só nós, os negros, o podemos sentir.* ”

A partir do número trinta e seis, aparece com menos destaque, também próximo ao título do jornal, o slogan: *Deus, pátria, raça e família.*

Esses dois slogans traduzem simbolicamente a linha editorial do jornal: O primeiro seria o claro compromisso com a comunidade negra, o jornal tinha como objetivo promover a ascensão do negro brasileiro, estabelecendo sempre o diálogo do negro com o próprio negro.

O segundo slogan é mais complexo, pois há uma clara referência ao slogan político dos integralistas, somente acrescentando o item raça. Sabemos, no entanto, que o jornal e a Frente Negra nunca se afirmaram politicamente como tal, ao contrário vamos encontrar conflitos e nenhuma definição política partidária.<sup>28</sup>

Os artigos foram agrupados por temáticas recorrentes no jornal.<sup>29</sup> Os temas fundamentais foram: 1- A instrução e a educação; 2- O desenvolvimento da auto-estima; 3- A exaltação das personalidades negras nacionais e internacionais; 4- O Progresso da Raça Negra; 5- O apoio a

<sup>28</sup> É interessante notar que Arlindo Veiga dos Santos, presidente da FNB era patrianovista (diferente do integralismo) eles defendiam a Monarquia.

Outro detalhe que chama a atenção que o slogan aparece somente em 1936 quando o presidente da FNB já era Justiniano Costa. Para Correia Leite o integralismo era mais amplo que o patrianovismo, mas não contemplava a questão racial.

<sup>29</sup> Não seria possível quantificar o número de artigos de cada temática, a percepção da recorrência veio da leitura e da interpretação pessoal.

Getulio Vargas; 6- A questão do trabalho e os conflitos com os imigrantes; 7- A participação dos negros na política nacional; 8- Os conflitos entre os membros da Frente Negra; 9- A questão da mulher negra.

O primeiro tema recorrente nos jornais dizia respeito à educação como forma de redenção dos negros:

*“Digo isto, meus caros irmãos, porque neste momento histórico em que o Brasil reclama dos negros, como verdadeiros brasileiros que são, a sua ajuda para o seu ressurgimento, é com grande pesar que vemos que ainda somos escravos, libertos dos velhos, mas preso em uma formidável corrente.*

*Não sabeis qual a corrente? Não sabeis? (Santa Ingenuidade) (...)*

*(...) Esta corrente é a ignorância, a falta de instrução, educação e união de nossa raça(...)”*

*(...) É com lágrimas nos olhos que eu presencio dentro de S.Paulo, a decadência moral de certos negros, negroides e mulatoides. Deveis, neste instante, atender àquele toque vibrante do clarim, tocando sempre reunir...reunir...reunir...raça forte.*

*E se assim fizerdes, estou certo. Não tereis aqui estes milhões de negros analfabetos, desunidos. Então se cantar “vai ficar a pátria livre, vou morrer pelo Brasil.”*

Artigo assinado por Perola Castro.

Ano I- n-13- 17/06/1933

Neste artigo, assinado por uma colaboradora, encontramos claramente a preocupação com a instrução. Nota-se que a articulista faz a distinção entre a educação formal e a consciência do fato de ser negro. Nesse caso, o interlocutor para qual a autora dirige seu artigo não possui

nenhum dos dois conhecimentos. Assim podemos pensar: a quem os jornais se dirigiam? A missão que teriam seria plantar o interesse pela educação formal e a consciência de ser negro.

Outro artigo ilustrativo diz respeito à valorização da raça negra e à preocupação com a auto-estima do negro. Vejamos o artigo, também assinado por um colaborador:

*“O Brasil ainda é dos brasileiros”*

*“É preciso que o negro tenha coragem de afirmar-se, pois não há motivos de temores, tudo que existe no Brasil, é dos negros, sem negro não haveria Brasil. Logo, o negro, tem de ser respeitado aqui dentro e quando não o quiserem respeitar ele deve reagir, não podem negar também o direito de no afirmarmos aqui dentro isto que somos com muita honra: negros brasileiros(...)*

*(...) Os negros estudem também afim de não serem insultados a cada momento instruídos e educados seremos respeitados; far no ermos respeitar. Não nos esqueçamos de que só o livro completará a redenção da gente negra do Brasil*

Artigo assinado por João Mariano

Ano I, n-15, 01/07/1933

Neste artigo temos duas temáticas: de um lado a valorização do negro enquanto construtor do Brasil e, portanto, pertencente à Nação e, por outro lado, a solução de todos os males através do estudo.

Destaca-se a forma de expressão dessas idéias, são absolutamente enfáticas e positivas nas afirmações sobre o papel do negro, função prioritária da Imprensa Negra.

Além dos artigos assinados, o jornal cumpre a função de relatar os principais acontecimentos da comunidade negra, em São Paulo e interior. São notícias de casamentos, batizados e aniversários, promoção de piqueniques, concurso de rainha da beleza negra. São notícias não encontradas na imprensa e que cumprem a função de valorizar o negro, registrar sua vida social e ainda reforçar a sua imagem positiva. Florestan Fernandes avaliou essa postura da Imprensa Negra como embranquecedora, na medida em que, reproduz a sociedade e os valores dos brancos.<sup>30</sup>

Vejamos algumas notícias sociais:

*“Núpcias”*

*“Casou-se, hoje, com a gentilíssima senhorita Angelina Silva, filha da Exma. Sra. B. da Silva, o benquista comissário dos Cabos da Frente Negra Brasileira, Sr. Mario da Silva Junior*

*Ao Mario e senhora, desejam o pessoal da redação, anos prósperos e felizes”*

Nesta mesma década, de 30 Ruth Landes<sup>31</sup> pesquisava os negros em Salvador e um fato chamou-lhe a atenção: os negros não se casavam oficialmente. Este fato foi explicado, por seu então colaborador, Edson Carneiro, os negros não se casavam porque o casamento era muito caro, dispendioso.

Podemos estender essa questão aos negros de todo o Brasil e dizer que a leitura de Florestan não estava incorreta, o casamento oficial era de fato um evento de brancos, essa era apenas uma constatação da realidade; o fato dos negros não casarem não era um valor moral ou cultural e sim uma

<sup>30</sup> Fernandes, Florestan – O negro no mundo dos brancos. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1972

<sup>31</sup> Landes, Ruth – A cidade das mulheres. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

questão econômica. Por esse motivo, os raros casamentos entre negros tornavam-se um evento digno de nota e de cobertura jornalística, assim como funcionavam como uma ação afirmativa dos valores sociais.

*“Esporte”*

*Realizou-se domingo passado o encontro entre as fortes equipes dos clubes supras, dois dos representantes da pujança esportiva da mocidade negra. A preliminar após interessante peleja terminou com a vitória da Extra São Geraldo...”*

*“Reunião”*

*Por ordem do s. presidente da comissão “Pró construção da Sede própria da F.N.B., faço ciente, assim como convido a todo o Negro que se interessa pela causa, que está marcado para o dia 19 do corrente, às 4 horas da tarde, no salão de reunião da nossa Sede Central, mais uma reunião. Será apresentado a relação completa dos trabalhos feitos até a presente e as adesões de parte das sucursaes da F.N.B....”*

*“Pique-nique”*

*Patrocinado por uma comissão especial, deverá realizar-se no dia 26 de Novembro p. f., um Festival Praiano, com varias provas esportivas para senhoritas e rapazes, com muitos outros divertimentos”*

Ano I – n-25- 11/11/1933

Florestan Fernandes avalia negativamente essa prática entre os negros: “Ora o que nos chama atenção em primeiro lugar é a negação de certos traços africanos, por exemplo a abundância de publicidade para os

cremes alisadores de carapinhas, ou ainda a recusa das tradições africanas, como as congadas e os batuques, para substituí-las por manifestações copiadas dos brancos, como o coroamento das rainhas de beleza, os piqueniques no campo, etc.”<sup>32</sup>

Destacamos a decepção do autor com o meio negro; havia, naquele momento da pesquisa, a expectativa de que a comunidade negra tivesse mantido como força da identidade étnica, os traços africanos, e as suas permanências culturais, e isso não aconteceu..

Na avaliação de Florestan Fernandes, podemos notar que havia um padrão étnico para o negro, vinculado ao passado africano. Era de se esperar, pois a escravidão era ainda o referencial, nas pesquisas de Florestan Fernandes, realizadas na década de 50; portanto, a imagem do negro ainda era de ex escravo vindo da África.

Tanto a Frente Negra Brasileira quanto os outros grupos paulistanos se ressentiram dessa imagem, que se forjou na história do negro. O passado de escravo não era negado, mas a postura, entre os negros militantes, era de negar os estereótipos do negro apegado às raízes africanas, inclusive, a África era tratada como um continente atrasado. A reação dos negros era marcada por um profundo nacionalismo, na idéia de pertencimento à nação brasileira.

A escravidão era tratada como a contribuição do negro à construção do Brasil, como país e pátria e, portanto, era preciso incorporar o negro como parte constitutiva desta nação.

Roger Bastide fez uma leitura mais moderna do que seu colega de pesquisa, Florestan Fernandes: “Portanto, o papel da Imprensa de cor seria, antes de mais nada, o de dar ao preto confiança em si mesmo, o de fazer

---

<sup>32</sup> Roger Bastide e Florestan Fernandes – Branco e negro em São Paulo. São Paulo: Companhia Nacional, 1971, pg. 198

desaparecer esse sentimento que lhe é tão prejudicial; e para isso, não há senão um meio - valorizar tudo o que é o do negro”<sup>33</sup>

Bastide, neste sentido, tem uma visão mais positiva em relação à Imprensa Negra. O fato do negro se auto valorizar era indicativo de uma identidade afirmativa. Não quer dizer embranquecimento, afinal os valores positivos não são necessariamente brancos.

O fato é que os negros militantes da Imprensa Negra tinham como interlocutores negros pobres a maioria, desempregados e com baixa auto-estima.

A preocupação geral era de erguer o moral dos negros, seja por meio de uma vida social intensa e pública ou por meio de exemplos de negros ilustres que fizeram a história. Vejamos um artigo onde essa discussão aparece:

*“ Surget et Ambula”*

*“Em quase nada nos tem afetado, pois em vez de nos abater o animo, tem elevado mais o grau de nossa tempera, por isso que em todos os órgãos constitutivos do grande corpo nacional a nossa colaboração tem sido bem eficiente; e se deslocarmos á nossa apreciação para o ponto de vista étnico é que mais se evidencia todo o nosso valor racial.*

No inicio do artigo já podemos observar que a premissa era a valorização do negro. O autor continua comentando:

*Não havendo portanto, espaço aqui para alimentação de ódios e rancores, mesmo porque, não existem culpados: o que se passou, e o que se tem desenvolvido até os nossos dias é perdoável, porquanto*

---

<sup>33</sup> Bastide, Roger – Estudos afro-brasileiros. São Paulo, Perspectiva, 1983, pg. 146

*é fruto de erros que se formam no seio da própria humanidade, a única privilegiada no mundo para aplicar o mal que castiga e destrõe; também o bem que compensa e constrõe(...)*

No segundo momento, o texto passa da valorização do negro para a constatação da situação racial do país. Esta afirmação significava que se havia ódio, portanto, havia racismo. Mas, em seguida, sem muito espaço para lamentações, discute-se uma proposta para a superação das dificuldades e o encaminhamento da luta:

*Vejo meus jovens amigos que a vossa tarefa é adna e espinhosa, sendo portanto, justo e cabível o movimento que se vem operando no grande meio social de São Paulo.*

*É só de São Paulo, este grande sol que irradia luz e calor para todos os quadrantes do Brasil é que devia partir a marcha cívica para redimir a grande raça que ajudou a formação do Brasil. Ide! Marchae dentro da ordem sempre foi o apanágio de nossa raça, reclamae o que ela tem direito; se dificuldades surgirem para impedir a vossa cruzada "santa"...*

Para a luta é preciso resgatar e evocar os heróis, assim o artigo se remete aos negros ilustres:

*invocae a memória do grande brasileiro Luiz Gama o, patrono da raça negra em São Paulo, cuja imagem ungistes e entronizastes sobre o coração da formosa metrópole da "Chanan" brasileira, para que sempre esteja aceso o facho, a calma da nossa fé pelo grande destino de nossa raça, que só de vos espera, mocidade!...*

*O grito vibrante de: levanta-te e caminha."*

*São Paulo, Maio de MCMXXXIII*

Artigo assinado: Silvério de Lima

Ano I – n-18 – 05/08/1933

Há em muitos artigos referências aos heróis negros, tais como Luis Gama, José do Patrocínio, Henrique Dias, Cruz e Sousa, Castro Alves, entre outros. A intenção clara era de erguer o moral dos negros e, sobretudo, combater a imagem negativa disseminada tanto no imaginário da população, como na Imprensa diária, que reforçava esse negativismo.

*"Chegou o momento"*

*(...) Deante deste quadro, esboçado por um brasileiro que sente correr nas suas veias o sangue bandeirante, não podemos admitir, de forma alguma, a expressão negativa do negro na formação da nossa nacionalidade. Crime, muitas vezes, crimes imperdoáveis, negar que o patrimônio nacional não se deve ao heroísmo do braço forte dos negros, que hoje, desgraçadamente, vivem jogados neste grande Brasil, quasi que desbrasileirado, sem aquela recompensa devida que nós outros brasileiros, bem lhes poderíamos dispensar.*

Nesse artigo podemos reconhecer de imediato a valorização do negro, mas também um tom de lamentação pela falta de valorização e reconhecimento do seu valor. Mas para motivar e erguer o moral, a solução parece otimista:

*Para terminar, lembramos mais uma vez, com todas as forças de noss'alma de brasileiro conciente, que o momento chegou.*

*Precisamos agir. O negro necessita tomar parte ativa da vida política. O Brasil apesar dos pezares, ainda é dos brasileiros, e, como tal, a presença do negro é indispensável*

É preciso encontrar soluções e partir para a ação, novamente são evocados os heróis negros:

*Negar-lhe este direito, é pratica um ato de injustiça. Se o que acima ficou dito, é pouco, lembremo-nos dos vultos inconfundíveis de Luiz Gama e Patrocínio, o expoente Maximo da raça, que fez estremecer as rédeas do Governo do Império para extinção do cativo no solo brasileiro.*

*Se ainda é pouco, repetimos, relembremo-nos, mais uma vez, do heroísmo dos negros, comprovado pela nossa historia política, quando no campo sangrento de batalha, defenderam com todo o ardor, a grande Pátria Imperial ultrajada pelo Paraguai.*

*Destruir portanto, estas verdades, é negar as credenciais dos negros no cenário político da sua grande Pátria e a gloria dos brasileiros. (...)*

Artigo assinado: João Mariano – Ano I – 22/04/1933

A homenagem constante aos ícones negros funcionava como exemplo a ser seguido. Na verdade, tanto na comunidade negra nacional e como na internacional surgem os eternos exemplos que acalentam o sonho de superação do real, e a exceção que confirma a regra: Pelé seria o melhor exemplo contemporâneo.

Mais tarde, esta prática em reverenciar heróis negros vai ser incorporada ao discurso nacional da democracia racial: são eternos exemplos apresentados, como se a simples existência desses heróis comprovassem a ausência do racismo. Na realidade o herói seria o elemento justificador da não existência do racismo.

É interessante notar que esses heróis negros, nos artigos do jornal, não são “embranquecidos”, mas exaltados justamente por sua condição de negros e até de ex-escravos. Vejamos o artigo sobre Luis Gama:

*“Ecos da escravidão”*

*“Baiano nem de graça- Exposto a venda, num lote de escravos, no mercado de Campinas, Luis Gama, que andava pelos 10 anos, foi abordado por um fazendeiro das cercanias que lhe perguntou:*

*-Onde nasceste?*

*-Na Baía – respondeu o molequinho*

*-Baiano nem de graça! Declarou o comprador.*

*-E afastando-se:*

*-Já não foi bom que te venderam pequeno!*

*Trinta anos depois, tornando-se grande jornalista e advogado famoso, fez Luis Gama relações com esse fazendeiro, que era Conde de Três Rios- E esse titular, que não o quizera para escravo, orgulhava-se, então, de tê-lo como amigo.”*

Artigo assinado: Alberto Faria

Ano IV, n-64, abril de 1937

Esse artigo pode ser interpretado de várias maneiras; o que gostaríamos de ressaltar é o tratamento dado à situação em que o heroísmo

do nosso personagem é sutil: o fato do comprador desdenhar “a peça escrava” e mais tarde tornar-se amigo é de uma ironia refinada.

Outro fato interessante: o herói surge da condição de escravo, não há omissão de seu passado inglório, ao contrário, o fato de ser recusado como escravo aumenta o seu heroísmo.

Ainda em relação a exemplos positivos e valorização de personalidades negras, temos também os heróis negros internacionais, como o lutador de boxe Joe Louis, “o bombardeador de Detroit”, que era um ícone negro tanto no Brasil como nos EUA, na década de 30.

Outro exemplo era Marian Anderson, cantora de ópera, negra norte-americana que se apresentou no Brasil e visitou a sede da Frente Negra e do jornal.

*“Gênio em forma de mulher”:*

*“Marian Anderson cantora negra norte-americana procedente do Rio, desembarcou em São Paulo, em complemento a sua tournée pelo Brasil.*

*Na concha hospitaleira e lírica das arquiteturas extremamente sombra do prédio que se assenta na Praça Ramos de Azevedo, penetrou ela sob aplausos calorosos a inteligente patricia quão notável cantora...*

*Analisando-se a sua venturosa “tournée” podemos dizer que ela se empenhou num verdadeiro lance em busca da celebridade, de cuja intrepidez orgulhamos nos e, por certo, já se jubila a sua admiradora platéia de Harlem-bairro negro nova yorkino...*

*Marian Anderson que, não obstante já ter nos deixado, continuara vivendo em nossas evocações como atenuante heróica as iniciativas de conagraçamento”.*

*A Voz da Raça, ano IV, n- 67- Julho de 1937.*

Outra artista aclamada foi Josephine Baker. Cantora negra francesa, aparece também qualificada como a “Vênus de Ébano”.

Para Roger Bastide: “Essas biografias ou essas páginas de histórias não procuram a verdade objetiva. Ao contrário, elevam-se para o mito. Cria-se uma lenda, porque somente a lenda tem um valor dinâmico de ação(...)”<sup>34</sup>

O exemplo de Luis Gama não tem mistificação, no sentido em que Roger Bastide afirmava. O fato de ter sofrido uma humilhação no passado não o desencorajou; a identidade afirmativa veio com a dignificação pelo estudo: Luis Gama tornou-se um advogado famoso, o que lhe permitiu ascensão social e, mais ainda, o fez estar em pé de igualdade com o branco que o rejeitou, a ponto de se tornar seu amigo.

Na biografia de Luis Gama, os fatos foram surpreendentes, como narra Chalhoub: “ Luis Gama é personagem de tirar o fôlego. Filho de fidalgo português e de africana livre, passou a infância com a mãe em Salvador dos anos 1830, década de insurreições escravas e de pânico dos brancos. A africana teve que deixar a Bahia, fugindo da repressão senhorial, e o pai fidalgo acabou vendendo o filho ilegalmente como cativo para cobrir dívidas de jogo (...)”<sup>35</sup>

Outro tema importante do jornal, englobando a questão da auto estima, era o alcoolismo. O negro paulistano, geralmente preterido ao imigrante, vivia quase sempre desempregado, no máximo na condição de trabalhador temporário. Provavelmente, essa ociosidade tornava-o presa fácil do alcoolismo, doença generalizada entre os negros. Ela se tornou inclusive alvo de intensa campanha, não só nos jornais negros,

<sup>34</sup> Bastide, Roger – op. cit. pg.147.

<sup>35</sup> Azevedo, Elciene- Orfeu da carapinha: a trajetória de Luis Gama na imperial cidade de São Paulo.

particularmente no *A Voz da Raça*, como em jornais de épocas anteriores a 30, bem como de seus contemporâneos.

O alcoolismo era motivo de palestras nas sedes sociais dos clubes recreativos e culturais, como o Clube Negro de Cultura social, contemporâneo à Frente Negra Brasileira.

Vejamos um exemplo desta preocupação no artigo de *A Voz da Raça*:

*“Os Tarados”*

*“(...) a tara é pois, um estado de alma hereditário. O filho de um ébrio ou bêbado, não só se manifesta muito cedo a inclinação para o vício, como também são possuidores de outras propensões que acompanhará porventura os paes viciosos, como seja: libidinagem, homicídio, meretrício, falta de caráter, etc., sendo que neste ponto falam bem alto todos os cientistas, principalmente os médicos psiquiatras que descobrem a tara o principal fator de alienação mental .*

*Creemos certa essa afirmativa da ciência porque temos notado nas crianças filhas de ébrios grande falta de capacidade para aprenderem a leitura e toda e qualquer disciplina relativamente fácil para outras cujos Paes tenham-se conservado sóbrios ou mais ou menos puros.”*

*“(...) Os tarados são rixentos, propensos ao latrocínio(...)”*

*A tara está com todas as raças e no seio de todos os povos como entorpecente das melhores qualidades.*

*Seria mais fácil evitar a tara do que cura-la visto que o único medicamento eficaz é a educação sistemática nas escolas, como já afirmara Lombroso em Medicina Legal (...)*

Artigo assinado: Pedro Rodrigues

Ano I, n-21, 16/09/1933.

Este artigo revela a contradição vivida pelos negros. De um lado compartilhavam da crença sobre a hereditariedade dos comportamentos, de outro lado a preocupação real com o alto índice de alcoolismo entre a população negra. É interessante notar que o autor do artigo refere-se a Lombroso, criminalista italiano que acreditava que os traços culturais eram herdados geneticamente, assim como a propensão ao crime poderia ser associada à aparência física.

As causas para a propensão ao alcoolismo, neste artigo, não foram discutidas, mas sim seus efeitos nas gerações futuras, defendendo a crença na hereditariedade de traços sócio culturais econômicos. Como diria Roque de Barros Laraia: “A teoria de Lombroso encontrou grande receptividade popular e, até recentemente, era ministrada nos cursos de Direito, como verdade científica.”<sup>36</sup>

As palavras ásperas davam o tom do artigo ameaçador e ao mesmo tempo ilustrativo sobre a questão da eugenia e saúde da população negra.

Lilia Schwarcz a esse respeito informa: “O termo eugenia – eu: boa;genus: geração – foi criado em 1883 pelo cientista britânico Francis Galton, na época conhecido por seu trabalho como naturalista e geógrafo especializado em estatística, escreveu seu primeiro livro depois de ler a *Origem das Espécies*(...)”

Neste livro, Galton buscava provar, a partir de um método estatístico e genealógico, que a capacidade humana era função da hereditariedade e não da educação.(...) Assim, as proibições aos casamentos inter raciais, as restrições que incidiam sobre “alcoolátras, epiléticos e alienados” visavam, segundo sua ótica, a um maior equilíbrio genético, “um aprimoramento das

---

<sup>36</sup> Laraia, Roque de Barros – *Cultura: um conceito antropológico* Rio de Janeiro: Zahar, 1992, pg 45

populações”, ou à identificação precisa “das características físicas que apresentavam grupos sociais indesejáveis.”<sup>37</sup>

É interessante observar que no artigo do *A Voz da Raça*, sobre alcoolismo, a eugenia é recorrente em relação aos indesejáveis dentro da raça negra. Essa atitude, mais uma vez, revela a enorme confusão ideológica do período, pois todos os discursos da eugenia e de indesejáveis da raça eram discursos dos brancos, preocupados em “construir” uma raça “pura” no Brasil, e diante da impossibilidade da raça pura, uma raça miscigenada, porém de brancos e negros superiores. Isso significava, na década de 20, que era preciso tratar do brasileiro que, naquele momento, estava doente, na miséria e no alcoolismo. Assim nasceram as campanhas sanitaristas.

O eixo das campanhas sanitaristas promovidas pelo Estado era a questão da saúde do homem brasileiro, representado simbolicamente pelo personagem de Monteiro Lobato o “Jeca Tatu”, cheio de doenças tropicais, um homem do campo, um ignorante. É interessante notar que o eixo da discussão não era o negro, mas sim o caboclo; a mistura de raças comprovando a degenerescência provocada pela miscigenação.

Em relação ao contexto político mais amplo, o jornal afirmava o tempo todo seu apoio incondicional a Getúlio Vargas.

O período Vargas marcou profundamente os negros. Na Revolução de 30 já haviam apoiado Getúlio e todas as suas promessas de mudanças. Este apoio aparece maciçamente nos editoriais do jornal:

*“O Dr. Getúlio Vargas continua sendo a esperança fagueira do nosso Brasil amado”.*

*“Rumo a novas lutas – Apostos, negros da nossa terra”.*

<sup>37</sup> Schwarcz, Lilia M. —O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das letras, 1993, pg. 60

*"A palavra cumprida"*

*"Mais uma vez.o Exmo Snr. Dr. Getulio Vargas, Chefe do Governo provisório da Republica dos Estados Unidos do Brasil, cumpre a sua palavra, assinando mesmo no leito onde se acha vitimado pelo desastre, que já é do conhecimento público, decretos que vieram facilitar o andamento do grande movimento cívico do dia 3 de maio"*

Ano I, n-8, 1933

Esse artigo foi escrito em plena campanha da constituinte.

Um outro artigo sobre Getúlio Vargas com o título de *"Missã votiva em ação de graças ao casal Getulio Vargas"* pode ser analisado:

*"Esteve deverás linda e expressiva, a missa realizada na Basílica de S. Bento, na manhã de 17 do corrente, mandada celebrar por uma distinta Comissão; missa essa, em ação de graças pelo restabelecimento do estimado Chefe de Governo da Segunda República, e sua Exma. Sra... – O Dr. Getulio Vargas, e Exma. Sra. Dna. Darcy Vargas.*

*O recinto da Basílica, literalmente cheio, apresentava um que de misterioso, lendo-se mesmo no rosto dos fiéis, uma satisfação imensa, cousa aliás muito natural, porque presentes, estavam rendendo graças ao altíssimo, por ter poupado a vida de um dos mais estimados homens do Brasil, e, em que o povo brasileiro, deposita ilimitada confiança, como o único e possível salvador da grande pátria brasileira que esteve prestes a se precipitar no abismo antes da epopéia sagrada de 930.(...)*

O artigo revela também a proximidade entre os frente-negrinos e o governo Vargas:

*(...)Para assistir ao ato foi convidada a Frente Negra Brasileira, que foi representada por diversos membros do seu Grande Conselho; os membros da F.N.B. foram imediatamente reconhecidos, por uma distinta senhora que os recebeu, solicitando dos mesmos a assinatura no livro exposto para esse fim: " A Voz da Raça", que também se fez representar pelo seu secretário, o Sr. Raul J. Amaral, em companhia dos demais, sentiram-se sinceramente envaidecidos com o trato olhano e afável com o qual foram recebidos pela distinta comissão (...).*

*(...) Na saída, tivemos ocasião e o prazer de cumprimentar, além de outros membros da Comissão, a Sra. Dna. Morenal Teles Fraissat, que gentilmente nos ofereceu o seu cartão de visita: é pois por intermédio dessa distinta senhora, que os dirigentes da F.N.B., fazendo deste jornal o seu porta-voz, envia os sinceros agradecimentos a Comissão pela podigalidade de gentilezas a eles dispensados, ao que juntamos os da A voz da Raça; outro sim, deixam eles aqui patentes a satisfação de que estão possuídos, mesmo porque, basta ser amigo do ilustre chefe atual da Nação, o dr Getulio Vargas, para ser amigo, e merecer a estima da Gente negra Nacional, que antes de 930, era tão somente uma simples cousa dento da sua própria pátria...*

A admiração por Getúlio Vargas e a possível aproximação entre os membros do jornal e o presidente, não os impedem de serem críticos:

*(...)ainda há muita diminuição sobre a gente negra, mas, em todo caso já está um pouco melhor; assim sendo, dentro do princípio cristão, trabalhemos com afinco, ajudando assim os grandes homens a afirmarem agora mais do que nunca.*

*Brasil para os Brasileiros”.*

Ano I, n-14, 24/06/1933

Neste longo artigo, que relatou a presença de membros da Frente negra e do *A Voz da Raça* na missa em homenagem a Getúlio Vargas, podemos confirmar o apoio dado ao presidente e o tipo de relação entre ele e os negros.

No artigo, aparece 1930 como um divisor de águas na história do negro e a relação de intimidade com o presidente da república.

Essas duas questões são importantes.

Em primeiro lugar, Getúlio Vargas vendia, através de sua propaganda eficiente, a imagem de um líder popular; o seu governo propiciava ganhos reais aos trabalhadores e a propaganda tratava de vangloriar e superestimar as suas realizações.

A adesão ao Governo Getúlio Vargas era enorme. Seu sucesso dava-se por uma combinação de fatores internos e uma conjuntura internacional que favorecia aos governos ditatoriais.

Maria Helena Capelato<sup>38</sup> aponta que a explicação para o sucesso dos governos populistas e autoritários estava na adesão popular, possível através da propaganda e da possibilidade de ganhos reais das classes trabalhadoras.

---

<sup>38</sup> Capelato, Maria Helena- Multidões em cena: propaganda política no varguismo e peronismo. São Paulo: Papyrus, 1998.

Getúlio acenou, com as leis trabalhistas, a possibilidade de melhoria nas condições de vida dos negros, que até então estavam em situação de penúria.

No artigo acima citado, pudemos demonstrar como 1930 era um marco para os negros e como o presidente Vargas era reconhecido como responsável por melhorias.

Nos jornais negros, a questão do trabalho era a principal reivindicação encontrada na esfera política e social, as medidas de Getúlio Vargas eram parte da solução encontrada para a concorrência desleal dos negros com os imigrantes. Nos artigos, o tom era de crítica à preferência dada aos imigrantes no mercado de trabalho, e também havia críticas ao comportamento desses imigrantes em relação ao negro.

No artigo abaixo relacionado vamos encontrar críticas aos imigrantes e a relação com os negros.

Vejamos os artigos:

*“Crescei e multiplicai-vos”*

*“(...). A corrente imigratória no Brasil, tão bem amparada pela lei, tem concorrido bastante para o aniquilamento da força social do negro que é, de fato, brasileiro, pelas credenciais confirmadoras que datam da descoberta da sua terra*

*A lógica de tudo isto (retenção de desenvolvimento social e autenticidade nacional) está na Lei Fidelis Reis? Na constituição passada, que proibia terminantemente a imigração de negros no Brasil. Logo, o negro nacional, inalterado em os pontos de vista do seu tradicionalismo, pelo contato (de cóssemelhança social) continua sendo dia-a-dia, o verdadeiro brasileiro. Que interesse, poderá inspirar este particular brasileiro ao estrangeiro que tem sido em nossa terra aventureiro legal? Nenhum. Pelo contrário, os que goza*

*entre nós, a nossa hospitalidade e o desdobramento de forças para execução de obras que constitui o ideal utópico de alguns patrícios desprestigiadores de si mesmos- a dissolução característica de um povo para a formação de outros.*

É interessante observar que o artigo menciona a Lei Fidélis Reis, um projeto que proibia a entrada de negros no país. O artigo demonstra como os negros estavam sintonizados e acompanhavam os debates nacionais em torno da questão racial. O artigo prossegue:

*Esta situação virá reforçar as exatas configurações aliás muito honrosas com que, sem duvida, somos tido pelo estrangeiro, no ponto de vista etnológico, como país de negros, híbridos, etc, etc., embora haja futuramente o aperfeiçoamento do tipo de raça brasileira.*

Aqui podemos perceber a defesa e a constatação da mestiçagem como fator de identidade, portanto, a mestiçagem nesse contexto, tem um sentido positivo para o negro:

*A sensibilidade do negro, muito acanhado não o deixa notar quão humilhante é este já divulgado problema cheio de chises(XXX) cuja solução só o mesmo negro, de posse de seu "eu" poderá dar, confirmando-se "raça dentro de sua terra".*

*O negro precisa readquirir sua faculdade psíquica, subtraída pelo narcótico manipulado com o sucesso de 1888, para, assim, compreender que sua raça no Brasil não deve extinguir-se pela falta de assistência moral, econômica, social e daí pela "assimilação desordenada"(...)*

*(...) Negro "crescei" e multiplicai-vos (em todos os sentidos) para honra e gloria, de vós mesmos e do Brasil!"*

Artigo assinado: Abel B. Freitas

Redator de a "Promissão"

Especial para *A Voz da Raça* - Ano I - n-31- 03/02/1934

O artigo, ao mesmo tempo que tece criticas aos imigrantes, estabelece a solução: a identidade negra deve ser afirmativa sempre.

Há também neste artigo o diálogo com os teóricos da questão nacional, que defendiam o fim da raça negra através de intensa miscigenação. O fato é que o autor do artigo conclama a população negra para literalmente se multiplicar. Aqui estava em curso toda a discussão sobre miscigenação e a possível identidade racial brasileira. Bem como, a resposta àqueles que defendiam o desaparecimento físico através da miscigenação do negro brasileiro, apresentadas, como já vimos, no Congresso Internacional das Raças, em 1911.

Na relação entre os negros e os imigrantes, trataremos de mais um exemplo das criticas recorrentes no jornal:

*"Indiscrições e cavaqueações"*

*(...) Só o fato de estabelecer e estreitar os laços de cordialidade entre a nossa gente, justificaria de sobra a existência da nossa sociedade, pois foi numa das minhas visitas semanais a sede da rua Liberdade, que diga-se de passagem, passara a historia como a "casa do negro brasileiro" foi numa dessas visitas que arranjei assunto para este breve artigo.(...)*

*Realmente de um dialogo travado entre dois colegas sobre a invasão de estrangeiros a todos os cargos públicos que por uma questão de justiça deveriam estar ocupados por negros, que me*

*inspirei para redigir estas indiscreções que ai estão e as cavaqueações que ai vão abaixo. (...)*

*(...) E com referência a empregos, principalmente no comércio e nas repartições publicas, os negros devem introduzir-se neles, usando de um direito que ninguém lhes pôde negar.*

*Nada de receio, audácia insistência e perseverança que vai até a impertinência. A hora é a dos que tentam que lutam e que, mesmo derrotados, não desanimam, levantam e prosseguem."*

Artigo Assinado: José Bueno Feliciano

Ano II – n-36-28/04/34

Para os negros, os imigrantes tinham um modelo de organização que deveria ser seguido: a organização familiar, a rede de solidariedade, as associações de ajuda mútua, entre outros valores.

A seguir, anúncio publicado na primeira página do jornal *A Voz da Raça* para arregimentar filiados à Frente Negra Brasileira:

*"(...) A união se faz por meio de uma associação. Para o negro ela já existe: - é a "Frente Negra Brasileira" com sede central a Rua da Liberdade.*

*Lá funcionam:*

*(...)*

*Que é então que os snrs. Esperam? Querem se defender.*

*Vão esperar a hora de apuros para recorrer à F.N.B.*

*Patrícios! Um homem previnido vale por dez. O negro precisa deixar de ser explorado e tapeado de todas a maneira.*

*"Ajuda-te, que Deus te ajudará" diz o provérbio.*

*Não vêem os estrangeiros?*

*Será que somente brasileiro negro, há de ser sempre bobo.*

*Todos a F.N.B. alista-se.  
Rua da Liberdade, 196.*

Ano I – 22/04/1933

Na discussão sobre o papel do imigrante em relação à situação do negro, o tom dos artigos era de absoluta indignação. Nota-se, entretanto, que os imigrantes são tratados de forma genérica, não há queixas específicas a nenhum grupo em particular. Não sabemos se as queixas se referiam aos portugueses, italianos, sírios ou judeus.

Podemos afirmar neste sentido que não havia um discurso racista. O conflito girava em torno do trabalho, do apoio oficial que os imigrantes possuíam até então em detrimento dos negros.

Aqui, a discussão no jornal não acompanha a política oficial de Getúlio Vargas em relação a grupos indesejáveis, assimiláveis ou não.

Nos artigos, era possível identificar que as queixas eram concretas em relação aos empregos e salários. A esperança e apoio a Getúlio Vargas estavam na crença de que ele iria “salvar” os negros com sua orientação nacionalista, e com suas medidas concretas, tais como a nacionalização das empresas.

*“O Brasil ainda é dos brasileiros”*

*“A realidade fretenegrina não é mais do que a integralização do negro nas coisas políticas e sociais, direitos esses que ninguém pode tirar, e não permitir, de forma alguma que o negro ou mestiço, seja preterido pelo elemento estrangeiro, audácia essa que tinha sido até não muito, como era público e notório, dentro e fora de quase todas as repartições públicas do governo da republica do Brasil, notavelmente em São Paulo, a grande capital que viu, com*

*lagrimas de sangue a passagem de exércitos infindáveis de negros em demanda de Campinas e Itu, maiores mercados da escravidão brasileira.*

No início do artigo há a constatação do valor do negro e também as queixas contra o estrangeiro. O artigo prossegue, argumentando:

*Ao negro aquém o Brasil deve a sua formação, nunca lhe deveriam fechar as portas.*

*Se há injustiça a reparar, esta é uma das principais, que a alma do negro sepultada há 400 anos ainda reclama em prol de seus desventurados filhos que hoje vivem desamparados por todos os recantos deste vastíssimo território que eles abnegadamente cultivaram até 88, deixando seu sangue e vida gravados na grandeza deste vasto Brasil, que os maus brasileiros enebriados pelo ouro, tentam desnacionalizar.*

No trecho acima o inimigo não está nomeado. Quem seriam esses “maus brasileiros” que queriam “desnacionalizar” os negros? Seriam os racistas? Os imigrantes de forma geral?

*Para finalizar este artigo que foi escrito por uma dessas almas que se debatem pela integralização imediata do negro na grande Pátria que viu nascer, afirma, sem receio de errar, que a FNB é a casa do negro e a porta da vitória.”*

Artigo assinado: João Mariano – Ano I – n-15- 01/07/1933

A única voz que nomeava o inimigo etnicamente era a de Arlindo Veiga dos Santos. Sua ira era contra os judeus, identificados como inimigos da pátria e portadores de uma ideologia “estranha”:

*“Resposta a um boletim” –lançado pela canalha anarquista, comunista e socialista, que obedece aos patrões judeus e estrangeiros.*

*Frentenegrinos! Negros em geral!*

*Apostos contra a onda estrangeira, que além de vir tomar o nosso trabalho, ainda quer dominar, por um regime inócuo e bandalho o Brasil dos nossos avós.*

Artigo assinado: Arlindo Veiga dos Santos

Ano I – n-27 – 09/12/1933

Particularmente neste artigo assinado por Arlindo, podemos examinar suas crenças políticas. A ideologia de Arlindo Veiga foi identificada como Patrianovismo.

Essa ideologia caracterizava-se por defender um nacionalismo xenofobista. O regime monarquista era um movimento criado por intelectuais brancos, ao qual Arlindo Veiga aderiu. Havia ainda a influência do integralismo.

Clóvis Moura avalia que Arlindo “carregava um forte personalismo em seus atos. Suas idéias xenofobistas defendiam que o Brasil deveria ser dos brasileiros, e os brasileiros eram negros, de onde se depreende uma forte hostilidade aos imigrantes. Era ainda favorável aos governos fortes. Quanto aos judeus, achava exagero as acusações de assassinatos e perseguições. Não acreditava na democracia e era profundamente anti comunista”.

O autor ainda denomina-o como um “intelectual dividido” e o descreve como um exemplo de ambigüidade de um intelectual negro, que era ao mesmo tempo monarquista, nacionalista, anti-semita e elitista. “Era um antiliberal convicto” e mesmo assim articulava estes preceitos à questão racial. Seu projeto era de integrar o negro num sistema político e ideológico nacionalista e anti-semita.<sup>39</sup>

Ainda em relação ao trabalho, encontramos mais protestos:

*“A F.N.B. protesta contra a invasão de imigrantes que vem agravar ainda mais a situação precária dos nacionais” (...)*

*A F.N.B. enviou telegrama a Getúlio Vargas:*

*“O Grande Conselho da F.N.B. representando milhares de patrícios, protesta perante V. Excia, contra a continua entrada de imigrantes estrangeiros quando nada se faz para melhorar a situação de infinidade de negros desempregados.”*

Ano I – n-26 – 23/12/1933

Além da questão do trabalho, o jornal se envolveu politicamente com a Constituinte de 1934. Em primeiro lugar, a convocação da Constituinte partiu de Getúlio Vargas. Como o presidente tinha o apoio dos negros frente-negrinos, a campanha foi intensa. Além disso, havia um fato político sem precedentes, a candidatura de Arlindo Veiga dos Santos à Constituinte, iniciando assim uma campanha inédita no meio negro: O voto negro.

Durante a leitura de vários números, pudemos acompanhar o que significou a candidatura de Arlindo Veiga dos Santos, a articulação e a organização dos negros:

---

<sup>39</sup> Moura, Clovis – op. cit. pg. 193

Neste trecho abaixo podemos acompanhar os principais argumentos do candidato à Constituinte e sua plataforma de luta:

*"(...)Nesta hora em que a nacionalidade desperta, para o caminho das reivindicações sociais, o negro que foi presente no amanhecer do Brasil, tem direito a ser lembrado, não como um motivo pretérito mas, actuando na vida do país, conquistando o direito histórico, moral e político, na participação da vida do país. Apesar de não haver preconceito visível, a raça negra tem força para constituir-se em partido representativo, para ir discutir os direitos que lhe cabem na grandeza dos serviços prestados à nação.*

No trecho acima a constatação da necessidade de organização. Em seguida a apresentação dos feitos históricos da raça negra:

*Uma raça que fez um passado em pleno cativeiro, obras como as igrejas do Rosário, Santa Efigênia, São Benedito, dando o attestado de fé, de moralidade cristã, não pôde ser indiferente nesta arrancada de civismo, que o Brasil vai traçar*

Diante do passado glorioso e das realizações do presente, o momento e de convocação para a luta:

*E, se a raça negra não despertar agora, terá sobre ella o mesmo silencio que a condenou até hoje. Irmãos negros do Brasil, levantai-vos para o despertar rigoroso, tocando a rebate para glorificar as cinzas dos nossos antepassados, na esperança de ser respeitada nos direitos humanos, levantados pela voz de Patrocínio, o vulcão que caleinara os elos da escravidão. Negros do Brasil. É*

*chegada a hora de vos reunirdes em torno de uma bandeira, para a defesa e a reivindicação de vossos direitos.*

*Para a Constituinte!*

Artigo Assinado: Prof. Vicente Ferreira

Ano I – Sábado 22/04/1933

É preciso dizer que a Frente Negra Brasileira não era ainda um partido político; assim, o Sr Arlindo Veiga dos Santos era um candidato avulso à Constituinte. Daí a importância das Campanhas realizadas pelo jornal e na sede da Frente., pois ambos eram os únicos meios de divulgação da candidatura.

Outra questão importante era a inovação e o avanço que significavam para o negro ter um candidato que o representasse. Estamos em 1933, o primeiro grande passo era o alistamento eleitoral dos negros. Feito, aliás, na própria sede da Frente Negra.

A seguir, o artigo publicado em *A Voz da Raça* pelo candidato Arlindo Veiga dos Santos:

*“O Dr. Arlindo Veiga dos Santos*

*Presidente Geral da F.N.B e candidato avulso à Constituinte, expõe a todos os compatriotas, resumidamente, o seu atualíssimo programa ORGANICO-SINDICALISTA, garantia única da destruição da politica profissional dos liberais, e penhor da vitória da TERRA, da TRADIÇÃO e do TRABALHO, contra o argentarismo e contra o bolchevismo.”*

*“Aos Frentenegrinos, aos negros em geral e aos demais Patricios, especialmente Trabalhadores e Produtores”.*

*“Em vista de certa situação do lado econômico, advindo das dificuldades financeira dos frentenegrinos e incompreensão de uma boa parte da população negra de São Paulo, impossibilitada a Frente Negra Brasileira de desenvolver uma campanha eleitoral á altura da situação, estava ela disposta a reservar-se para futuras lutas municipais, estaduais ou, mesmo nacionais.*

*A ultima hora, porem resolveu o Conselho Diretor que fosse apresentada uma candidatura, sugerindo meu nome para a representação possível(...)*

*O meu programa poderia ser resumido nesta formula simples:  
A TERRA, O SANGUE, O TRABALHO E O ESPIRITO.*

Em primeiro lugar, o Sr Arlindo aparece como um candidato avulso à Constituinte, nota-se que em nenhum momento ele se refere ou discutia em nome da Frente Negra Brasileira. Sua plataforma tem um discurso personalizado:

*O Estado que defenderei, para o Brasil, como necessidade absoluta da valorização da Terra, do Sangue do Trabalho e do Espirito, é o Estado Organicosindicalista em que se representarão realmente as forças produtoras da Nação, destruindo automaticamente todos os agentes da exploração nacional que se criam e sustentam no desmoralizado Estado liberal-democratico. Naquele Estado, terão representação garantida as expressões da realidade nacional, como seja a grande massa das nossas populações negras e mestiças abandonadas por um regimen de exploração do homem e esgotamento da terra.(...)*

No discurso acima está muito claro seu anti-liberalismo e uma proposta aparentemente contraditória: de um lado a defesa do Estado anti-liberal; de outro a garantia de participação dos negros. Assim, propunha ao mesmo tempo um regime anti-liberal e democrático!

*(...) Afinal, no problema da terra, estabelecemos a formula incisiva: TODA A TERRA DO BRASIL A TODOS OS BRASILEIROS. EXTINÇÃO DAS CONCESSÕES ESTRANGEIRAS.*

Abaixo encontramos outra contradição no discurso de Arlindo Veiga dos Santos- ao mesmo tempo que fazia uma proposta avançada de reforma agrária defendia posições xenófobas:

*Instituição do vinculo, do bem-de família não alienável.*

*Que todos os Brasileiros, na desgraça, tenham ao menos garantida a casa de morada.*

*No problema do Sangue, isto é, da Raça, será a primeira medida: SUSPENSÃO DA IMIGRAÇÃO POR VINTE ANOS*

*Valorização moral, intelectual, física e econômica das populações negras e mestiças, de modo que mais tarde, possam ASSIMILAR NACIONAL E RACIALMENTE todos os elementos adventícios. A política da imigração advém da falta de organização em que vivemos, da incapacidade dos políticos liberais. É como a política agrícola do abandono das "Terras esgotadas".*

*Quanto ao problema do Negro em particular, repito o ideal que defenderíamos (como frisei no manifesto aos Negros, lançado em 1931): "INTEGRALIZAÇÃO ABSOLUTA, COMPLETA, DO NEGRO, EM TODA A VIDA BRASILEIRA-POLITICA, SOCIAL, RELIGIOSA, ECONOMICA, OPERÁRIA, MILITAR,*

*DIPLOMÁTICA, etc.-; O negro brasileiro deve ter toda formação e toda aceitação em tudo e em toda parte, dadas as condições competentes ( que devem ser favorecidas) físicas, técnicas, intelectuais, morais, exigidas para " igualdade perante a lei". O Brasil precisa absolutamente cessar de ter vergonha da sua raça aqui dentro e lá fora na vida internacional*

---

Na plataforma de Arlindo, a questão racial foi colocada em destaque, estava clara a sua intenção de favorecimento aos negros. Mas ao mesmo tempo que Arlindo era um intelectual que elogiava Hitler por seu autoritarismo, o mesmo não poderia ser dito em relação a questão do arianismo. Assim ele propunha:

---

*Enforquemos o tal "Espírito de Arianos", que faz tão mal aos negroides do Brasil (...)Se o Brasil não tem um tipo racial, tem todavia uma raça. Essa precisa ser defendida, valorizada, educada, melhorada por si mesma e não por transfusão de outros sangues apenas teoricamente melhores.(...)*

---

Artigo assinado: Arlindo Veiga dos Santos Ano I n-7, 1933

---

Este artigo é extremamente rico. Em primeiro lugar, podemos destacar, sem sombra de dúvida, o artigo como discurso de um candidato negro que se dirige à comunidade igualmente negra; havia ali uma plataforma específica para a questão racial. Esses dados são consideráveis para dimensionar a importância e a inovação política da candidatura do Sr Arlindo. Em segundo plano, estavam as suas propostas políticas, expostas de forma confusa e ambígua. O que foi possível destacar era a crítica

muito clara aos regimes liberais, portanto marcando sua posição de anti-liberal.

Na chamada do artigo e nas primeiras linhas, apareciam a explicação de que o Sr. Arlindo era um candidato avulso, não era candidato da Frente Negra, nem tão pouco de outros partidos.

---

O Sr. Arlindo não se elegeu à Constituinte.

Temos notícias através do artigo de Jeferson Bacelar, sobre a Frente Negra na Bahia, que em Salvador também havia um candidato da Frente Negra, mas que também não conseguiu se eleger:

“Foi no campo político que a sua (Frente Negra) atuação ganharia maior impacto, através da realização de comícios no Largo 2 de julho, na Fazenda Garcia, no Largo do Tanque da Conceição, em Sete Porta, Baixa das Quintas e nas Docas(...) estimulados pela grande adesão aos “meetings”, como por exemplo nas Docas, que chegaram a reunir 3.000 mil pessoas, a Frente lançou candidato próprio – Dionysio Silva- para a Constituinte Nacional.”<sup>40</sup>

“Entretanto, dois dias antes das eleições, o poder institucional falou mais alto e a Frente Negra “deliberou retirar o seu apoio ao candidato prof. Dionísio da Silva. Em vista disso, resolveu o seu presidente, Prof. Marcos Rodrigues dos Santos, organizar “uma chapa eclética, sufragando candidatos reconhecidos sem preconceito de cor.” (Diário da Bahia, 01/05/1933)<sup>41</sup>

A campanha para a eleição do candidato negro em São Paulo mobilizou a Frente Negra, nos jornais havia anúncios para o alistamento eleitoral:

---

<sup>40</sup> Bacelar, Jeferson – “A Frente Negra Brasileira na Bahia” In Revista Afro- Ásia, Salvador, n-17, 1996 .pg 78

<sup>41</sup> Bacelar- Jeferson- op. cit. pg 83.

*“Alistamento Eleitoral”*

*A FNB... está oferecendo a sua sede central, um bem organizado posto de alistamento eleitoral*

*Este posto está a disposição de todos os fretenegrinos que ainda não possuem seu título de eleitor e bem assim de todos os demais interessados em adquiri-lo todos os dias das 11 as 22 hs.*

Ano II – 07/07/1934

Além da campanha à Constituinte, que possuía um caráter nacional, na medida em que assegurava ao negro participação nas questões políticas mais amplas, o jornal desenvolvia campanhas mais específicas em relação à luta dos negros.

Destacamos a luta pela entrada em logradouros públicos, como os riques de patinação que eram proibidos aos negros.

Sobre esse fato, o Sr. Francisco Lucrécio, presidente da Frente, revelou em seu depoimento a Márcio Barbosa <sup>42</sup>:

“Era moda em São Paulo, no inverno, ter os riques de patinação. Negro não entrava. Nós saíamos a campo pra saber por que não aceitavam negros. Era um lugar chique, eles não falavam diretamente que não aceitavam negros. Enrolavam, mas a coisa ia sendo engolida como se fosse um fato consumado para ambas as partes e nós, então protestamos contra isso e, na época, a Frente negra estava com muita força diante do governo Getulio Vargas. O chefe de policia, o Cordeiro Faria, emitiu uma nota: rinqe de patinação que não aceitasse negros fecharia suas portas, como de fato houve riques de patinação que foram fechados.”

Outra campanha importante foi a Campanha pelo ingresso dos negros na Guarda Civil de São Paulo.

---

<sup>42</sup> Barbosa Marcio – *A frente negra brasileira: depoimentos*. São Paulo: Quilomboje, 1998, pg. 54

Em 1928, encontramos o seguinte artigo:

*"A Guarda Civil e os Pretos"*

*Há muito tempo que os pretos desta capital e do interior, sentiam um pesar em seu coração, pelo motivo de saber que lhes era vedada a entrada nessa corporação de luxo que se chama Guarda Civil.*

*Assim com os corações dilacerado de dor e com as lágrimas, sempre murmurava: como é triste nascer preto nessa terra!*

*Existe um Deus, e a justiça não há de faltar.*

*Assim surgiu na tribuna da Câmara dos Deputados o Exmo Snr. Dr Orlando de Almeida Prado, amigo dos pretos, pronunciando formidável discurso em defesa da raça negra no Brasil; citando muitos pretos que souberam honrar o nome do Brasil e dos brasileiros nos campos de batalha, derramando o seu sangue por essa gloriosa terra de Santa Cruz.*

*O illustre paulista Dr. Julio Prestes, Presidente deste glorioso estado, mandou baixar um ordem para que sejam admittidos pretos naquella corporação dando um golpe de morte no preconceito de côr.*

*O Bello gesto do illustre Dr. Orlando Prado, veio demolir um preconceito, diminuindo o conceito das pessoas de outros paizes que no seu pensar diziam: negro não é bom porque o próprio governo recusa recebê-los na Guarda Civil!*

*Nós que temos nosso sentimento e que temos orgulho de ser Paulistas e Brasileiros jamais esqueceremos desse acto do Exmo. Dr. Julio Prestes e do seu illustre leader dr. Orlando de Almeida Prado."*

Artigo assinado: Horacio Cunha

Progresso 19/08/1928

Apesar do artigo ter sido escrito em 1928 e conter agradecimentos às medidas do então governador, o caso não fora solucionado.

Em 1933, a Frente Negra ainda fazia campanhas para o ingresso dos negros na Guarda Civil.

Vejamos o depoimento do Sr. Francisco Lucrécio:

“Em relação a Guarda-Civil, na época em que foi formada não aceitava negros. Exigiam do negro uma certa altura, sabíamos que era só pra nos impedir. E o diretor-geral da Força Pública era o Pedro Kalfman, um alemão, de forma que ali havia poloneses, húngaros, alemães, mas os negros eram preteridos. A Frente Negra soube e mandou que os negros fossem fazer inscrições na Guarda Civil e eles foram barrados. Organizamos uma comissão e fomos ao Rio de Janeiro falar com o presidente Getúlio Vargas. Viemos do Rio com a autorização do presidente Getúlio para procurar o comandante da Segunda Região Militar que, depois da Revolução de 30 era o general Góis Monteiro. Ele mandou que nos abrissemos inscrições para que os negros fossem para a Guarda Civil. Então, de uma leva foram mais de duzentos negros para a Guarda Civil. Isso foi em 1933. Uns que foram da Frente e outros foram para lá depois que entraram na Guarda.”<sup>43</sup>

Além do testemunho do Sr. Francisco Lucrécio, podemos também apresentar o depoimento do Sr. Marcello Orlando Ribeiro que, graças à campanha da F.N.B., conseguiu entrar na Guarda Civil. Era um dos duzentos recrutados na própria Frente Negra.

“Eu entrei para a Guarda Civil quando eu já estava com 17 ou 18 anos, era menor, tive de alterar a idade para entrar. Isso foi em 1932, depois que Getúlio chegou ao poder. Nesse momento, a Frente negra deu aquela força toda, nós nos apresentamos

---

<sup>43</sup> Barbosa, Marcio- op. cit. pg. 55.

em duzentos homens para a Guarda Civil e todos foram matriculados e tornaram-se membros participantes da Corporação. Mais tarde, quando a coisa amainou, a força da Revolução decresceu um pouco, uma grande parte foi dispensada sob o pretexto de alguns não serem alfabetizados e outros por terem passagem pela polícia.

Uma das grandes conquistas da Frente negra foi ter conseguido essa inclusão de negros na Guarda Civil. Foi um fato muito importante porque a Guarda Civil tinha um bom ordenado para a época.(...)”<sup>44</sup>

Outro destaque da luta específica era a preocupação constante com a educação. Na Frente Negra, havia um departamento específico para tratar a questão, havia a escola primária regular que funcionava na sede social, bem como cursos avulsos profissionalizantes e de alfabetização. Durante toda a existência do jornal, podemos acompanhar a reflexão e a ação sobre o papel da educação na ascensão social do negro.

Veamos uma parcela de um artigo escrito para arregimentação do negro:

*“Pensando na vida”*

*“Patrício negro!*

*O sr. Está contente com sua situação social atual?*

*Vive bem?*

*Não sofre continua diminuição por toda parte?*

*E o senhor é respeitado pelos brancos?*

*Tem seu salário garantido?*

*E sua instrução como anda? Sabe ler bem, escrever e contar?...Têm profissão? Mas suponhamos que o snr. Tenha tudo quanto é bom. E o que o snr. Espera de futuro para os seus filhos?*

---

<sup>44</sup> Barbosa, Marcio. Op. cit. pg. 84

*Vão crescer analfabetos, sem educação, sem ofício, viciosos pela corrupção do meio. Vão ser vencidos na concorrência com os mais aparelhados e com os estrangeiros que imigram para cá.(...)*

*(...) E você, mocinho negro, qual é a sua garantia de vida?*

*Na desgraça, os companheiros de esporte, de baile de farra como vocês dizem, o largarão "na rua falando sozinho"*

*Os Snrs. Todos não podem proteger-se sosinhos, e fiquem certos de que, estando cada negro separado para um lado, ninguém cuidará deles. É preciso união que cooperativamente facilitará tudo, cada vez que um precisar.*

*Hoje será um o necessitado amanhã outro. E a contribuição de todos estabelecerá o principio cristão e nacionalista. "todos por um e um por todos"*

*A União se faz por meio de uma associação. Para o negro ela existe: - é a Frente Negra Brasileira com sede central a rua da liberdade.*

*Lá funcionam:*

*(...) curso de alfabetização (de momento só noturno)...*

*escola de aprendizagem de costura corte*

*sessões instrutivas de educação moral e cívica (...)*

Ano I - 22/04/1933

*"Frente Negra e a instrução"*

*Um grupo de abnegados da FNB idearam e já começaram a por em pratica a criação de uma instituição escolar com um nome de "Liceu Palmares" destinada a desenvolver a cultura intelectual dos nossos patrícios.*

*Ensino primário, secundário, comercial e ginásial com seus alunos sócios da FNB.*

*O Liceu aceita alunos mesmo que não sejam sócios da FNB assim como brancos, brasileiros ou não.*

Ano I – n-02- S/d -1933

O que chama a atenção nestes artigos sobre a instrução era a preocupação com a capacitação dos negros para o mercado de trabalho. As propostas eram de cursos rápidos e profissionalizantes.

Vale a pena lembrar que entre os negros norte-americanos a preocupação era a mesma. Booker T. Washington notabilizou-se por criar estes cursos profissionalizantes e também por polemizar essa questão educacional com aqueles que defendiam a formação mais graduada para a comunidade. Du Bois foi um dos líderes norte-americanos que valorizou a formação acadêmica para o negro.

*“A Frente Negra Brasileira e a Instrução”.*

*“A Frente Negra Brasileira tem por finalidade única de sua agremiação, o levantamento moral e social da grande raça, que povoando esta parte do continente americano, com as duas outras, a lusa e a americana, constitue um dos elementos etnográficos da população brasileira.*

*O negro que lançou o alicerce da nossa formação racial, vê com magoa outra gente se aproveitar do seu esforço, sem usufruir dos frutos do seu suor, e tudo somente porque unidos não constituímos até hoje uma força que se imponha nos destinos da pátria.(...)*

Ano I –01/04/1933

*“Instrução”*

*“A revolução traz quasi sempre evolução, pois bem, graças a Deus, a revolução de 30 foi o que despertou os últimos mimos do coração do negro de há muito empesinhado no conceito da sociedade brasileira.*

*E daí nascem o mais forte desejo entre os negros de se colocarem a altura dos seus merecimentos.*

*E o negro de lá para cá tem procurado consolidar a sua educação, cimentando-a com a instrução.*

*As nossas sociedades compreenderam a tempo o quanto vale a biblioteca, o valor que tem para o negro o queimar as pestanas ou ouvir atentamente o que os outros (ilegível) sacrificando suas horas de lazer, ministram, com orgulho (ilegível) (...)*

*(...) E assim o negro só aprendeu alguma coisa, devido á sua fê inabalável, graças sempre ao seu esforço próprio e á sua vontade tenaz...”*

Artigo assinado: Rajovia, Ano I – 1933 pg 03

Neste artigo, os temas se repetem: a valorização do negro, a necessidade da instrução e, ainda em destaque, o apoio a Getúlio Vargas, demarcado na certeza de mudanças significativas a partir de 1930.

Vejamos a continuidade deste último artigo:

*“...Hoje admiravelmente se vê desde o menino até no adulto receber o livro como um pão celestial, guardar as lições recebidas com o entusiasmo sempre crescente da evolução.*

*O programma de instrução no meio negro, ganha terreno dia a dia, cresce sempre a olhos vistos, de uma maneira (ilegível)...;*

*embora não conte com proteção oficial ela ai patente aos olhos de todos.*

*E todo esse trabalho dos guiadores negros tem sido levado a efeito com a paciência dos negros, sustentando, despeito (ilegível) política interna, ameaças de grupos, etc.*

*A paciência é a fonte mais bela, mais apreciável da fortaleza de (ilegível) também a mais rara.*

*(...)*

*Contando somente com a boa vontade de seus associados e com a firme solução de fazer os alicerces desta obra grandiosa que é a educação e a instrução da Gente negra, os seus dirigentes provam mais uma vez, que querer é poder, e depesando os ataques hipócritas de uma corrente sem fim de chorões de todas as espécies, vão levando com paciência a obra a que se propuzeram.*

*O leitor ao ler estas linhas e que talvez nunca ouvisse falar disso, ficará naturalmente em duvida e, nesse caso eu aconselho que va assistir as aulas noturnas que essas sociedades ministram aos seus sócios.*

*Enfim estão de parabéns os mentores negros que esolheram o melhor caminho para chegarem ao fim dessa cruzada: A INSTRUÇÃO."*

Artigo assinado: Rajovia – Ano I – 1933

Como já foi dito, a instrução era a maior preocupação da F.N.B. e das outras associações negras. Destaca-se aqui que não havia só o discurso para a emancipação do negro, mas ações concretas, como promoção de cursos noturnos para adultos e matutinos para as crianças negras. Havia uma urgência em resolver a situação de degradação do negro, naquele momento histórico. As condições que mais incomodavam e eram mais

expressas no jornal eram o alcoolismo, analfabetismo e o desemprego; apareciam como questões primordiais.

Para completar essas informações, a seguir, as palavras do Sr. Raul Joviano do Amaral, conselheiro da Frente Negra, citadas por Florestan Fernandes:

“(...) Com o decorrer dos tempos essa degradação mais se arraigou no ânimo do negro, envenenado pelas maquinações diabólicas de interesseiros em tal estado caótico, e chegamos aos tempos modernos que exigem de todas as correntes, raciais, econômicas ou filosóficas, uma completa harmonia de ação para a defesa de interesses vitais da existência.

Assim a F.N.B. está congregando todos os homens da raça, qualquer que seja a sua condição e tem desfeito essa visão errônea do panorama da vida, que dominava as várias correntes então existentes. “Educar – O Brasil de si, já é, na expressão dolorosa mas justa da estatística, um país de analfabetos. E dentre estes, infelizmente, o negro ocupa grande percentual. Certamente que não lhe cabe culpa nessa situação. A geração que gemia na senzala, embriagada com a irônica liberdade com que lhe acenaram, atirou-se ao gozo das prerrogativas de sua libertação, sem capacidade para compreender a dura realidade da vida. Deram-lhe a liberdade moral e intelectual.

Sem capacidade para pensar e agir como poderia o negro transmitir aos seus filhos uma orientação mais firme e produtiva, numa seqüência progressiva? (...)

Individualmente, a solução do problema se tornava morosa e deveria, fatalmente, dar-se um congestionamento da questão.

O escopo da nossa organização é cuidar da educação coletiva, quer entre adultos, em vários graus e aspectos, como, principalmente, entre as crianças, desde o curso primário até as noções de instrução e educação, com ele, individualmente, sentindo a necessidade de se orientar por um prisma mais real e objetivo da vida, que lhe possa trazer melhores dias. (...)”<sup>45</sup>

Florestan Fernandes chama atenção para essa estratégia do movimento negro agir primeiro para depois perseguir seus objetivos:

<sup>45</sup> Fernandes, Florestan-A integração do negro na sociedade de classes. São Paulo: Atica, 1998, pg. 51

“Não se pretendia que o “negro” primeiro compreendesse esses objetivos centrais e depois agisse. Mas ao inverso, fomentava-se a ação como etapa inicial, deixando que, ao longo dela ou depois dela, os aderentes entendessem, como pudessem, o verdadeiro sentido daqueles objetivos centrais. Daí o fato capital: o ativismo constituía o nexo efetivo entre a liderança e a massa, bem como entre a propaganda, a formação de uma ideologia comum e a transformação de líderes ou de aderentes.”<sup>46</sup>

Para o autor, a avaliação dessa característica era positiva:

“Isso demonstra que a Frente negra operou, realisticamente, dentro de uma faixa estreita. Esse foi um preço de uma atuação eficaz, o qual não impedia a esperança de uma alteração radical da estratégia seguida, quando o próprio negro tivesse chance de pôr em prática comportamentos políticos de maior envergadura. No interregno, a ação convergia para fins imediatistas e praticáveis coletivamente.”<sup>47</sup>

Havia, entre os negros, a preocupação com a união para enfrentar os problemas individuais que ocorriam nas relações com os brancos. Tanto na Frente Negra como nos jornais encontramos essa estratégia de luta; nos artigos eram tratados coletivamente os problemas enfrentados pelos negros no seu dia a dia:

*“Recordações”*

*“Não sei escrever, jamais tive essa vaidade, mesmo porque na minha meninice, eu julgava a escola como uma coisa secundaria e não tive mesmo a felicidade de conhecer uma mãe carinhosa, que me indicasse o caminho certo que deveria trilhar; crescendo a mercê da sorte, e num meio que nada me poderia proporcionar de bom, tirei*

<sup>46</sup> Fernandes, Florestan- op. cit. pg. 54

<sup>47</sup> Fernandes, Florestan - op. cit. pg. 55

*as minhas conclusões e seguindo minha própria cabeça, ainda me considero feliz, por ter resistido ás tentações da vida, que é sempre má, para aquelles que como eu, não obtiveram luzes suficientes para a vitória na vida.*

*Mas felizmente a minha estrela não foi das piores, e o meu destino não foi tão adverso, freqüentei sociedades dansantes, tanto as boas como as más; em todas porem, nada de humanitário eu encontrava, e sim a loucura da dansa sem método; as ilusões fagueiras das nossas irmãs negras, seduzidas pelos seus irmãos, que após a jogavam na sargeta, indicando as mesmas o caminho da prostituição; gostei do baile e ainda não o detesto, mas penso, que era, como é, de grande necessidade moralisa-lo, para salvação total de milhões de irmãs, que servem de chamaris aos escrupulosos donos de salões, que vivem em São Paulo principalmente a custa da honra- alheia.*

*Não falo aqui de todas as sociedade, pois que ainda se salvam algumas; sito também as condenáveis, mesmo porque os meus patricios estão fartos de conhece-las.*

---

*Respeitemos e façamos com que também os brancos, respeitem as nossas irmãs negras, dignas de melhor sorte. 28-06-933"*

Artigo assinado por Roque Antonio dos Santos

Ano I – 1933

A preocupação coletiva com o moral dos negros aparece novamente em outro artigo:

*"A Rua Direita*

*Corrompimento social*

*Degradação Moral*

*“(...) Não somos, ainda, uma sociedade forte na estrutura econômica e, por isso mesmo, não podemos criar antagonismo entre o interesse individual e o interesse social, pois que, se fora assim, em face dessa derrocada, uma FORÇA seria levantada coagindo, até a violência, os indivíduos à obediência dos preceitos de sensibilidade e de moral, úteis á conservação e ao equilíbrio da sociedade.*

*O escândalo da rua Direita não modificou. Uma moça ou um rapaz desconhecendo aquela perdição, mete-se, ingenuamente, na fácil camaradagem pouco depois esta contaminado da pouca vergonha ali dominante.*

*Faltando-lhes força de vontade para o seu próprio domínio de derrocada em derrocada, chafurdam-se no lamaçal, do abismo á beira e tornam-se um inútil, um paria, desligado dos bons sentimentos, da noção do dever, um dandí de péssima reputação, um abutre ele, e ela, de moça virtuosa e honesta, não tardiamente, transforma-se, atirada pelos abutres á ronda sinistra dos bares escusos, ao hipotético esplendor das desgraçadas.(...)”*

Artigo Assinado: Rajovia

Ano III – Abril de 1937

Uma questão importante a destacar desses dois últimos artigos é a condição da mulher negra. Nota-se que os dois artigos denunciam a situação de aviltamento e exploração das mulheres negras.

Encontramos um outro artigo, cuja temática era rara de ser encontrada no jornal. Notícias negativas ou denúncias explícitas do racismo enfrentado pelos negras:

*“Espancada e ferida pelos patrões não foi atendida pela policia”*

*“Na véspera de natal a preta Izolina da Conceição de 22 anos de idade compareceu a quarta delegacia de polícia na Av. Paulista para prestar queixa, estava ferida e ensangüentada. Foi mandada para a central e depois de volta para a Delegacia onde mandaram voltar depois de três dias.*

*A preta procurou o jornal “O dia” ainda com hematomas, rosto inchado e esquimoses visíveis. Ela foi espancada pela patroa, patrão e filha o motivo segundo ela seria a cobrança de salário para as despesas de nata”l*

Ano I - n- 29 – 06/01/1934 -pg 04

Este tipo de artigo era raro no jornal *A Voz da Raça*, podemos afirmar que foi o único encontrado que revelava explicitamente o racismo contra os negros.

A ausência de notícias com esse teor pode ser explicada como uma medida deliberada, com o objetivo muito claro de omitir esses dados da realidade, para operar o contra-ponto dessa imagem negativa do negro. O jornal recorria sempre aos aspectos positivos, como já pudemos discutir nos artigos acima citados.

Lilia Schwarcz<sup>48</sup> informa que na Imprensa branca o negro era caracterizado, em um primeiro momento, basicamente como um ser violento e degenerado fisicamente, mais tarde, foi apresentado como um degenerado moral e ainda como um estrangeiro não desejável.

No jornal negro, toda essa identidade funcionava exatamente ao contrário: enaltecimento da raça negra, a preocupação com o moral e também a defesa desesperada do pertencimento à nação brasileira. Portanto, as notícias reais, onde o negro era sistematicamente aviltado,

---

<sup>48</sup> Schwarcz, Lilia –( 1987) op. cit.

desrespeitado ou tratado de forma racista, não interessavam como notícias a serem publicadas.

Para entender esse objetivo da Imprensa Negra, podemos examinar as notícias sobre as mulheres pertencentes a F.N.B. denominadas sugestivamente de “As Rosas Negras”:

*“Rosa Negras”*

*“18 de Novembro*

*Grandioso Festival Litero Dramático e Dansante*

*Organizado pelo grupo acima que mais uma vez promete agradar a distinta platéia Negra Paulistana, com o seu criterioso programa que será assim distribuído (...)*

*Para encerrar a noite, O GRUPO DAS ROSAS NEGRAS fará realizar um formidável e bem organizado saru dansante abrilhantado pelo aplaudido JAS ESMERO.”*

Ano II – n-34- 31/04/1934

No depoimento do fretenegrino Marcello Orlando Ribeiro, recolhido por Barbosa, temos mais informações sobre as Rosas Negras:

“A Frente fazia muitos bailes para angariar fundos e fazer o conagraçamento, porque até então nós só tínhamos bailes nuns salõezinhos por ai. Esses bailinhos não alcançavam a expressão dos bailes das Rosas Negras que a Frente Negra fez. As Rosas Negras eram moças e senhoras casadas que se vestiam apuradamente e faziam exibição nos baile. Um dos bailes que nos demos foi no salão verde, onde até então não havia entrado negros. O salão era no prédio Martinelli. Nossos bailes mais comuns eram na Liga Lombarda, parece-me que foi dado um também no Esplanada.”<sup>49</sup>

<sup>49</sup> Barbosa, Marcio- op. cit. pg. 91

### No depoimento de Aristides Barbosa:

“O Rosas Negras era um grupo de moças que davam bailes todas vestidas de branco com uma rosa preta no peito. Elas organizavam tudo, um negócio fabuloso, umas orquestras assim que marcaram época.<sup>50</sup>

### No depoimento do Sr. Francisco Lucrécio:

“A Frente Negra tinha uma equipe de bailes que se chamava Rosas Negras, e esses bailes ajudavam a Frente na sua economia, para pagar os alugueis. Tinha o conjunto, o regional, do qual o Aristides fazia parte, ele era músico na época. Tinha também a banda musical da Frente Negra que dava os seus concertos e que saía em passeata pelas ruas.

As Rosas Negras davam bailes no salão das Classes Laboriosas. A Frente possuía salão próprio, mas não comportava muita gente. Nos bailes havia bastante respeito porque, no fundo, o negro gostava tanto do baile que era difícil ele fazer arruaça. Tinha uma disciplina, uma educação, uma maneira de se portar dentro do baile que era um primor.

Nunca tinha problema de briga porque ali era um ambiente que ele defendia, pois ali ele passava as suas horas de lazer, arranjava namorada, de forma que nunca houve arruaças, não havia briga nem nada. O negro sempre gostou de baile. E há ainda uma idéia que jogaram que o negro gosta tanto de baile que acabou a escravidão e ele ficou dançando até hoje”.<sup>51</sup>

Nos três depoimentos, os fretenegrinos nos ajudaram a delinear o que fora o grupo Rosas Negras.

No jornal, freqüentemente apareciam relatos dos bailes:

<sup>50</sup> Barbosa, Marcio – op. cit. pg.20.

<sup>51</sup> Barbosa, Marcio – op. cit., pg.51

*“O festival dansante que o grupo das Rosas Negras promove mensalmente no suntuoso salão da Liga Lombarda continua marcando êxito retumbante, dando o geral agrado manifestado pelos afluentes dansarinos.*

*Não resta duvida que o baile nos proporciona momentos agradáveis!*

*A boa musica, num florido salão, seduzem e encantam as damas elegantes, que em vestidos luxuosos e multicores, borboleteavam irradiando a sua graça femininal. Rapazes “elegantes” e perfilados como livros, metidos em alinhadas jaquetas a “tome” como cravos dominadores de canteiros.*

*É bonito ver o baile, alegramos a vista esses volteios compassados na dormência de um tango, no andante de um fox sincopado, ou na cadensia de uma valsa pisando calos...e corações...*

*Mas ...só o que desagrada é a maneira pouco elogiosas de cavaleiros “fricoteiros” que se portam devéras inconveniente, dando uma péssima exibição de educação que desagrada e deprime.*

*Espetáculos assim revoltam e deprimem!*

*Mas felizmente, esses raros energúmenos despidos de elegância e de civismo, não pertencem à escola da educação e de cultura que é a F.N.B..*

*E, como, para os grandes males emprega-se os grandes remédios, o grupo das promotoras destes festivais já tomou severas providências para que os elementos destoantes da disciplina, doravante sejam severamente castigados, quando da exibição de seus gestos tão deselegantes como deprimentes.*

*Positivamente! Já é tempo de se moralisar os últimos retardatários da ascensão da raça”*

Ano IV- n-67 – Julho de 1937

Outra questão importante que ocupou o jornal durante vários números, e mais tarde tornou-se um caso de polícia, foi a cisão da Frente Negra em dois grupos.

Do grupo original e fundador da Frente saíram o Sr. Correia Leite e o Guaraná Santana, os dois eram editores do jornal *O Clarim da Alvorada*. A cisão teve como causa a direção política da Frente Negra, particularmente a figura de Arlindo Veiga dos Santos, que se constituiu no segundo grupo junto com seus seguidores, dando continuidade ao projeto da Frente Negra.

Em depoimento para Cuti, Correia Leite explica:

“Nós do grupo d’o Clarim d’Alvorada, no dia que foram aprovados os estatutos finais (Frente Negra), íamos combater porque não concordávamos com as idéias do Veiga dos Santos (Arlindo). Era um estatuto copiado do fascismo italiano. Pior é que tinha um conselho de 40 membros e o presidente desse conselho era absoluto. A direção executiva só podia fazer as coisas com ordem desse conselho. O presidente do conselho era o Arlindo Veiga dos Santos, o absoluto.”<sup>52</sup>

Na memória de Correia Leite, o Conselho era de 40 membros. Consultando os estatutos publicados no jornal *A Voz da Raça* e reproduzidos em vários livros, temos que o Conselho era composto de 20 membros e, de fato, havia a centralização do poder no presidente. Vejamos o estatuto:

*“Art. 6 – A Frente Negra é dirigida por um Grande Conselho, soberano e responsável, constando 20 membros, estabelecendo-se dentro dele o Chefe e o Secretário, sendo outros cargos necessários preenchidos a critério do Presidente. Este Conselho é ajudado em*

---

<sup>52</sup> Cuti- op. cit. Pg. 94.

*sua gestão pelo Conselho auxiliar, formado pelos cabos distritais da Capital”.*

*“Art. 7- O Presidente da Frente Negra Brasileira é a máxima autoridade e o supremo representante da Frente Negra Brasileira, e sua ação se limita aos princípios que a orientam.”*

Ano I – n- 5 – 15/04/1933 – pg. 03

Correia Leite, em depoimento para Cuti, declarou que a cisão com Arlindo Veiga dos Santos e a Frente Negra aconteceu no dia da aprovação dos Estatutos da Frente. Segundo Correia Leite, ele foi impedido de entrar porque deveria tecer críticas ao estatuto, e porque era membro do Conselho.

Impedido de entrar na reunião, Correia Leite vai para casa e redige uma carta de demissão do Conselho da Frente Negra:

“(…) Na carta eu explico as razões de eu estar em desacordo com as idéias políticas do presidente, e principalmente as idéias esdrúxulas dele querer restaurar a monarquia. Eu exponho a minha situação de não misturar minhas convicções políticas com as minhas idéias de movimento negro. Eu respeitava as idéias dos outros como queria que respeitassem as minhas. Mas, dentro do Movimento negro, ninguém tinha de impor suas idéias, principalmente de ordem política. Então eu digo serem as minhas convicções políticas republicanas, democráticas e socialistas.”<sup>53</sup>

Essa oposição política vai se desdobrar. No jornal *A Voz da Raça* aparece na forma de editoriais a defesa de Arlindo Veiga dos Santos. Em vários artigos, ele se defende das acusações de Correia Leite e tenta justificar sua ideologia. Vejamos um artigo de Arlindo Veiga dos Santos:

---

<sup>53</sup> Cuti- op. cit. Pg. 94.

*“Frente Negra Brasileira e o Patrianovismo”*

*“Para que se desfaçam mais uma vez os maus entendidos, transcrevemos a entrevista do Dr. Arlindo Veiga dos Santos – na Platéia do dia 26 de Janeiro deste ano:*

*A FRENTE NEGRA BRASILEIRA.*

*Não é influenciada pelo doutrinismo monarchico- ‘o que constantemente se apregoa por ahi é um facto que se prende unicamente á minha pessoa’ – Disse-nos o Dr. Arlindo Veiga dos Santos, Presidente da F.N.B.*

*A propósito de uma artigo recentemente publicado por jornal carioca attribuindo à Frente negra Brasileira objectivo puramente monarchico, ouvimos hontem, o presidente daquella organização, dr. Arlindo Veiga dos Santos, que nos concedeu as seguintes palavras:*

*‘Quanto a pergunta que me faz referente às noticias que se assoalham por ahi, affirmando que à ‘F.N.B.’ visa a implantação do extincto regimem monarchico’, tenho a declarar-lhe o seguinte: não há duvida alguma de que é commum essa presunmpção nos nossos meio. Mas nada há entre a ‘F.N.B.’ e a Acção Imperial Patrianovista. Embora monarchista, o cargo que occupo aqui, absolutamente nada tem que ver com minhas idéias. São cousas perfeitamente oppostas. A orientação da F.N.B. é puramente republicana. Fundada num espirito novo, orgânico, em harmonia com as evoluções sociaes do mundo contemporâneo em que perecem os valores negativos de tradição, renascendo os positivos, como no caso de syndicalisação vertical das classes, muitas vezes burlada pelo primitivismo da luta de classe, apregoadada pelo socialismo, os arregimentadores dos negros vieram buscar o atual presidente, de que tinham conhecimento pelos pequenos trabalhos do passado”.*

Mais uma vez Arlindo Veiga dos Santos usa o jornal para se defender das acusações de Correia Leite. Suas justificativas são extremamente contraditórias afirma que é um monarquista comandando um jornal republicano e que isso não se constitui um problema. Mas ainda, afirma que o cargo que ocupa não influencia a orientação do jornal e reafirma suas convicções anti-liberais.

Para a história da Frente Negra e para o jornal *A Voz da Raça* as convicções políticas de Arlindo Veiga dos Santos foram extremamente danosas.

Em 1937, a Frente Negra Brasileira transformou-se em partido político e em novembro do mesmo ano foi decretado o Estado Novo. Não houve despedidas. No último número do jornal havia uma série de artigos sobre um futuro Congresso de Negros que seria realizado em breve:

*“Em setembro realizar-se um congresso político da Frente Negra para comemorar o seu aniversário de fundação com a organização também e um partido político deverá definir-se em relação ao problema presidencial. A essa reunião devem comparecer delegados do interior de S. Paulo e de outros estados onde existem núcleos organizadores que chegaram a diretriz da sede central nesta capital.*

*O presidente da organização Sr. Justiniano Costa tomou providências para que essa conte com a mais perfeita... (ilegível-3 linhas)*

O artigo demonstra que não havia entre os frente-negrinos nenhuma suspeita sobre o fechamento político do país. Eles faziam planos para o futuro e desejavam fazer parte da campanha para a

sucessão presidencial. O jornal *A Voz da Raça* e a Frente Negra foram decretados extintos em novembro de 1937.

## Considerações finais

Com este trabalho, procurei fazer uma reconstituição histórica e antropológica do cenário para a atuação dos frente-negrinos e dos responsáveis pelo jornal *A Voz da Raça*.

Como eles responderam às principais questões que se apresentavam no período Vargas, como a imigração, a modernização, a questão do trabalho. Como eles reagiram diante da idéia da mestiçagem, promovida institucionalmente, cujo o foco central era a defesa da extinção dos negros; enfim, a tudo e a todos aqueles que os atingiam de forma direta ou indireta.

Além disso, pudemos constatar também, através do jornal, que os negros estavam sintonizados para além das fronteiras nacionais: traduzindo jornais negros americanos, acompanhando Congressos Pan-africanos, sofrendo com os linchamentos dos negros nos Estados Unidos, estabelecendo o que Paul Giroy denominou “unidade na diáspora” que, para o autor, não significa apenas e essencialmente a unidade da raça, mas como “formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem.”<sup>1</sup>

Reconstituir a voz desses negros foi o meu principal objetivo, minha missão era deixá-los falar, reivindicar, brigar entre si, serem contraditórios, pois assim poderia resgatar a “humanidade” do negro e seu passado de homem.

Procurei tratar meus interlocutores, como diz Rouanet<sup>2</sup>: “como seres racionais, capazes de argumentação e não como seres “sagrados”, perfeitos e sem humanidade”. Assim foi estabelecida a comunicação.

<sup>1</sup> Gilroy, Paul-*O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência* São Paulo: Ed. 34, 2001, pg.25.

<sup>2</sup> Rouanet, Sergio Paulo- “Ética e Antropologia” in *Estudos Avançados* n-4. São Paulo, USP.

Como disse, na introdução deste estudo, a nova Antropologia precisa incorporar as críticas ao relativismo cultural e ter como perspectiva a relação entre interlocutores em que tanto o pesquisador quanto o pesquisado sejam tratados como sujeitos. O nativo deve ter seu espaço no diálogo garantido.

Sempre nossa história privilegiou o dizer branco, oficial, letrado. Era o dizer dos “doutores” na melhor tradição do Império brasileiro. Aos negros: a chibata, o anonimato (escravos não tinham nomes), a passividade e a invisibilidade.

Trazer à tona a voz da raça foi uma experiência que pode muito bem ter um paralelo com a definição de literatura negra, construída por Zilá Bernd: “A presença de uma articulação entre textos, determinada por um certo modo negro de ver e sentir o mundo, e a utilização de uma linguagem marcada, tanto no nível do vocabulário quanto no dos símbolos, pelo empenho em resgatar uma memória negra esquecida legitimam uma escritura negra vocacionada a proceder a desconstrução do mundo nomeado pelo branco e erigir sua própria cosmologia(...)”<sup>3</sup>

Foi para emergir do limbo das histórias mal contadas que fizemos esta empreitada, reconstituindo um universo de tempo limitado; foram apenas sete anos de vida da Frente Negra Brasileira e quatro anos do jornal *A Voz da Raça.*, mas foram, sobretudo, anos de experiência, luta e dignidade para ficar na história e na alma do negro brasileiro.

E, sem exageros, a Imprensa Negra Brasileira tem registros também fora do país, como na Biblioteca do Harlem em New York, onde houve em julho de 2001, uma grande exposição, chamada “African Age – African and African Diasporan transformations in the 20th century”<sup>4</sup>, e entre as

---

<sup>3</sup> Bernd, Zilá – *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988, pg.22

<sup>4</sup> Essa exposição foi comemorativa aos 75 anos do The Schomburg Center for Research in Black Culture, o curador da exposição foi Howard Dodson.

realizações da população negra na América estava lá registrada a imprensa negra brasileira, denominada pelos americanos como “independent black press in Brazil”, juntamente com organizações políticas de Cuba, Jamaica e República Dominicana.

Adauto Novaes discorreu sobre o tempo e a história, e afirmou que as duas maiores invenções da humanidade foram o passado e o futuro. Sem passado e futuro não há história, portanto:

“(...) narrar a história de um povo a partir apenas do tempo presente, tempo fragmentado, direcionado, é negar a articulação de épocas e situações diferentes, o simultâneo, o tempo da história e o pensamento do tempo. Ora, é essa articulação que permite diferenciar condutas múltiplas no tempo e reconhecer que práticas políticas e culturais, consideradas estranhas e indesejáveis em determinado momento, sejam vistas de maneira diferente em outro. Esquecer o passado é negar toda efetiva experiência de vida; negar o futuro é abolir a possibilidade do novo a cada instante. Mas ainda as idéias de justiça, liberdade, alteridade, pensamento se tornam abstrações, vazias no espaço e no tempo, a partir do momento em que qualquer ação já se sabe eternamente feita e absolutamente irreparável.”<sup>5</sup>

Esse foi o meu objetivo. Espero tê-lo cumprido com o mínimo de dignidade que os Arlindos, Isaltinos, Deoclecianos, Jaymes, Josés, Pérolas e Linos merecem.

Quanto ao futuro, espero continuar a pesquisar sobre a Imprensa Negra, gostaria de estudar os jornais negros norte-americanos( *Negro World* e *Chicago Defender*) e traçar um painel comparativo, e assim entender mais sobre nossas histórias.

---

<sup>5</sup> Novaes, Adauto- “Sobre o tempo e a história” In Tempo e história(org) Adauto Novaes- São Paulo: Companhia das Letras, 1994, pg.09.

A construção deste trabalho muito se assemelhou ao ato de ligar um rádio. Ao sintonizar um canal, estabelecemos a comunicação e ao fazê-la, descobrimos, vozes, sons, melodias. No nosso caso, o estudo do jornal *A Voz da Raça* revelou um dizer negro, particular, universal, desesperado, indignado e esperançoso mas, sem dúvida, esse dizer era negro e foi interpretado por mim na condição de autora deste trabalho.

Nesta perspectiva concordo novamente com Geertz quando diz que o papel maior da "Antropologia é o alargamento do discurso humano".<sup>6</sup>

Podemos concluir que na leitura dos artigos contidos nos números dos jornais encontramos a solidariedade, a consciência de grupo, a exaltação às personalidades negras, a difusão da instrução e a educação moral. Mas, por outro lado, encontramos confusão ideológica, conflitos internos, contradições de todas as formas.

Todos esses atributos somam-se ao sentimento da coletividade e de pertencimento. Assim cumprem-se os objetivos. Da lição do passado podemos vislumbrar um futuro: ligar o rádio, sintonizar e ouvir *A Voz da Raça...*

---

<sup>6</sup> Geertz, Clifford - A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

## Anexo I

Os principais integrantes do chamado “meio negro”. Homens e mulheres que participaram das Associações Culturais, Clubes Recreativos e da Imprensa Negra, no final da década de 20 e nos anos 30:

- Alfredo Pires

Sargento da Banda da Força Publica

- Argentino Celso Wanderlei

Presidente do Cordão Carnavalesco Campos Elíseos.

- Arlindo Veiga dos Santos

Professor do Ginásio São Bento

Autor do Manifesto para o Congresso da Gente Negra em 1929.

Colaborador do *O Clarim D'Alvorada*

Fundador e Presidente da Frente Negra

- Bento de Assis

Substituto de Guaraná Santana na Legião Negra

- Ciro Costa

Poeta

Colaborador de *O Clarim D'Alvorada*

- Deoclesiano Nascimento

Redator-chefe do jornal *A Voz da Raça*

Redator-chefe do jornal *O Menelick*

•Fernando Góis

Poeta

Colaborador do *O Clarim D'Alvorada*

•Francisco Lucrécio

Dentista licenciado

Secretario geral da Frente Negra substituindo Isaltino a partir de 1932

•Frederico Baptista Souza

Membro do *O Clarim D'Alvorada*

Funcionário da Faculdade de Direito da USP.

Fundador do Clube Kosmos (Corpo cênico)

•Guaraná dos Santos -

Advogado.

Membro da Frente Negra

Dissidente da Frente Negra

Fundador da Legião Negra em 1932.

•Henrique Cunha

Membro do jornal *O Clarim D'Alvorada*

•Irmãos Freitas

Fundadores do jornal *A Promissão* (1928)

•Isaltino Veiga dos Santos

Despachante

Empregado do jornal *A Platéia*

Fundador da Frente Negra Brasileira, ocupou o cargo de secretário geral da Frente até 1932

•Jayme de Aguiar-

Amigo de infância de Correia Leite

Fundou com Correia Leite *O Clarim D'Alvorada*

•João Felipe Costa

Compositor

•Joaquim Valetim

Delegado da Frente Negra da filial na Barra Funda.

•José Assis Barbosa (Borba)

Fundou o Clube Negro de Cultura Social

José Correia Leite

Auto didata

Fundou o Jornal *O Clarim D'Alvorada*

Coordenou a realização do Primeiro Congresso da Mocidade Negra em 1929.

Foi um dos fundadores da Frente Negra

Foi dissidente da Frente

Fundou o jornal *A Chibata*

•Justiniano Costa

Último presidente da Frente Negra

•Lino Guedes-

Escritor e poeta

Fundador do jornal *O Getulino* de Campinas.

Livros publicados.

Colaborador do jornal *O Clarim D'Alvorada*

•Marcos dos Santos

Baiano.

Neto de Luis Gama

Responsável pela Frente Negra de Santos

•Mario Vasconcelos

Tradutor do jornal *Negro World* de Marcus Garvey para os jornais brasileiros

•Mister Gids

Inglês

Presidente do Centro Cívico Palmares (1926)

Gerente de uma grande rede de papelarias

•Oscar de Paula Cássia

Membro das *Tribuna Negra* (Jornal da Legião Negra Civil)

Participante do Centro Cívico Palmares

Professor de latim

•Raul Joviano do Amaral

Fundador do Clube Negro de Cultura Social

Provedor da Irmandade Nossa Senhora do Rosário .

Editor e colaborador do jornal *A Voz da Raça*

Assinava com o pseudônimo de RAJOVIA.

•Rubem Costa -

Membro do Clube Negro de Cultura Social

•Sebatiao Maurino

Diretor do Clube Negro de Cultura Social.

•Vicente Ferreira

Colaborador do *O Clarim D' Alvorada*

## Bibliografia

Alencastro, Luis Felipe – “Vida privada e ordem privada no Império” in Historia da vida privada no Brasil: Império. Vários autores, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Amaral, Raul Joviano – Os pretos do Rosário de São Paulo. São Paulo: João Scortecci, 1991.

Andrews, George R. – Negros e brancos em São Paulo (1888-1998). São Paulo, EDUSC, 1998.

Altman, Susan – Extraordinary African-americans: from colonial to contemporary times, New York: Children's press, 2001

Appiah, Kwame Anthony- Na casa de meu pai.-A África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

Araújo, Maria Celina D' – O Estado Novo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

Arendt, Hannah – As origens do totalitarismo: Imperialismo, a expansão do poder. Rio de Janeiro: Documentário, 1976.

Azevedo, Célia Maria Marinho – Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites- século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Azevedo, Elciene- Orfeu da carapinha: a trajetória de Luis Gama na imperial cidade de São Paulo. Campinas: UNICAMP, 1999.

Bacelar, Jéferson Afonso – “A Frente Negra Brasileira na Bahia” In Revista Afro-Asia. Salvador, n-17, pg. 73 a 85, 1996.

Barbosa, Marcio(org.)- Frente Negra Brasileira: Depoimentos. São Paulo: Quilomboje, 1998.

Bastide, Roger – Estudos Afro-brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1983.

Bastide, Roger e Florestan Fernandes- Branços e negros em São Paulo. São Paulo: Companhia Nacional, 1971.

Bérgson, Henri – Matéria e memória. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

Bernardo, Teresinha- Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo. São Paulo, EDUC/ FAPESP., 1998.

Bernd, Zilá – Introdução à Literatura Negra. São Paulo: Brasiliense, 1988.

Black, Allida M. “Championing a champion: Eleanor Roosevelt and the Marian Anderson “Freedom Concert.” In Presidential Studies Quarterly. Washington: Howard library, 1990.

Bennett Jr, Lerone – Before the Mayflower- A history of Black America. New York: Penguin Books, 1988

Butler, Kim D. – Freedoms Given, freedoms won – afro-brazilians in post-abolition São Paulo and Salvador. New Jersey: Rutgers University Press, 1998.

Capelato, Maria Helena – Multidões em cena: Propaganda política no vargismo e peronismo. São Paulo: Papirus, 1998

Carneiro, Maria Luiza Tucci- O anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945). São Paulo: Brasiliense, 1988.

Carvalho, José Murilo- Os bestializados: O Rio de Janeiro e a republica que não foi. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

Cavalari, Rosa Maria Feiteiro – Integralismo: ideologia e organização de um partido de massas no Brasil (1932-1937). Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

Chauí, Marilena- Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

Costa, Emilia Viotti da – Da senzala a colônia. São Paulo: Brasiliense, 1976

Cunha, Euclides da- “Mestiçagem e sociedade rural” In O Brasil no pensamento brasileiro. (org.) Djacir Meneses, Brasília: Senado Federal, 1998.

Cunha, Manuela Carneiro - Negros estrangeiros- os escravos libertos e sua volta à África. São Paulo: Brasiliense, 1985

- Cuti – ...E disse o velho militante José Correia Leite. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992
- Decca, Edgar de – O silêncio dos vencidos. São Paulo: Brasiliense, 1981
- Decca, Maria Auxiliadora Guzzo de – Indústria, trabalho e cotidiano: Brasil 1889-1930. São Paulo: Atual, 1991.
- Degler, Carl – Nem preto nem branco: escravidão e relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.
- Du Bois, W.E.B – As almas da gente negra. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.
- Eisemberg, Peter Louis- Guerra civil americana. São Paulo: Brasiliense, 1982
- Esedebe, P. Olanwuche- Pan-Africanism – the idea and movement, 1776-1991, Washington, D.C.: Howard University Press, 1994
- Fausto, Boris – História do Brasil. São Paulo: Edusp, 1996.
- Fausto, Boris – A revolução de 30: historiografia e história São Paulo: Brasiliense, 1970.
- Fausto, Boris (org) – Fazer a América. São Paulo: Edusp, 2000.
- Fernandes, Florestan- A integração do negro na sociedade de classes. São Paulo: Ática, 1978.
- Fernandes, Florestan – O significado do protesto negro. São Paulo: Cortez, 1989.
- Fernandes, Florestan- O negro no mundo dos brancos. São Paulo: Difusão européia do livro, 1972.
- Ferrara, Miriam- A imprensa negra paulistana: 1915-1963. São Paulo: FFLCH-USP, 1986.
- Freyre, Gilberto – Casa Grande & Senzala. São Paulo: Círculo do livro, S/D.
- Geertz, Clifford – A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

Geertz, Clifford- El antropólogo como autor. Barcelona: Ediciones Paidós, 1989.

Gilroy, Paul – O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34, 2001.

Goldhagen, Daniel Jonah- Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o holocausto. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Gomes, Heloisa Toller – As marcas da escravidão: o negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos EUA. Rio de Janeiro: URFJ/EDUERJ, 1994.

Guimarães, Antonio Sergio- “Racismo e anti-racismo”. (mimeo). São Paulo: Anpocs, 1996.

Guran, Milton- Agudás: os brasileiros do Benim. Rio de Janeiro: Nova Fronteira e Gama Filho, 1999.

Halbwachs, Maurice- Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1999

Hasenbalg, Carlos – Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1979.

Hobsbawm, Eric J. Nações e nacionalismo desde 1870: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002

Hobsbawm, Eric J e Terence Ranger- A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

Hochman, Gilberto e Nícia Trindade Lima- “ Condenado pela raça, absolvido pela medicina: O Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da Primeira República” In Raça, ciência e sociedade.(org) Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.

Holanda, Sergio Buarque- Raízes do Brasil. Prefácio de Antonio Candido. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

Ianni, Otavio – Escravidão e racismo. São Paulo: Hucitec, 1981

James, C.L.R. Os jacobinos negros. São Paulo: Boi Tempo, 2000.

- Kowarick, Lucio – Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil São Paulo: Brasiliense, 1987
- Landes, Ruth – A cidade das mulheres. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002
- Laraia, Roque de Barros- Cultura: um conceito antropológico . Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- Leandro, Paulo Roberto- Apresentação in Imprensa negra em São Paulo: 1918/1965, Boletim da Pinacoteca do Estado, Maio de 1977.
- Levine, Robert M. –Pai dos pobres?: o Brasil e a era Vargas. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- Lurecio, Francisco- “A frente negra brasileira” in Revista de Cultura Vozes. Petrópolis, volume 83, n-02, Maio de 1989.
- Maccpherson, C. B. – A democracia liberal: origens e evolução. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- Maio, Marcos Chor – “Qual o anti-semitismo? Relativizando a questão judaica no Brasil dos anos 30” In Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- Mattoso, Kátia de Queiros – Ser escravo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- Moraes, João Quartim e Elide Rugai Bastos (org). “Apresentação” In O pensamento de Oliveira Viana. Campinas: UNICAMP, 1993.
- Morais, Fernando de –Corações Sujos. São Paulo: Companhia das letras, 2000.
- Morais, Fernando de – Olga. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- Morgan, Kathryn- Filhos de estranhos: a história de uma família negra. São Paulo: Terceira Margem, 2002.
- Mota, Carlos Guilherme – Ideologia da cultura brasileira. São Paulo: Ática, 1980
- Moura, Clovis – Dialética radical do Brasil negro. São Paulo: Anita, 1994.

Munanga, Kabenguele- Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. São Paulo: Vozes, 1999.

Nascimento, Elisa Larkin- Pan-africanismo na América do Sul-emergência de uma rebelião negra. Petrópolis: Vozes, 1981.

Novaes, Adauto (org) – Tempo e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Pahim, Regina – “O movimento negro em São Paulo: luta e identidade”, MIMEO- tese de doutorado. São Paulo, FFLCH, USP, 1993.

Pena, Eduardo Spiller – Pajens da casa imperial: juristas, escravidão e a lei de 1871. Campinas, S. Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.

Perazzo, Priscila Ferreira- O perigo alemão e repressão policial no Estado Novo. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999.

Pinheiro, Paulo Sergio – Estratégias da ilusão: revolução mundial e o Brasil (1922-1935). São Paulo: Companhia das letras, 1991.

Pinto Silva, Maria Aparecida- “ Visibilidade e respeitabilidade: memória e luta dos negros nas Associações culturais e recreativas de São Paulo (1930-1968)”, MIMEO, dissertação de mestrado, São Paulo, PUC, 1997.

Pinto Silva, Maria Aparecida- Prática x produção reflexão sobre os estudos da cultura negra no Brasil hoje. Vários autores. São Paulo: ASEP, 1983.

Pootignat, Philippe e Jocelyne Streiff-Fenart –Teorias da etnicidade. Seguimento de grupos étnicos e suas fronteiras. São Paulo:UNESP, 1998.

Queiroz, Maria Isaura Pereira de – “Reflexão metodológica- reflexao tecnologica: convergências e contrastes.” São Paulo: FFLCH, 1983.

Ramos, Artur – As culturas negras no novo mundo. São Paulo: Ed. Nacional, 1979

Ramos, Artur- “Notas psicológicas sobre a vida cultural brasileira.” In Brasil no pensamento brasileiro. Op. cit.

Rose, Arnold – Negro: o dilema americano. São Paulo: Ibrasa, 1968

Rose, R.S.- Uma das coisas esquecidas: Getulio Vargas e controle social no Brasil -1930-1954. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

Ricoeur, Paul- O conflito das interpretações -Ensaio de hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

Roanet, Sergio Paulo- "Ética e Antropologia" In Estudos Avançados. N-04. São Paulo, USP.

Saes, Décio- "Industrialização, populismo e classe média no Brasil" In Cadernos do Instituto de filosofia e ciências humanas, n-6, Campinas: UNICAMP, 1976.

Schwarcz, Lilia M. As barbas do imperador. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

Schwarcz, Lilia Moritz -O espetáculo das raças- cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Schwarcz, Lilia Moritz- Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

Seyferth, Giralda- "Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização In Raça, ciência e sociedade. Op. cit.

Seyferth, Giralda- " Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo." In Repensando o Estado Novo. Op. cit.

Silva, Eduardo - Dom Obá II D'África, o príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor. São Paulo: Companhia das letras, 1997

Silva, Sérgio- A expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

Skidmore, Thomas E. - Preto no Branco- Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

Slenes, Robert - Na senzala, uma flor. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Souza Ramos – “Dos males que vêm com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre a imigração na década de 20.” In Raça, ciência e sociedade. Op. cit.

Spady, James g. –“ Marcus Mosiah Garvey: man of nobility and mass action” in Great black leaders: ancient and modern. Journal of African Civilizations. USA: December, 1987, vol.9, pg 370 a 409.

Svecenko, Nicolau – Orfeu extático da metrópole . São Paulo: Companhia das letras, 1992.

Tronca, Ítalo – Revolução de 30: a dominação oculta. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Viana, Hermano- O mistério do samba. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995

Viana, Oliveira- Raça e assimilação. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934

Viana, Oliveira – População meridional do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

Viotti, Emilia da Costa- Do império a republica. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Wacquant, Loic- Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

Widitz-Ward, Vera – “Os crioulos de Freetown” in Antologia da Fotografia Africana e do Oceano Índico. Paris: Editions Revue Noire, 1998

Jornais Negros:

A Voz da Raça ( Centro cultural de São Paulo)

Chicago Defender ( The New York Public Library)

Negro World ( The New York Public Library)

O Clarim D'Alvorada ( Biblioteca Municipal Mario de Andrade)

*A Chibata* ( Biblioteca Mario de Andrade)

*O Progresso* (Biblioteca Mario de Andrade)

Jornal diário: *A Folha da Manhã*

Sites:

<http://www.isop.ucla.edu>. – The Marcus Garvey and UNIA Papers Project, UCLA. Marcus Garvey; Life & Lessons- Sample Documents.

<http://www.schomburgcenter.org>.

<http://howard.edu> – <http://sb1.abc-clio.com>:81.America: History and Life

Arquivos e publicações:

Arquivo do Estado de São Paulo: Antigo acervo do Departamento de Ordem Política e Social- Pasta referente a Frente Negra Brasileira.

Boletim Especial da Pinacoteca do Estado- Exposição: “A Imprensa Negra” – 1977.

Boletim da Secretaria Municipal da Cultura de São Paulo- “A Trajetória do Negro Paulistano” – 1988.



Da direita para a esquerda : Atila José Gonçalves, Manoel Antonio dos Santos, Luiz Gonzaga Braga, Henrique Antunes Cunha, filho do Sr. Correia Leite e Sebastião Gentil de Castro



O PRECONCEITO DE CÔR, NO BRASIL, SÓ NÓS, OS NEGROS, G PODEMOS SENTIR. — ( Isaltino V. das Santos )

# VOZ DA RAÇA

São Paulo  
S a b a d o  
31 de Agosto  
Ano 1925

Organ do "GENTE NEGRA BRASILEIRA"  
MENSARIO INDEPENDENTE

DEUS  
PATRIA  
RAÇA  
e  
FAMILIA

Redação e Administração  
Rua da Liberdade N. 128 - Sala 19

## A Obra Frentenegrina Odió de raça Brasileiros! Desperta!

Arlindo VEIGA DOS SANTOS

Uma obra de modéstia arcaica de sua época, de uma administração precária, com a "Voz da Raça" passou por várias fases antes de chegar ao seu atual destino, varia, alterada e modificada, estabelecendo-se agora num terreno mais amplo, porém muito mais dinâmico e construtivo.

Devido à situação desfavorável de certos aspectos da obra, a "Voz da Raça" não pôde ser publicada em sua forma atual, mas a obra continua a ser publicada em sua forma atual, com a mesma finalidade e com a mesma importância.

Com a obra em mente, a obra apresentada é a "Voz da Raça", de 1925, de caráter informativo e educativo. A obra é apresentada em sua forma atual, com a mesma finalidade e com a mesma importância.

Com a obra em mente, a obra apresentada é a "Voz da Raça", de 1925, de caráter informativo e educativo. A obra é apresentada em sua forma atual, com a mesma finalidade e com a mesma importância.

Com a obra em mente, a obra apresentada é a "Voz da Raça", de 1925, de caráter informativo e educativo. A obra é apresentada em sua forma atual, com a mesma finalidade e com a mesma importância.

Com a obra em mente, a obra apresentada é a "Voz da Raça", de 1925, de caráter informativo e educativo. A obra é apresentada em sua forma atual, com a mesma finalidade e com a mesma importância.

## A Frente Negra Brasileira

Como é do conhecimento de todos, a Frente Negra Brasileira, criada em 1924, tem a honra de comemorar o seu primeiro aniversário em 18 de agosto de 1925.

A Frente Negra Brasileira, criada em 1924, tem a honra de comemorar o seu primeiro aniversário em 18 de agosto de 1925.

A Frente Negra Brasileira, criada em 1924, tem a honra de comemorar o seu primeiro aniversário em 18 de agosto de 1925.

A Frente Negra Brasileira, criada em 1924, tem a honra de comemorar o seu primeiro aniversário em 18 de agosto de 1925.

A Frente Negra Brasileira, criada em 1924, tem a honra de comemorar o seu primeiro aniversário em 18 de agosto de 1925.

### PROGRAMA DAS FESTIVIDADES COMEMORATIVAS À PASSAGEM DO QUARTO ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO DA GLORIOSA "FRENTE NEGRA BRASILEIRA"

- I - Às 10 horas - Missa em homenagem ao fundador da Frente Negra Brasileira, Sr. João Cândido.
- II - Às 11 horas - Recepção do Grande Conselho da Frente Negra Brasileira.
- III - Às 12 horas - Apresentação do Grande Conselho aos membros do Conselho e Estados, nas 15 cidades.
- IV - Às 13 horas - Lançamento do Grande Conselho.
- V - Às 14 horas - Apresentação do Presidente Geral, Sr. João Cândido, ao Conselho e aos Estados.
- VI - Às 15 horas - Recepção do Presidente Geral, Sr. João Cândido, pelo Conselho e pelos Estados.
- VII - Às 16 horas - Apresentação do Conselho e dos Estados ao Conselho e aos Estados.
- VIII - Às 17 horas - Apresentação do Conselho e dos Estados ao Conselho e aos Estados.
- IX - Às 18 horas - Apresentação do Conselho e dos Estados ao Conselho e aos Estados.
- X - Às 19 horas - Apresentação do Conselho e dos Estados ao Conselho e aos Estados.
- XI - Às 20 horas - Apresentação do Conselho e dos Estados ao Conselho e aos Estados.
- XII - Às 21 horas - Apresentação do Conselho e dos Estados ao Conselho e aos Estados.
- XIII - Às 22 horas - Apresentação do Conselho e dos Estados ao Conselho e aos Estados.
- XIV - Às 23 horas - Apresentação do Conselho e dos Estados ao Conselho e aos Estados.
- XV - Às 24 horas - Apresentação do Conselho e dos Estados ao Conselho e aos Estados.
- XVI - Às 25 horas - Apresentação do Conselho e dos Estados ao Conselho e aos Estados.
- XVII - Às 26 horas - Apresentação do Conselho e dos Estados ao Conselho e aos Estados.
- XVIII - Às 27 horas - Apresentação do Conselho e dos Estados ao Conselho e aos Estados.
- XIX - Às 28 horas - Apresentação do Conselho e dos Estados ao Conselho e aos Estados.
- XX - Às 29 horas - Apresentação do Conselho e dos Estados ao Conselho e aos Estados.
- XXI - Às 30 horas - Apresentação do Conselho e dos Estados ao Conselho e aos Estados.
- XXII - Às 31 horas - Apresentação do Conselho e dos Estados ao Conselho e aos Estados.

### DISCORRENDO

Manuel Alves da Silva

O CORRENDO é um período de cinco dias de trabalho, durante o qual se realiza o trabalho de ensino e de aprendizagem. O trabalho é realizado em um ambiente de trabalho, onde o aluno aprende a trabalhar de forma independente e responsável.

20

# O Clarim d'Alvorada

ORGAN LITERARIO, NOTICIOSO E HUMORISTICO

Direção: Jim de Araguary & Lobo

ANNO IV

S. PAULO, 16 de Outubro de 1927

NUM. 36



JAYME DE AGUIAR

II do corrente foi a data faustosa da passagem de mais um aniversário feliz, do nosso prezado amigo e companheiro de terra Jayme de Aguiar é bastante reconhecido e estimado em nosso meio; por certo, recebeu nesse dia, innumeras felicitações de seus amigos e admiradores. Ao distinto aniversariante, que é o director principal desta folha, e sempre empenhado com esmero, e seu valioso concurso para o engrandecimento da nossa geração, os nossos sinceros cumprimentos. O aniversariante tem-se impellido na larga roda de amigos, na qual é, sem dúvida, não somente pela sua apreciavel cultura, como também pela sua admiravel modestia e maneiras educadas para com todos que o cercam. Entre as homenagens prestadas ao bom amigo, nessa gratissima data, julicamos esta, apesar da sua grande simplicidade, porém estantes certos que desta forma nos desbragamos e cumprimos o nosso dever.

## CENTENARIO DO CAFÉ O HERCULES DE EBANO

A RAÇA MUELDORHA E FORTE NA GLORIFICAÇÃO  
MAIS ALTA A IRM. TRABALHO

Nessa, neste momento, a maior das ingratidões esquecer, essa raça de sofrimento e de humildade, essas tradições, em nosso país, cada instantemente ligadas ao evocar da nacionalidade a raça preta.

O Hercules de ebano?  
Que de evocações estas simples palavras nos sugerem?

Desde que o primeiro desalho da consciência nacional levou ao alor da raça o Hercules de ebano, revestido no fundo do coração a nostalgia das glorias anticas, encarnando as legiões do direito da nobre raça, representando a justiça e a dignidade sob o signo da liberdade, tem vindo caminhar, pelo mundo que era mudo e percoer, caminho duro e hostil estrada agreste e incerta, lida de todas as lutas do destino, cruzado por todos os raios do destino.

Ele foi o responsavel humilde e forte que serviu por entre as lagrimas; o amigo constante e firme que esperou os silhios, beijando o mudo que o castigava; o que, mostrando muitas vezes, o medro perdido de resignação, sempre.

Tinhamos tudo a fazer. A patria a construir, o mudo a levantar.

Em tempo, provas mysteriosas e profundas, a vida secular. Era preciso subjugá-la. Foi o Hercules de ebano um

dos nossos companheiros de jornada. Nas noites, nos parlamentos os olhos multiplos da metropole não perdiam um gesto dos homens novos na terra nova.

O Hercules de ebano, dava-nos lodo e paciencia, a lida alta da constancia.

Hadava fidalgo. Sentiu-se, cretado nos raios do sol, a espessa carapinha ruiva de guerra, e assim dando-lhe um brilho de ouro aos musculos potentes. Havia ele, desde o raiar do dia, na lida tremenda da lavoura, pregado à terra, junto da terra, confundido com a terra como se tivesse criado raizes!

O solo era a nossa grande riqueza. Guardava nas entranhas, todo o nosso porvir. Mas guardava-o como um avoro guarda o seu ouro.

Ano quando que tentasse a aventura respondia a terra com a febre, o miasma, a pestiferencia. E o braço preferia a lidação avara do vento, o arvo diabolico do garimpo, ou a ferva sanguinaria rixa do selvagem. Mas a vida esperava-se. Logo o garimpo, la diabolico como a ferva que, projectada para além do ultimo horizonte, mostrava, à margem das rias azuis, o sonho lido do ouro.

Mas o Hercules de ebano trouxera da Africa adianta a rija tempera do domador. Daquella humildade subita e ven-

cedor da terra, daquella simplicidade serena e ferreador da glorio.

Na nova patria só conhecia um trabalho e trabalho. Uma missão e trabalho. Uma esperança e trabalho. Não era uma criatura para os vãos alados do espirito. Era um ser nascido para as galés da fadiga.

Surta-lhe, acaso nas noites de silencio longa através da lidação da terra uma esperança breve nos raios de uma estrela? Talvez... O Hercules de ebano crucificado à terra do rallo arado para amar-a. Era um pouco sua, tambem, filha do seu longo sofrimento e da sua profunda humildade, essa terra vermelha como o sangue do Tio-mem, humida e fecunda como o suor do homem.

E, com o sentimento de tambem possuir uma patria o Hercules de ebano não perdeu, jamais a esperança da liberdade.

Transcrevemos esta vibrante chronica, do conhecido e prestigioso jornal desta capital - O Diario Nacional, numero especial do Centenario do Café, que nas suas columnas não deixou passar despercebida nesta data, o valor da Raça Negra...

## Alinda ha juizes em Berlin!

Quando se cogita da elaboração do programa das lidações que se devem commensurar a segundo centenario da introdução do café no Brasil, escrevemos, há um anno e tanto uma linha... Um lembrete apenas, do quanto o braço, negro, lida comprido para o desenvolvimento e implantação da cultura da formosa rubrica. E pedimos que se lhe fizesse justiça. Um lugar oportuno no momento para aquelle que era sob o signo de vida social e politica, a cultura humana mais obsequiosa de que ha noticia em todos os tempos.

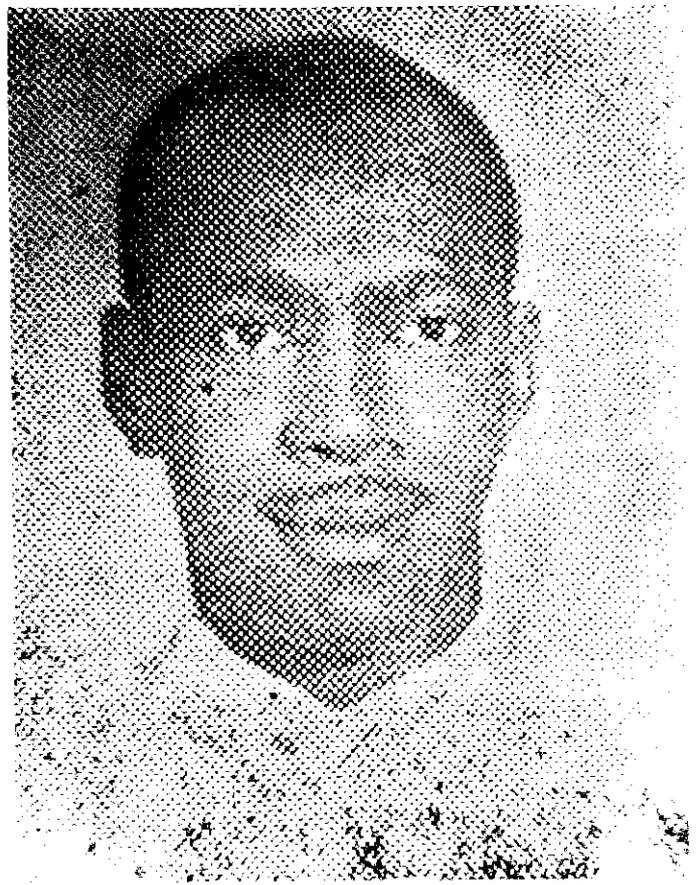
O Clarim da Alvorada, foi o nosso porta-voz. Propaladamente e corinthio. O menor rego da grande imprensa da Piratininga. Presentemente o unico que exprime o sentir de uma raça. Mal: mortado por dois jovens. Lactadores abnegados. No campo vasto da imprensa tem elle a tenacidade de Henrique Dias, Jayme e Lobo cada de parabens pela victoria de sua folha.

O Tempo com sua indifferencia de não vencer distancia, corria. Passaram...

03



Arlindo Veiga, primeiro presidente da "Frente Negra Brasileira"



Raul Joviano do Amaral, diretor do Jornal "A voz da Raça"



JAYME DE AGUIAR

José Correia Leite, co-fundador e diretor do "Clarim de Alvorada" Jayme de Aguiar, co-fundador e diretor do "Clarim de Alvorada"

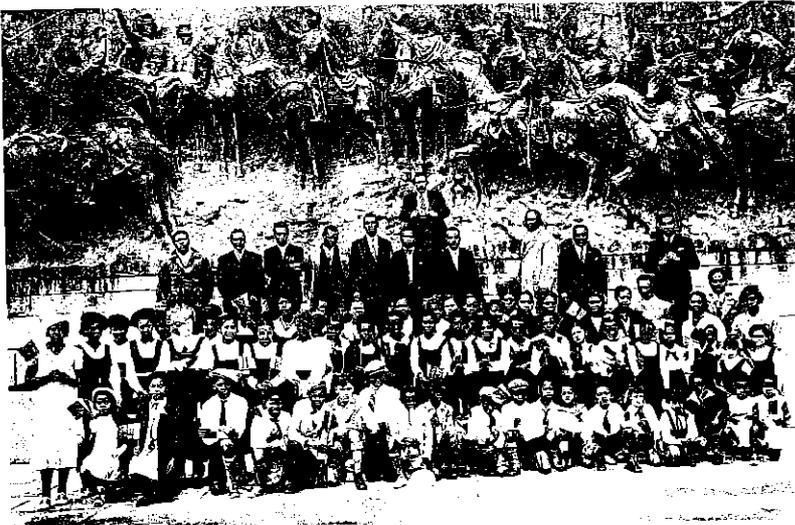


FRENTE NEGRA BRASILEIRA



*Escola da Frente Negra com as duas professoras ao fundo (a da esquerda é a professora Gersen).*

Fotos: arquivo de Francisco Lucrécio



*Visita das crianças da escola frentenegrina ao Museu do Ipiranga.*

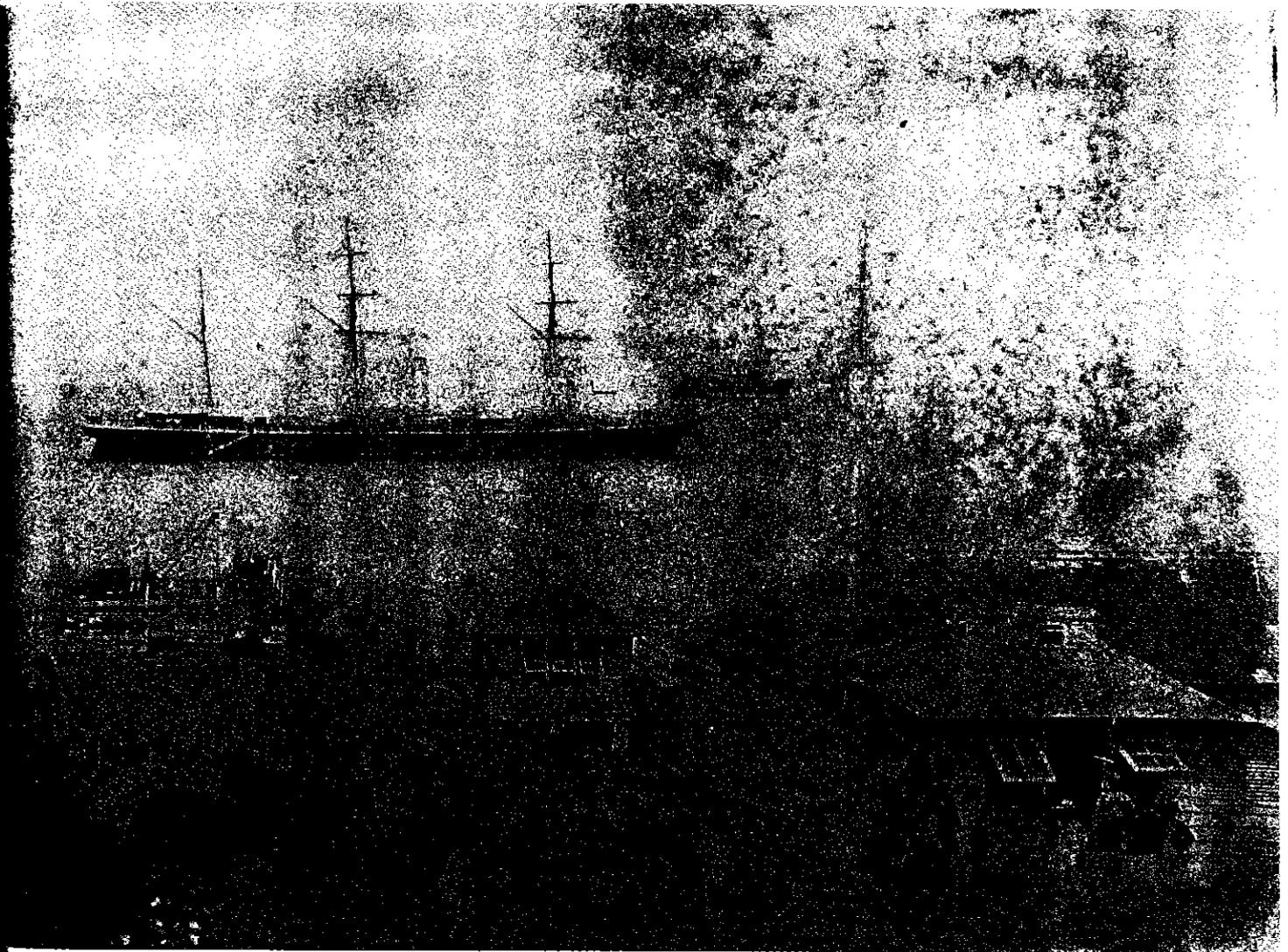
Organizadores

Marcos Chor Maio

Ricardo Ventura Santos

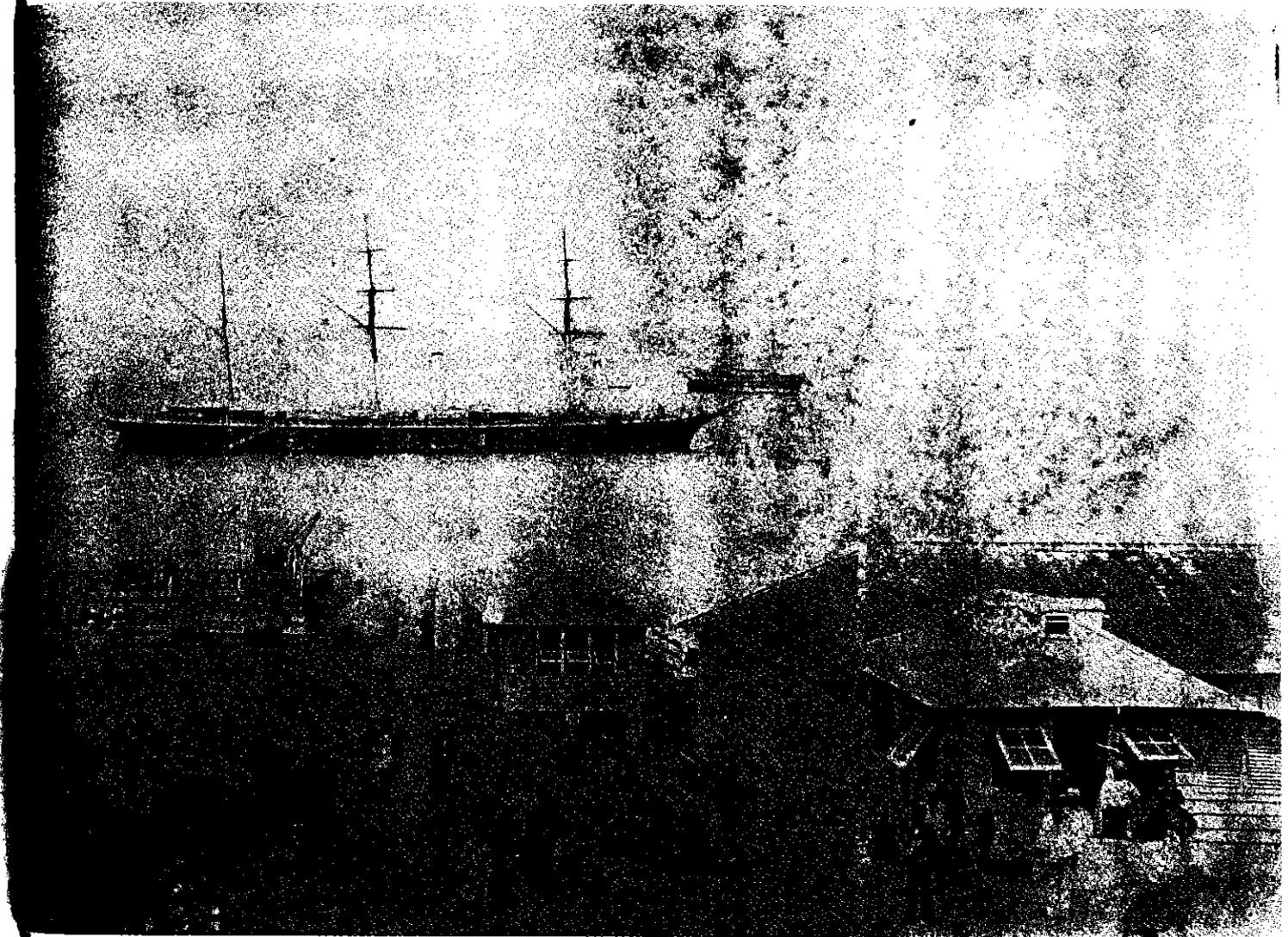


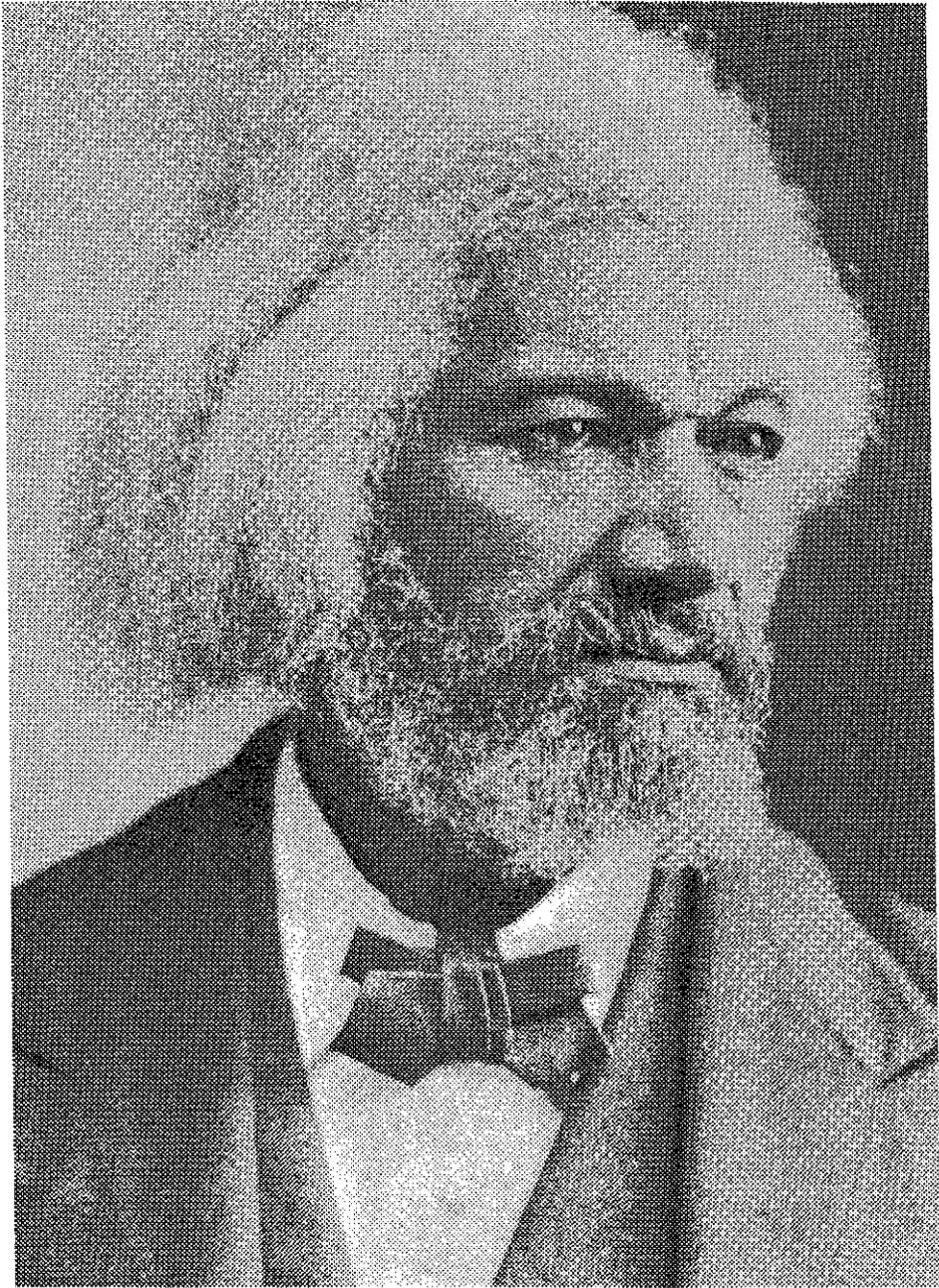
Serra Leoa

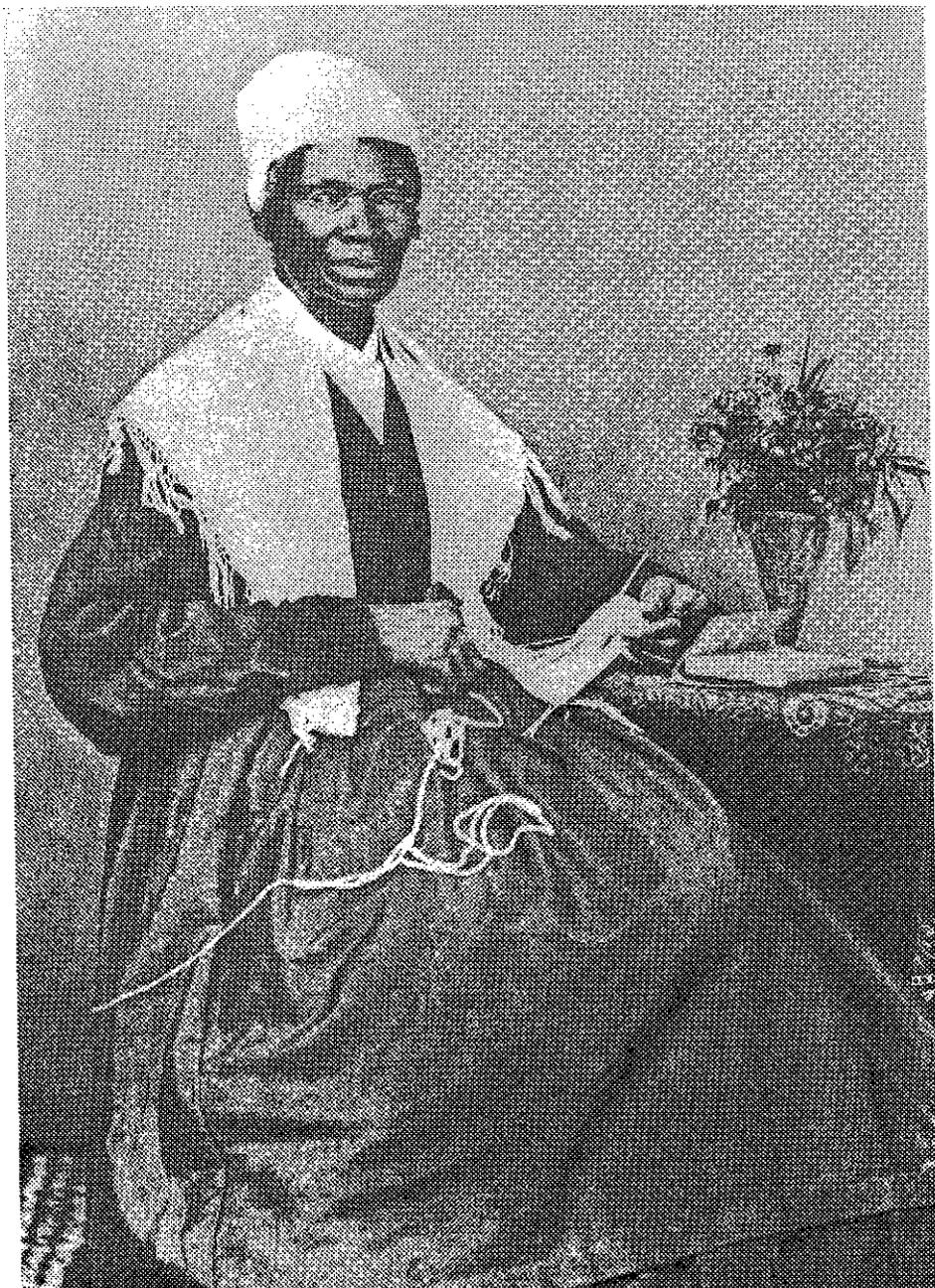




Serra Leoa





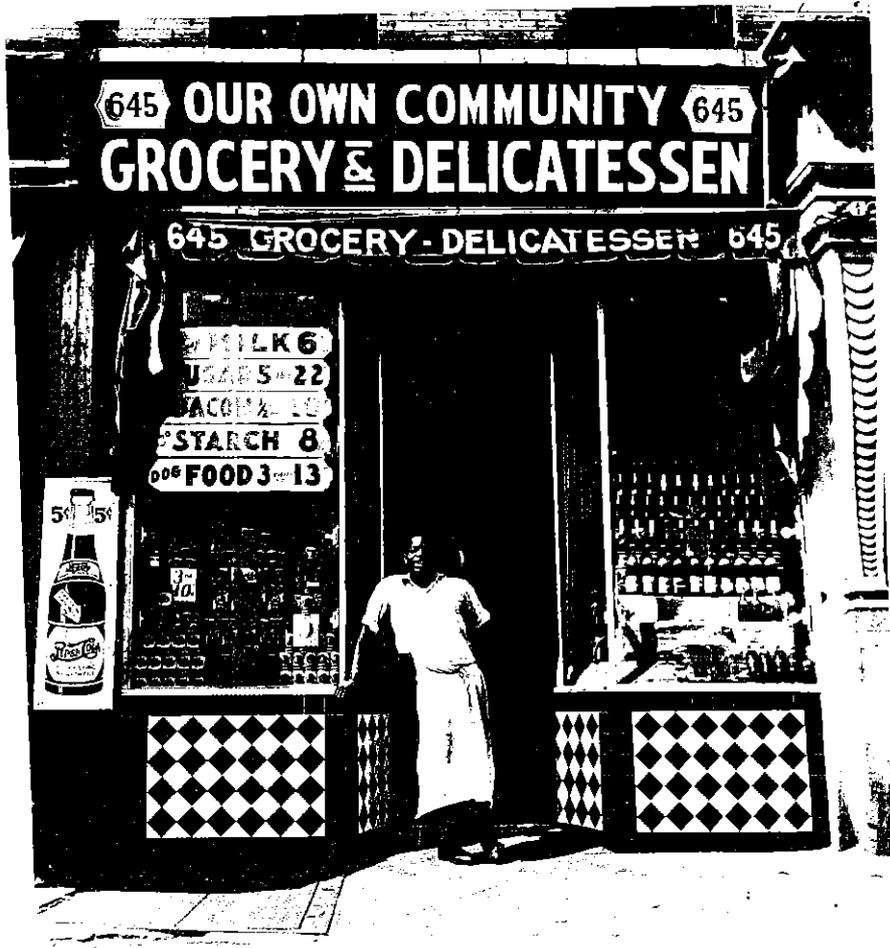




J.A. Consultants to Liberia, 1921  
J.A./Marcus Garvey Archives



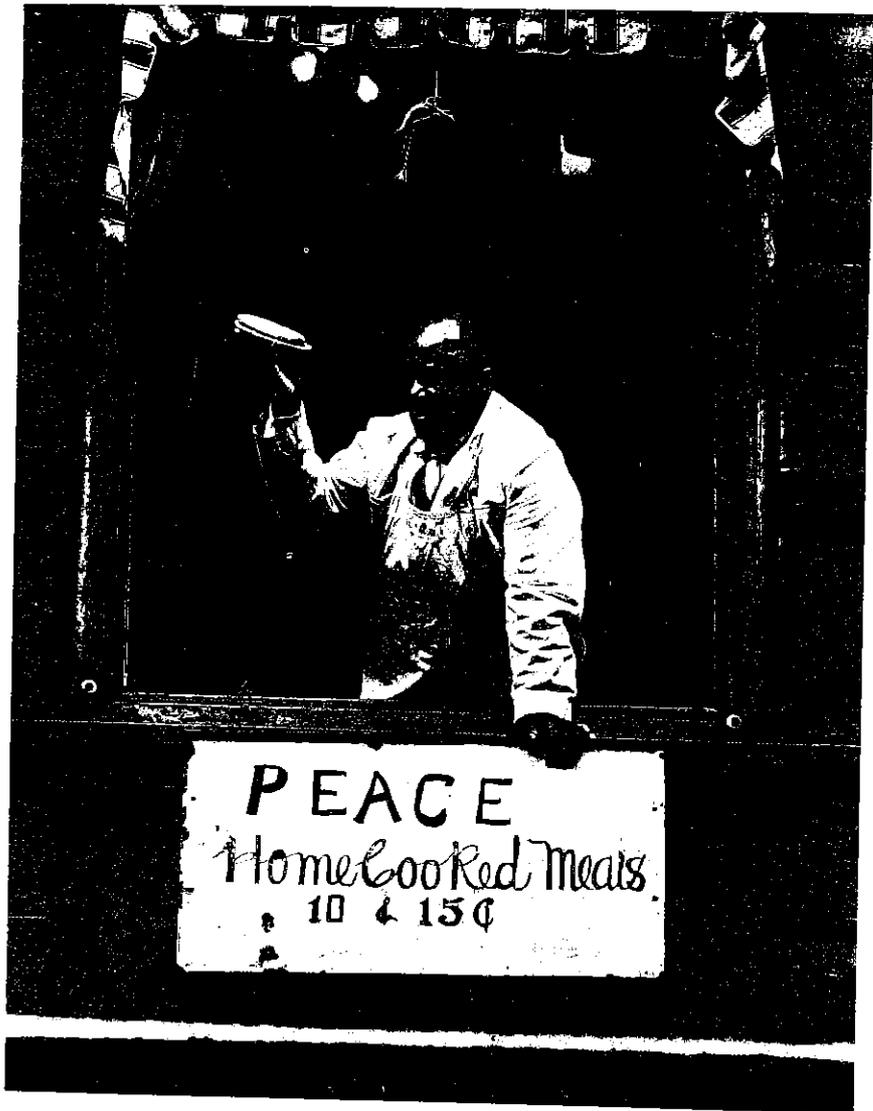












# THE CRISIS

A RECORD OF THE DARKER RACES

Volume One

NOVEMBER, 1910

Number One

Edited by W. E. BURGHARDT DU BOIS, with the co-operation of Oswald Garrison Villard, J. Max Barber, Charles Edward Russell, Kelly Miller, W. S. Braithwaite and M. D. Maclean.



## CONTENTS

Along the Color Line	3
Opinion . . . . .	7
Editorial . . . . .	10
The N. A. A. C. P.	12
Athens and Browns- ville . . . . .	13
By MOORFIELD STOREY	
The Burden . . . . .	14
What to Read . . . . .	15

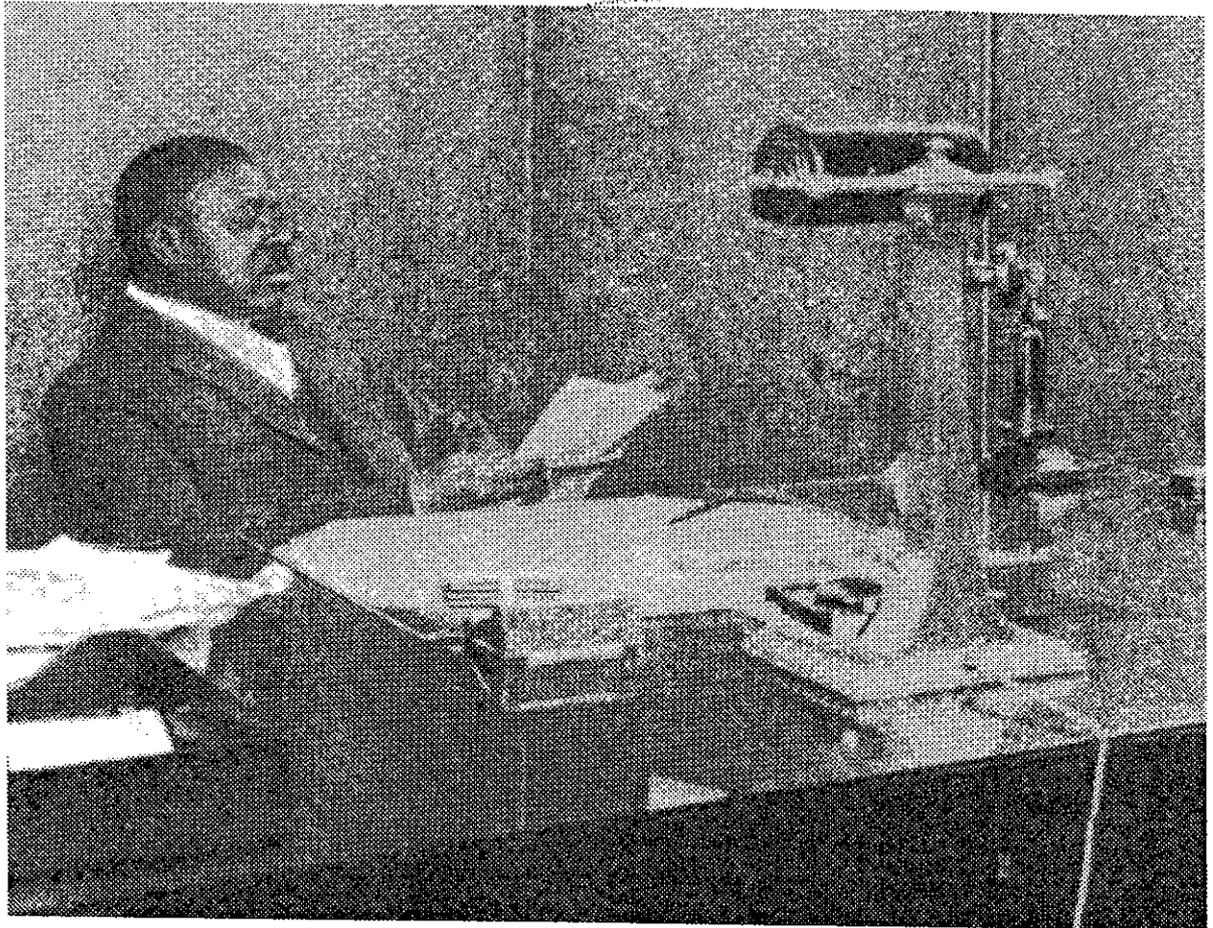
PUBLISHED MONTHLY BY THE

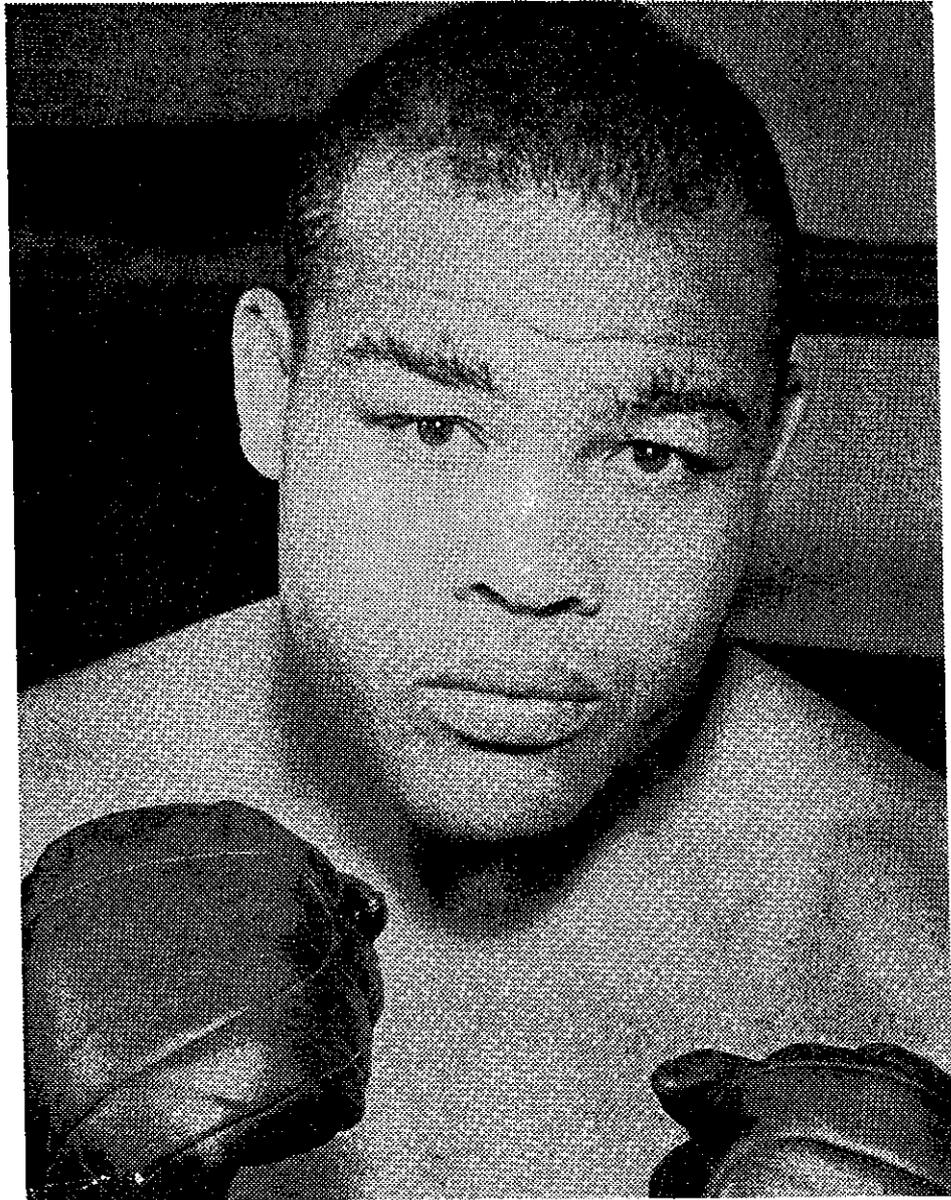
National Association for the Advancement of Colored People  
AT TWENTY VESEY STREET NEW YORK CITY

ONE DOLLAR A YEAR

TEN CENTS A COPY













A Newspaper Devoted Solely to the Interests of the Negro Race

NEW YORK, SATURDAY, FEBRUARY 12, 1921

# ALL NEGROES SAVE THEMSELVES

## Save Themselves—Invest Your Money Now in Star Line Before it Becomes too Late

The Negro Race, Greeting...  
...more to write to you asking your co-  
...great work we have started in the interest of  
...egro Improvement Association and African  
...league. Reports from all parts of the West  
...the fact that thousands of our men are out  
...America, experience through my travels  
...that thousands are in desperate need. Thou-  
...thrown out of employment through the great  
...ck that is now sweeping the entire world.

in this condition? Are we waiting for some imaginary savior  
...to come and relieve our situation? Are we waiting for  
...some spiritual being to help us? We will be in intel-lectual  
...day, and the miracle will not be performed. You must now  
...be up and doing, having a head on your shoulders. Your own  
...actions, if initiated now, shall we have the fate of threat-  
...ened disaster. While conditions prevail among a large num-  
...ber of our race, yet through many in America, the West In-  
...dies, Central America and Canada, we who are employed  
...can do something worthy of the name of the race, through  
...which we can ward off universal want within our ranks.

...think  
...the  
...brother  
...will  
...the  
...man's  
...money  
...others do  
...those who  
...unemployed  
...perform as

## Anexo II

### Galeria de fotos e imagens.

1- Alguns integrantes da Imprensa Negra, destaca-se na foto:

Da direita para a esquerda: Átila José Gonçalves, Manoel Antonio dos Santos, Luiz Gonzaga Braga, Henrique Antunes Cunha, filho de Correia Leite e Sebastião Gentil de Castro. Fonte: Boletim da exposição Imprensa Negra- 1977 -Pinacoteca do Estado de São Paulo.

2- Primeira página do jornal *A Voz da Raça* – ( 1935) - Pinacoteca do Estado.

3- Primeira página do jornal *O Clarim d'Alvorada*. - (1928) – Pinacoteca do Estado

4-Arlindo Veiga dos Santos, primeiro presidente da Frente Negra Brasileira e Raul Joviano do Amaral, diretor do jornal *A Voz da Raça* – Pinacoteca do Estado

5-José Correia Leite, co-fundador e diretor do *O Clarim d'Alvorada* e Jayme de Aguiar, co-fundador e diretor do *O Clarim d'Alvorada* – Pinacoteca do Estado.

6- Escola da Frente Negra Brasileira com as duas professoras ao fundo ( a da esquerda é a professora Gersen) – Fonte: Barbosa, Márcio (org.) – A Frente Negra Brasileira: depoimentos. São Paulo: Quilomhoje, 1998.

- 7- “Redenção de Can” – 1895 – Modesto Brocos y Gómez (Espanha: 1852)  
Esse quadro foi levado por Lacerda em 1911 ao Congresso Internacional das Raças para ilustrar sua tese sobre o desaparecimento da raça através da mestiçagem. – Reprodução da capa do livro Raça, Ciência e Sociedade
- 8- Serra Leoa – Porto de Freetown – 1870 – Antologia da fotografia africana.
- 9- Rua principal de Freetown – 1870 – Antologia da fotografia africana.
- 10- Mercado de Freetown – 1870 – Antologia da fotografia africana.
- 11- Frederick Douglas –(1817-1895) – Norte-americano. Ex- escravo, abolicionista, jornalista, editor e orador. Extraordinary african-americans
- 12- Sojourner Truth (1797-1883) – norte-americana. Abolicionista, ativista dos direitos civis femininos. Extraordinary african-americans
- 13- Membros da UNIA (Marcus Garvey) (1921) – Consultores para a Libéria. Fonte: Marcus Garvey archives (site).
- 14- Artigo sobre o Brasil no jornal *Negro World* – Sábado- 19-02-1921  
Coleção: Biblioteca da Cidade de New York – Harlem
- 15-Anúncios do jornal *Negro World* (1921) - Atenção para a “Black Star Line” empresa de Marcus Garvey.  
Biblioteca Municipal de New York

**16-** Empresários negros- clientes negros – campanha de Marcus Garvey.

Foto no Harlem- Aaron Siskind

**17-** W.E.B. Du Bois – (1868-1963) – Norte-americano. Antropólogo, educador, líder dos direitos civis, membro da NAACP e editor do *The Crisis*. Extraordinary african-americans

**18-** Booker T. Washington - (1856-1915) - Norte-americano. Educador. Fonte: Extraordinary african-americans.

**19-** Marcus Garvey (1887-1940) – Jamaicano. Nacionalista negro, editor do jornal *Negro World*. Extraordinary afro-americans

**20-** Harlem – (1935) – National Museum of American Art- Smithsonian Institution.

**21-** Jornal *The Crisis* editado por W.E.B. Du Bois – órgão oficial da NAACP. Biblioteca Municipal de New York – Harlem

**22-** Harlem ( 1937) – Apollo Theater – National Museum of American Art.

**23-** Robert Sengstacke Abbott (1870-1940) Norte-americano. Jornalista, ativista dos direitos civis, editor e fundador do jornal *Chicago Defender*. Extraordinary afro-americans.

**24-** Joe Louis (1914-1981) – Norte-americano. Boxeador. Extraordinary afro-americans.

**25-** Marian Anderson (1897-1993) – Norte-americana. Cantora.  
Extraordinary afro-americans.

**26-** Primeira página do jornal *Chicago Defender* (18-01-1930).  
Arquivo da Biblioteca Municipal de New York - Harlem.

**27-** Primeira página do jornal *Negro World* (12-02-1921)  
Arquivo da Biblioteca Municipal de New York – Harlem